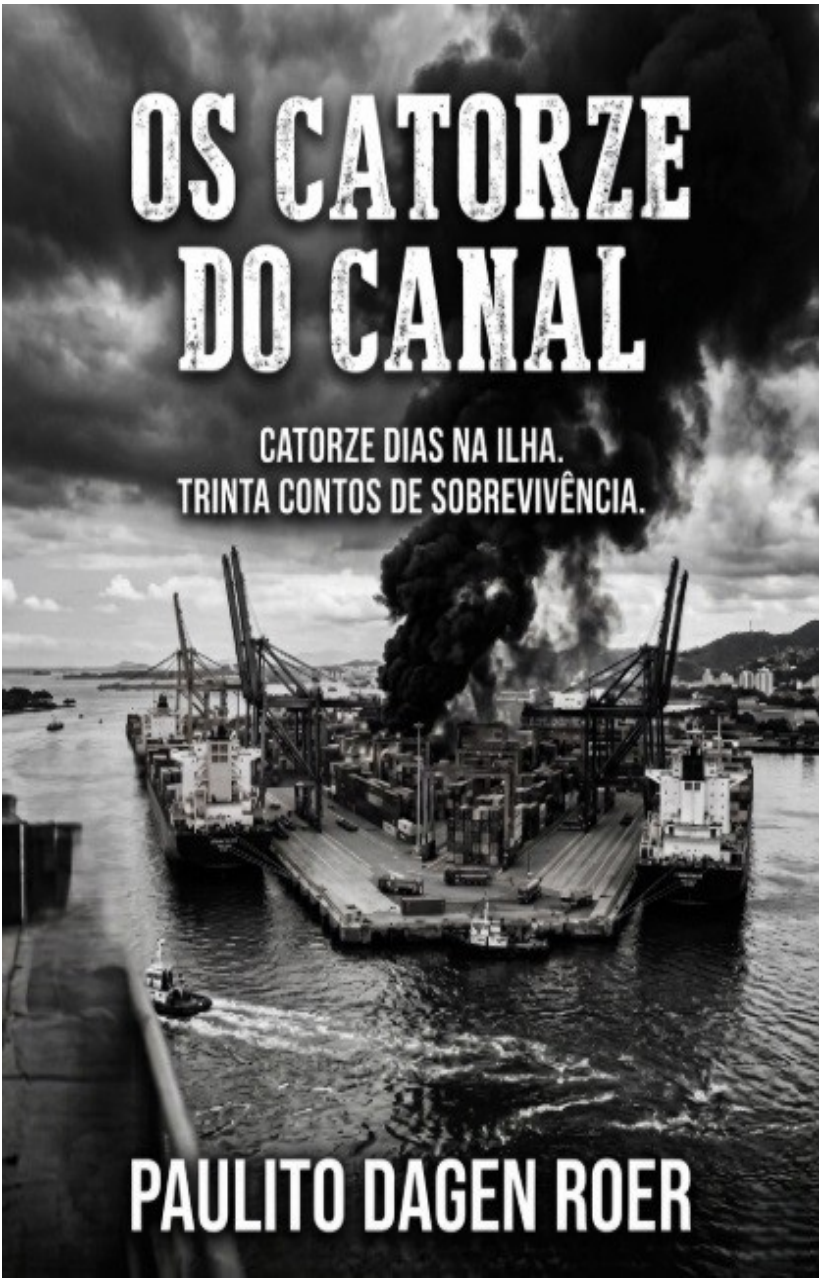

OS CATORZE DO CANAL
CATORZE DIAS NA ILHA.
TRINTA CONTOS DE SOBREVIVÊNCIA.
PAULITO DAGEN ROER

Os Catorze do Canal

Paulito Dagen Roer

Os Catorze do Canal

Paulito Dagen Roer

1ª. edição

Julho de 2026

pahoefel

NOTA DO AUTOR

Este livro nasceu da necessidade de investigar as fraturas da vaidade humana quando o verniz da civilização é dissolvido por uma força puramente invisível. O cenário escolhido — uma ilha costeira isolada no Litoral Norte de São Paulo — não é um mero pano de fundo geográfico; é um laboratório de confinamento psicológico. Espremidos entre a imponência bruta da Serra do Mar e o isolamento imposto por um surto mortal de ebola no continente, os dez personagens desta obra utilizam o único recurso que resta quando as moedas digitais, as estruturas jurídicas e as redes de comunicação entram em colapso: a palavra.

A arquitetura que rege estas páginas obedece a uma métrica rigorosa de tempo e simetria, dividida em dez jornadas narrativas. Os trinta contos contidos neste volume operam como pequenos tribunais privados, onde sete mulheres e três homens despem as aparências de suas vidas passadas na capital para encarar o preço de custo de sua própria sobrevivência.

Ao leitor atento, as entrelinhas revelarão que a contação de histórias em tempos de peste é um exercício ancestral, uma assinatura invisível deixada por aqueles que, ao longo dos séculos, usaram a ficção não como um narcótico para fugir da realidade, mas como a ferramenta cirúrgica definitiva para decifrar o que nos sobra quando o mundo que conhecemos fecha o seu balanço final.

Sumário

    - **CAPÍTULO 1:** *O Canal de Sangue e Sal (Prólogo / A Fuga)*
    - **CAPÍTULO 2:** *O Som das Rachaduras (Dia 1 — A Queda das Máscaras)*
- **Conto I:** *O Peso Líquido do Silêncio (Antônia)*
- **Conto II:** *A Curadoria do Caos (Lívia)*
- **Conto III:** *O Arquivo Morto (Thiago)*
    - **CAPÍTULO 3:** *O Valor de Face (Dia 2 — A Moeda do Instinto)*
- **Conto IV:** *O Preço do Salvo-Conduto (Clara)*
- **Conto V:** *A Última Temporada (Mariana)*
- **Conto VI:** *O Protocolo Fantasma (Gabriel)*
    - **CAPÍTULO 4:** *A Carne e a Cal (Dia 3 — O Corpo Político)*
- **Conto VII:** *A Anatomia da Desobediência (Mariana)*
- **Conto VIII:** *A Taxa de Ocupação (Antônia)*
- **Conto IX:** *A Dança da Piracema (Teresa)*
    - **CAPÍTULO 5:** *A Fumaça no Altar (Dia 4 — As Novas Catedrais)*
- **Conto X:** *O Evangelho do Silício (Thiago*)
- **Conto XI:** *A Estética da Imunidade (Lívia)*
- **Conto XII:** *O Custo do Milagre (Helena)*
    - **CAPÍTULO 6:** *A Linha de Baixa (Dia 5 — O Ego Desarmado)*
- **Conto XIII:** *O Distrato da Linhagem (Arthur)*

- **Conto XIV:** *A Pátria da Escassez (Thiago)*
- **Conto XV:** *O Preço de Custo (Antônia)*
    - **CAPÍTULO 7:** *O Peso do Concreto Seco (Dia 6 — Os Julgamentos Injustos)*
- **Conto XVI:** *A Sentença de Sangue (Clara)*
- **Conto XVII:** *O Ensaio Geral (Lívia)*
- **Conto XVIII:** *A Linha de Contingência (Thiago)*
    - **CAPÍTULO 8:** *A Frequência Morta (Dia 7 — A Solidão das Telas)*
- **Conto XIX:** *O Eco de Vidro (Lívia)*
- **Conto XX:** *O Vazamento Primário (Thiago)*
- **Conto XXI:** *O Saldo de Custódia (Antônia)*
    - **CAPÍTULO 9:** *A Arrebentação do Tempo (Dia 8 — O Fator Acaso)*
- **Conto XXII:** *A Fratura do Solo (Arthur)*
- **Conto XXIII:** *A Maré de Agosto (Thiago)*
- **Conto XXIV:** *O Cerco da Maré (Beatriz)*
    - **CAPÍTULO 10:** *O Sangue Frio (Dia 9 — A Linha de Sangue)*
- **Conto XXV:** *A Herança de Ferro (Antônia)*
- **Conto XXVI:** *O Sal da Restinga (Beatriz)*
- **Conto XXVII:** *O Último Figurino (Mariana)*
    - **CAPÍTULO 11:** *O Vento de Leste (Dia 10 — O Horizonte Aberto / Epílogo)*
- **Conto XXVIII:** *A Germinação do Vazio (Helena)*
- **Conto XXIX:** *A Alforria do Solo (Clara)*
- **Conto XXX:** *A Linha do Horizonte (Antônia)*

CAPÍTULO 1: O Canal de Sangue e Sal
O Prólogo / A Fuga

A fumaça preta que subia dos galpões de contêineres do porto de Santos podia ser vista mesmo ali, na altura de São Sebastião, quando o vento sul limpava a névoa do canal. No continente, as sirenes haviam parado de tocar às quatro da tarde; não porque a emergência tivesse cedido, mas porque já não havia operadores para as viaturas ou energia na central de triagem. O ebola, modificado ou simplesmente negligenciado pelas autoridades até que as valas comuns chegassem às calçadas da Avenida Paulista, descera a serra com a velocidade de uma enxurrada de verão.

Na rampa pública dos pescadores, sob uma chuva fina que cheirava a óleo diesel e peixe podre, o grupo de dez pessoas se amontoava na penumbra.

— Se alguém ligar uma lanterna de celular, eu jogo o aparelho na água — a voz de Beatriz cortou o escuro, baixa, mas com a precisão de quem conhece o peso do silêncio no mar. Ela terminava de amarrar as últimas caixas de água mineral sob a lona de proa de uma traineira de alumínio de doze metros. — A capitania dos

portos afundou dois barcos de turismo perto de Ilhabela duas horas atrás. Eles estão atirando primeiro. O bloqueio sanitário agora é militar.

Arthur, com as mãos enfiadas nos bolsos de um casaco impermeável de grife que parecia ridículo naquela rampa de lama, deu um passo à frente.

— Eu paguei metade do combustível dessa embarcação, Beatriz. Minha esposa e eu temos o direito de saber...

— Você pagou pelo diesel, Arthur, mas quem sabe pilotar no escuro entre as pedras da Ponta das Canas sem bater o fundo sou eu — Beatriz nem sequer olhou para ele enquanto dava o nó de fateira. — Na balsa não tem mais ninguém. Na estrada para Caraguá tem uma fila de carros abandonados que chega a três quilômetros. Sua construtora não vai pavimentar o mar para você passar. Então, suba e cale a boca.

Antônia colocou a mão no ombro do marido, um gesto firme que não era de carinho, mas de comando. Arthur recuou, engolindo a resposta. Ela olhou para as outras mulheres. Helena estava ao lado do motor de popa, o semblante cinzento sob a luz fraca do painel analógico do barco. Trazia duas caixas térmicas lacradas com fita adesiva hospitalar — o pouco que conseguira salvar do

laboratório da USP antes que o exército lacrasse o prédio.

— O período de incubação na variante atual é mais curto — Helena falou, dirigindo-se ao grupo, mas mantendo os olhos fixos no canal escuro. — Três a cinco dias para os primeiros sintomas febris. Se algum de nós estivesse infectado antes de cruzarmos a balsa, saberemos na primeira semana. A ilha tem uma vantagem: não há mamíferos de grande porte para servirem de reservatório secundário. Se nos isolarmos por quatorze dias, estaremos limpos. O continente, até lá, será outra coisa.

Lívia, encolhida entre duas malas de rodinhas que pareciam inúteis no chão molhado da traineira, olhava fixamente para a tela do aparelho eletrônico. Sem serviço. O triângulo vazio no topo direito da tela parecia doer mais do que o frio que subia pelas suas galochas. Gabriel, o programador, estava sentado ao lado dela, com uma mochila estanque contendo três notebooks e quatro discos rígidos, as mãos trêmulas enquanto tentava cobrir o equipamento com um pedaço de plástico.

— Vamos logo — disse Clara, a advogada, ajudando Teresa, a mais velha do grupo, a subir a amurada alta do barco. Teresa trazia apenas uma bolsa de lona com sementes, temperos secos e três facas de cozinha de aço carbono embrulhadas em panos de prato. A casa na ilha

era dela; um refúgio construído pelo avô nos anos sessenta, antes que o turismo de massa transformasse o Litoral Norte em um puxadinho da capital.

Thiago, o jornalista, foi o último a subir. Trazia uma câmera mecânica antiga pendurada no pescoço e um caderno de capa dura debaixo do braço. Sua jaqueta cheirava ao desinfetante químico que os paramédicos usavam nas barreiras da rodovia Tamoios.

Beatriz deu partida no motor. O som do diesel de dois cilindros ecoou na encosta do morro como um estalo seco. Ela soltou a amarra e a traineira empurrou a água escura, afastando-se da rampa, deixando para trás os reflexos vermelhos dos incêndios que começavam a tomar as refinarias de São Sebastião.

Dia 1: O Desenho da Cerca

A travessia levou quase três horas de navegação cega. Duas vezes Beatriz precisou cortar o motor e deixar o barco derivar na crista das ondas para evitar as lanchas de patrulha que varriam o canal com holofotes de alta potência. Quando a quilha de alumínio finalmente tocou a areia grossa da praia deserta na face norte da ilha, o dia amanhecia com uma cor de zinco oxidado.

A casa de Teresa ficava oculta por uma cortina densa de mata atlântica, a cinquenta metros da linha da maré alta. Era uma construção de alvenaria antiga, com telhas de barro coloniais cobertas de lodo e uma varanda larga de madeira voltada para o mar aberto. Não havia eletricidade; as placas solares antigas mal mantinham uma lâmpada acesa na cozinha e a geladeira a gás exigia um controle rigoroso do botijão.

Por volta do meio-dia, após descarregarem os mantimentos e limparem a poeira das camas, as sete mulheres se reuniram na mesa comprida da varanda. Os três homens se aproximaram aos poucos, atraídos pelo cheiro do café que Teresa passara no fogão a lenha.

Helena recolheu os relógios de pulso digitais e os celulares de todos, colocando-os dentro de uma caixa de metal.

— Não há sinal de torre e a bateria dessas coisas só vai servir para gerar ansiedade — explicou Helena, trancando a caixa. — A partir de agora, o tempo aqui dentro obedece a outra escala. Dividimos as tarefas: Beatriz cuida da água e da pesca; Teresa, da cozinha; Antônia gerencia o inventário dos enlatados. Os homens cuidam do corte de lenha e do lixo. Ninguém se aproxima da praia da frente sem a autorização da Beatriz. Se um corpo ou destroço de

barco aparecer na areia, o risco de contaminação é absoluto.

Arthur cruzou os braços, apoiando-se no pilar da varanda.

— E o que fazemos no resto do tempo? Sentamos aqui e assistimos o continente queimar através do binóculo? Vamos enlouquecer em três dias.

Lívia soltou uma risada curta, nervosa, enquanto limpava as unhas.

— Sem internet, Arthur, você descobre que tem uma voz dentro da sua cabeça. O problema é se você não gostar do que ela tem para dizer.

Mariana, que passara a manhã silenciosa, observando o movimento dos urubus sobre o canal, ajeitou os cabelos longos e encaracolados atrás da orelha. Sua voz tinha a cadência dramática do teatro, mas sem nenhuma afetação.

— Nós temos a palavra — disse ela, olhando para cada um na mesa. — Se o mundo lá fora está perdendo a forma, nós precisamos manter a nossa aqui dentro. Dez dias de isolamento real, descontando hoje e amanhã para organizarmos a casa. Três histórias por dia. Cada um de nós terá o direito e o dever de governar a palavra por um

dia, escolhendo o tema que os outros devem seguir. Sem censura, sem moralismo de cartório. Apenas a verdade que a ficção aguenta.

Clara sorriu de canto, batendo com os dedos na madeira da mesa, como se assinasse um despacho.

— Um tribunal onde a única pena é o silêncio. Gostei. E quem começa governando amanhã?

Antônia se levantou, assumindo a cabeceira da mesa com a naturalidade de quem preside um conselho de administração.

— Eu começo. E já tenho o tema para o primeiro dia de narrativa. Quero histórias sobre a queda das máscaras. Quero ouvir sobre o exato momento em que as vidas perfeitas da elite que nós conhecemos ruíram sob o peso das próprias mentiras, bem antes desse vírus chegar para terminar o serviço.

Os homens se entreolharam. Thiago abriu o caderno na primeira página em branco e testou a ponta da caneta. O silêncio da ilha foi quebrado apenas pelo som de uma onda mais forte que quebrou na praia lá embaixo, trazendo o cheiro do sal e o eco surdo de um mundo que já não existia.

CAPÍTULO 2: O Som das Rachaduras

Dia 1: A Queda das Máscaras

O primeiro dia oficial de narrativas começou sem o aviso de despertadores. O amanhecer na face norte da ilha veio com uma umidade pesada, o tipo de mormaço que faz a pele grudar antes mesmo das oito da manhã. O canal entre a ilha e o continente parecia uma chapa de chumbo cinzento. Pelo binóculo da varanda, Thiago notou que as colunas de fumaça sobre as refinarias de São Sebastião haviam mudado de cor; agora eram de um amarelo denso, químico, indicando que os tanques de enxofre queimavam sem controle humano.

Na mesa da varanda, as canecas de ágata lascada estavam cheias do café forte que Teresa preparara. Antônia ocupava a cabeceira. Ela não usava maquiagem, e seus cabelos escuros estavam presos em um coque firme, mas sua postura ainda exalava a frieza das salas de reunião da Avenida Faria Lima.

Arthur mexia na colher com irritação, os olhos fixos na caixa de metal onde os celulares permaneciam trancados.

Gabriel mantinha os ombros encolhidos, enquanto Lívia limpava o suor da testa com as costas da mão.

— O sol já passou da linha das árvores — anunciou Antônia, batendo de leve com os nós dos dedos na mesa. — As tarefas da manhã estão pagas. O estoque de água foi verificado por Beatriz e a lenha está coberta. Agora a palavra é nossa. O tema, como avisei ontem, é a queda das aparências. Vou abrir o dia com a primeira história. É sobre o mundo onde eu operava até duas semanas atrás.

Ela tomou um gole de café, respirou fundo e começou.

Conto I: O Peso Líquido do Silêncio

Há três meses, antes que o primeiro caso suspeito no porto de Santos fosse notificado, o mercado imobiliário de alto padrão na capital paulista operava sob uma euforia quase febril. Meu fundo de investimentos estava prestes a fechar a captação de setecentos milhões de reais para o empreendimento Vértice Paulista, uma torre residencial de setenta andares nos arredores dos Jardins, com heliponto privativo e vidros blindados que filtravam a poluição do ar.

O rosto da campanha era uma mulher chamada Patrícia Lovat. Vocês provavelmente já viram a cara dela em anúncios de joias ou em colunas sociais. Patrícia era o arquétipo da "velha riqueza" paulistana: elegância sem esforço, sotaque arrastado, casada há vinte e quatro anos com Otávio Lovat, um dos advogados tributaristas mais influentes do país. Eles eram o casal comercial perfeito para vender o conceito de segurança e tradição.

Faltando quatro dias para a assinatura dos contratos com

os investidores alemães, recebi uma ligação no meu ramal privado às dez da noite. Era Patrícia. A voz dela não tinha o tom aveludado das reuniões de condomínio de luxo; parecia o som de vidro quebrado sendo arrastado no asfalto.

— Antônia, preciso que você venha ao meu apartamento agora. Se você não vier, o Vértice cai antes de subir.

Peguei o carro e dirigi até o duplex deles na Alameda Lorena. Quando o elevador privativo abriu na cobertura, não havia luzes acesas, exceto um abajur de leitura na biblioteca de jacarandá. Patrícia estava sentada no chão de mármore travertino, vestindo um robe de seda italiana de quatro mil dólares que estava manchado de vinho tinto — ou pelo menos foi o que pensei no primeiro segundo.

No canto da sala, perto da mesa de centro onde repousava uma escultura de bronze de Victor Brecheret, Otávio estava caído de bruços. A poça escura sob a cabeça dele já havia atingido o tapete persa antigo. Na mão direita de Patrícia, um revólver calibre .38, herança do pai dela, parecia pesado demais para os seus dedos finos.

— Ele ia transferir tudo, Antônia — ela me disse, sem chorar, com os olhos fixos na escultura. — Tudo. As contas na Suíça, os imóveis de Miami, a nossa participação no fundo. Ele passou os últimos dois anos montando uma engenharia financeira para me deixar sem um tostão. Descobri hoje à tarde. Ele ia fugir com uma menina de vinte e dois anos que trabalha na controladoria do escritório dele. Quando o confrontei, ele riu. Ele disse que eu era apenas um ativo desvalorizado que ele estava descartando antes da auditoria.

O que se seguiu não foi uma cena de pânico, mas uma negociação de balanço patrimonial. Olhei para o relógio. Os alemães pousariam em Cumbica em setenta e duas horas. Se a notícia do assassinato saísse na mídia, o fundo imobiliário derreteria, as ações da construtora desabariam e eu perderia meu bônus de performance de cinco anos.

— Onde está a menina? — perguntei a ela.

— No apartamento dela, na Vila Olímpia. Ela acha que eles viajam amanhã cedo.

Não liguei para a polícia. Liguei para o chefe de segurança

do nosso fundo, um ex-coronel da PM que recebia um salário indireto para resolver "passivos operacionais". Em menos de três horas, o corpo de Otávio foi retirado pelo elevador de serviço dentro de um baú de vime que Patrícia usava para guardar mantas de inverno. O veículo dele foi abandonado em uma quebrada em Heliópolis, com as chaves no contato e a carteira no painel.

No dia seguinte, Patrícia apareceu na coletiva de imprensa do Vértice Paulista. Usava óculos escuros grandes, alegando uma enxaqueca terrível devido à "viagem repentina de Otávio para tratar de negócios urgentes na Ásia". Os contratos foram assinados. Os setecentos milhões entraram na conta do fundo.

Duas semanas depois, o ebola fechou os aeroportos. O dinheiro dos alemães agora são apenas números digitais presos em um servidor em Frankfurt que ninguém consegue acessar. Otávio ainda é considerado um homem desaparecido pela polícia, mas a verdade é que ele está enterrado sob a sapata de concreto da garagem do prédio que nós vendemos como o lugar mais seguro do mundo. Patrícia está trancada na mansão dela nos Jardins, cercada por três seguranças armados que ela não sabe se

estão lá para protegê-la ou para cobrar o resto do silêncio, enquanto o vírus sobe os muros do condomínio.

Antônia terminou a história e pegou a caneca de café, que já estava fria. O silêncio na varanda da ilha era absoluto, quebrado apenas pelo chiado sutil do rádio amador que Gabriel tentava sintonizar na sala.

Arthur olhava para a mesa, a mandíbula tensa. Clara, a advogada, cruzou os dedos sobre os joelhos e quebrou o gelo:

— O mais fascinante nas estruturas de poder é como o concreto sempre esconde a podridão mais rápido do que a terra.

— A terra devolve — disse Teresa, a matriarca, levantando-se para recolher a caneca de Antônia. — O concreto só segura até a primeira rachadura. E as rachaduras começaram. Quem é o próximo?

Antônia apontou com a cabeça para Lívia, a influenciadora.

— Lívia. Você vive de vender a perfeição em doses diárias. Quero ouvir a sua versão da queda.
Lívia engoliu em seco, olhou para as próprias mãos sem anéis e começou a falar.

Conto II: A Curadoria do Caos

Eu tinha dois milhões de seguidores até a rede elétrica de São Paulo entrar em colapso. Meu trabalho consistia em transformar a mediocridade da vida das pessoas em um produto estético vendável. Se eu tomasse um copo de água mineral em uma caneca de cerâmica rústica, com a luz certa das sete da manhã, aquela água deixava de ser hidratação e virava um conceito de purificação existencial. As marcas me pagavam trinta, quarenta mil reais por uma sequência de três vídeos de quinze segundos.

Há seis meses, fui contratada para fazer o reposicionamento de imagem de uma marca de cosméticos orgânicos chamada Pele Nativa. O apelo deles era a pureza total: ingredientes colhidos por cooperativas de mulheres no Vale do Ribeira, sem parabenos, sem testes em animais, embalagens cem por cento biodegradáveis. A dona da empresa era Clarice Mendes, uma mulher que exalava aquela serenidade zen de quem faz ioga na Índia duas vezes por ano e só se alimenta de luz e brotos de alfafa.

Eu fui até a fábrica experimental deles, no interior do estado, para filmar os bastidores. O roteiro era perfeito: eu colhendo folhas de camomila ao amanhecer, sorrindo para as câmeras ao lado das moradoras locais, mostrando a "verdade" por trás do produto.

Na segunda noite de filmagem, esqueci meu carregador de bateria no galpão de manipulação química. Voltei lá por volta das onze da noite. As luzes principais estavam apagadas, mas o maquinário de envase operava a todo vapor. Pela fresta da porta de carga, vi três caminhões baú sem identificação descarregando galões industriais azuis.

Aproximei-me e li os rótulos empilhados no palete: formaldeído concentrado, sulfato de sódio industrial e derivados de petróleo cru. Matéria-prima barata, tóxica e altamente poluente, comprada de descartes químicos do polo de Cubatão. O processo era simples: eles compravam o creme base industrializado mais barato do mercado, adicionavam um aroma sintético de capim-limão, colocavam um pingo de extrato orgânico para fins de rotulagem e vendiam o frasco por duzentos e cinquenta reais nas farmácias conceito dos Jardins.

Clarice estava lá, de jaleco linho cru, conferindo as notas fiscais com o motorista do caminhão. Quando ela se virou e me viu na sombra da porta, sua expressão não mudou. Ela não entrou em pânico. Apenas dispensou o motorista e caminhou até mim.

— Lívia, querida — ela disse, a voz mantendo exatamente a mesma modulação calma dos seus vídeos de meditação guiada. — O mundo é um lugar feio e escasso. As pessoas não querem a verdade da terra; a terra tem lama, tem vermes, tem safra que falha. As pessoas querem a promessa da pureza. O que nós vendemos na Pele Nativa não é o conteúdo do frasco. É a sensação de que, ao passar esse creme no rosto, elas se limpam da sujeira do mundo onde vivem. É um serviço espiritual.

— Isso é fraude, Clarice. Metade dessas substâncias causa dermatite severa a longo prazo — eu disse, recuando um passo.

— Fraude é o que você faz toda manhã ao usar um aplicativo de edição para afinar sua cintura e apagar suas olheiras antes de dizer aos seus seguidores que eles devem se aceitar como são — ela sorriu, um sorriso fino, quase

maternal. — Se você publicar uma única linha sobre isso, sua agência perde o contrato. E eu tenho os contratos de imagem de outras quatro influenciadoras no meu bolso. Nós duas vivemos da mesma matéria-prima, Lívia: o desespero das pessoas por uma vida que não existe.

Eu passei o resto da semana postando os vídeos da colheita de camomila. Escrevi legendas emocionadas sobre o "resgate da dignidade feminina através do contato com o solo". O lançamento foi o maior sucesso do trimestre. O creme esgotou em quarenta e oito horas.

Quando o surto de ebola começou e o pânico tomou as ruas, a primeira coisa que desmoronou foi a ilusão da estética. As redes saíram do ar, e a verdade apareceu na pele das pessoas: o suor da febre, os hematomas causados pelo sangramento interno, o lixo acumulado nas calçadas que nenhum filtro do Instagram conseguia apagar. Esconder a podridão funciona enquanto o mundo está funcionando. Quando o sistema cai, você descobre que passou a vida inteira vendendo perfume para um corpo que já estava em decomposição.

Lívia terminou a história mexendo de forma mecânica no anel invisível de seu dedo indicador. Ela parecia olhar através da madeira da mesa, focada na própria perda de relevância.

Mariana quebrou o silêncio com uma risada baixa, quase sombria:

— O público consome a mentira porque a realidade é insuportável. Você só deu a eles o narcótico que eles pediram, Lívia.

— Mas o narcótico perde o efeito quando a dor é física — ponderou Helena, a sanitarista, ajeitando os óculos. — O vírus não se importa com a narrativa da marca. Ele quer o hospedeiro, seja ele limpo com formaldeído ou com extrato de camomila.

Antônia ergueu os olhos para o jornalista, que anotava as últimas linhas no caderno com uma rapidez cirúrgica.

— Thiago — chamou a líder do dia. — Você passou os últimos anos revirando o lixo das verdades oficiais. Feche o nosso primeiro dia. Mostre-nos o que estava por trás das

manchetes enquanto nós achávamos que estávamos seguros.

Thiago fechou o caderno por um segundo, olhou para o canal cinzento além da varanda, suspirou e começou o terceiro conto.

Conto III: O Arquivo Morto

Eu trabalhava no caderno de política do maior jornal diário de São Paulo. Minha especialidade era traduzir jargões técnicos de relatórios de comissões parlamentares para que o leitor comum entendesse quem estava roubando quem. No fundo, eu era um arquivista de fraudes.

Em novembro do ano passado, recebi um envelope pardo no escaninho da redação. Não tinha remetente, apenas um carimbo de um cartório de registro de títulos e documentos da Baixada Santista. Dentro, havia uma cópia impressa do inventário físico do Almoxarifado Central de Logística de Saúde do Estado, localizado nos fundos do porto de Santos.

O documento detalhava o sumiço, ao longo de dezoito meses, de quarenta e dois mil macacões de isolamento biológico de nível 4 — aqueles com pressão positiva, usados para patógenos de alta letalidade —, além de doze toneladas de antivirais de amplo espectro e sistemas de filtragem HEPA para UTIs móveis. Tudo isso pertencia a

um estoque de contingência estratégica, criado após o susto do H1N1 e mantido em sigilo de segurança nacional.

Comecei a puxar o fio da meada. O rastro me levou a uma empresa de fachada chamada SafeHorizon Logística, cujo endereço registrado era uma sala comercial vazia em Barueri. O verdadeiro dono da operação era um secretário-adjunto da própria pasta da Saúde, um homem cuja assinatura estava em todos os decretos de descarte de material "vencido".

O esquema era simples: os insumos de proteção de última geração eram declarados fora da validade por meio de laudos técnicos forjados. Em seguida, a SafeHorizon recolhia o material "lixo" a custo zero e o despachava em navios de carga para o mercado privado da África Subsaariana e do Leste Europeu, onde clínicas privadas de extração de petróleo pagavam fortunas em dólares por segurança biológica. Eles estavam vendendo o nosso colete salva-vidas enquanto o mar ainda parecia calmo.

Passei três semanas cruzando dados de alfândega e movimentações financeiras. Quando montei a reportagem definitiva — aquela que derrubaria o secretariado e

abriria uma comissão de inquérito —, levei o calhamaço para a sala do diretor de redação.

Ele leu a matéria em silêncio. Depois, guardou as folhas na gaveta, olhou para mim e disse que a matéria não seria publicada. O argumento não foi ideológico; foi puramente contábil. O maior anunciante do nosso portal de notícias, responsável pelo pagamento do décimo terceiro salário de toda a redação, era o grupo hospitalar privado que havia financiado a campanha eleitoral daquele mesmo secretário-adjunto.

— Thiago, se publicarmos isso hoje, o jornal fecha as portas na próxima segunda-feira — o diretor me falou, sem desviar o olhar. — O público não quer saber de macacões biológicos sumidos em Santos. Eles querem saber se a taxa de juros vai cair ou se o trânsito na balsa vai melhorar no feriado. Escreva sobre a falta de leitos de pediatria na zona leste. É mais seguro.

Eu guardei o arquivo. Três meses depois, o ebola desembarcou exatamente naquele mesmo porto de Santos, trazido por tripulantes de um cargueiro de bandeira liberiana. Quando os primeiros médicos do pronto-socorro

começaram a sangrar pelos olhos, foram procurar os macacões de isolamento de nível 4 no Almoxarifado Central. Encontraram apenas caixas de papelão vazias e ninhos de ratos.

A manchete que eu não publiquei estava escrita na parede dos hospitais na semana passada, quando as equipes médicas abandonaram os plantões porque não tinham uma mísera máscara de feltro para cobrir o rosto. O jornal parou de circular na terça-feira porque os impressores morreram ou fugiram. A verdade tem uma precisão matemática assustadora: ela sempre cobra o preço do silêncio com juros de sangue.

Thiago fechou o caderno com um estalo seco. O som pareceu desproporcionalmente alto no silêncio que se instalou na varanda.

Arthur limpou uma gota de suor que escorria pelo pescoço, incomodado com a crueza do relato, e mudou de posição na cadeira de vime, que rangeu alto. Ele abriu a boca para falar algo, talvez para desqualificar o cinismo do jornalista, mas a reação morreu na garganta.

O vento, que passara a manhã inteira soprando do Sul, virou subitamente para o quadrante oeste, trazendo do continente uma lufada de ar quente, abafado e com um odor inconfundível. Não era o cheiro químico das refinarias que queimavam desde cedo. Era algo orgânico, espesso, adocicado e pútrido, o cheiro de carne acumulada ao sol de verão sem sepultamento.

Lívia cobriu o nariz com a gola da blusa, os olhos arregalados de pânico. Mariana parou de balançar as pernas.

Antes que qualquer um pudesse comentar, um som surdo e profundo reverberou pelo chão de madeira da varanda, vindo da direção do canal. Todos se levantaram num salto, caminhando até o parapeito.

A três milhas da praia da ilha, a silhueta escura de uma fragata da Marinha do Brasil cortava a água sem nenhuma luz de navegação acesa. Do seu convés de popa, uma linha vermelha e brilhante rasgou o céu cinzento em direção ao continente. Um segundo depois, o som da detonação ecoou pelo mar: um estrondo grave que fez os

vidros das janelas da casa de Teresa tremerem nas molduras.

Pelo binóculo, Thiago viu o projétil atingir a região portuária de São Sebastião. Uma cortina de fogo branco, brilhante e violento ergueu-se no horizonte, iluminando os contornos da serra.

— Fósforo branco — murmurou Helena, os dedos cravados na madeira do parapeito. A médica tinha os olhos fixos na chama que não se apagava na linha d'água. — Eles não estão mais tentando tratar os focos de infecção. Estão esterilizando a área por incineração completa. O isolamento do litoral virou uma contenção de terra arrasada.

Beatriz deu um passo à frente, ajustando a faca de caça que trazia na cintura. Seu rosto caiçara estava rígido, esculpido pela gravidade do momento.

— A fragata está patrulhando o canal central — disse a bióloga, apontando para a esteira de espuma que o navio militar deixava para trás. — Isso significa que ninguém mais entra e ninguém mais sai daqui. Se o motor da nossa

traineira der partida, eles nos partem ao meio antes de pisarmos na água. Nós estamos oficialmente por nossa conta.

Antônia olhou para os lados, percebendo que a noite começava a cair mais cedo, engolida pela fumaça que vinha do continente. Ela respirou fundo o ar que ainda cheirava a queimado e sal, virando-se para o grupo com uma determinação fria.

— Entrem. Vamos fechar todas as janelas do lado oeste e acender os lampiões na cozinha interna — ela ordenou. — Amanhã o dia pertence a outra pessoa.

Eles recolheram as canecas em silêncio, cada um carregando o peso das três histórias que haviam ouvido e o vislumbre do fogo que, do outro lado do canal, consumia os restos da civilização que haviam deixado para trás.

CAPÍTULO 3: O Valor de Face

DIA 2 : A Moeda do Instinto

O segundo dia amanheceu sem horizonte. A fuligem do bombardeio da noite anterior descera sobre o canal na forma de uma poeira cinzenta e oleosa que cobria as folhas das bananeiras e a areia da praia. O cheiro de queimado havia se dissipado, substituído por um ar úmido e salobro que parecia colar na pele. Ninguém conseguira dormir direito; o ronco do motor da fragata militar ecoara a noite inteira, cruzando o canal de um lado para o outro como um predador invisível no escuro.

Na cozinha interna da casa, a mesa estava vazia. O café forte do primeiro dia fora cortado pela metade por ordem de Teresa; o açúcar estava racionado.

Arthur limpava uma mancha de graxa de suas unhas com um palito de dente, o rosto marcado pela insônia. Ele olhou para Antônia, que revirava o conteúdo de sua bolsa de couro — não procurando o celular, mas uma caneta esferográfica que funcionasse.

— O tema de hoje pertence a mim — anunciou Clara, a advogada, sentando-se à mesa. Ela trazia os cabelos presos em uma trança firme e mantinha as costas eretas, como se estivesse prestes a abrir uma audiência de custódia. — Antônia nos mostrou ontem o que acontece quando as aparências caem. Hoje, quero descer mais um degrau. Quero histórias sobre ***a moeda do instinto****. O que acontece com a moral, com os contratos e com os pactos humanos quando o dinheiro digital vira fumaça e a única troca possível é o corpo, a comida ou a própria pele?*

Ela olhou fixamente para Arthur, que desviou o olhar para o fogão a lenha, e depois para Mariana, que sorriu de canto, aceitando o desafio.

— Eu abro o dia — disse Clara, abrindo as palmas das mãos sobre a mesa. — Porque a lei é a primeira coisa que se torna mercadoria quando o Estado perde o monopólio da força.

Conto IV: O Preço do Salvo-Conduto

Três semanas antes de embarcarmos nesta traineira, eu estava no Fórum Criminal da Barra Funda, em São Paulo. O clima já era de evacuação iminente. Metade dos juízes havia entrado em licença médica preventiva e os funcionários terceirizados simplesmente pararam de aparecer para trabalhar. Os corredores de mármore, geralmente cheios de advogados e familiares de presos, pareciam galerias de um cemitério abandonado.

Eu defendia uma jovem chamada Juliane. Ela era enfermeira-chefe de uma cooperativa que atendia idosos de alta renda em Santana. Juliane fora presa em flagrante duas noites antes, sob a acusação de furto qualificado de medicamentos de uso controlado e tentativa de suborno. No jargão da crise, ela havia "desviado insumos de sobrevivência".

A verdade por trás do processo era mais simples. O paciente de Juliane era um desembargador aposentado, um homem de oitenta e dois anos cujo filho era um dos diretores da

Secretaria de Segurança Pública. Quando os primeiros rumores de que o ebola havia infectado a rede de água da zona norte se confirmaram, o filho do desembargador montou uma UTI clandestina na mansão da família. Ele ordenou que Juliane confiscasse todo o estoque de antivirais e balões de oxigênio da cooperativa para uso exclusivo de seu pai.

Juliane recusou-se. Ela pegou metade daquele estoque e tentou levá-lo para o posto de saúde da comunidade de palafitas onde sua mãe morava, na periferia de Guarulhos. Foi parada em uma blitz da Polícia Militar na Marginal Tietê.

Quando entrei na sala de audiências de custódia, o juiz plantonista não estava na bancada. Quem ocupava a cadeira, com os pés apoiados na mesa de madeira e o coldre ostensivo aberto, era o capitão da PM responsável pelo setor de escolta do tribunal, um homem chamado Maurício.
— A senhora veio pelo caso da enfermeira? — ele me perguntou, sem tirar os olhos de uma planilha impressa. — Não vai ter audiência, doutora. O juiz foi para a casa de campo dele em Atibaia. O tribunal está fechado por tempo indeterminado. As ordens agora são diretas da secretaria.

— Se o tribunal está fechado, o senhor tem que soltar a minha cliente por excesso de prazo — eu disse, batendo com a pasta de couro na mesa. — A prisão dela é ilegal.

Maurício soltou uma risada curta, seca. Ele puxou uma gaveta e tirou de lá três maços de notas de cem reais, jogando-os em cima da mesa como se fossem lixo.

— Isso aqui não compra mais um galão de gasolina na porta do fórum, doutora Clara. Se eu soltar a sua cliente, ela volta para Guarulhos e morre na próxima semana quando o exército cercar o perímetro. Se ela ficar aqui, nas celas do subsolo, ela morre de fome porque os carcereiros não vêm amanhã.

Ele se inclinou para frente, apoiando os cotovelos no despacho em branco. O cheiro de álcool gel misturado com suor militar era sufocante.

— O filho do desembargador quer a enfermeira de volta na mansão. Não para cuidar do pai dele, que morreu hoje de manhã, mas porque ela é a única pessoa na região que sabe como aplicar o protocolo de descontaminação biológica

sem se infectar. Ele está oferecendo duas vagas em um helicóptero privado que sai de um heliponto em Moema amanhã ao meio-dia. Destino: uma fazenda blindada no interior de Minas.

— E qual é o seu preço, capitão? — perguntei.

— Eu tenho a chave da cela e tenho o jipe com combustível para chegar até Moema. Mas eu não tenho o salvo-conduto médico para passar pela barreira sanitária da rodovia Fernão Dias. A Juliane tem o carimbo do Ministério da Saúde no crachá de emergência dela. O negócio é o seguinte: a enfermeira vai na frente com o capitão, e a senhora fica com a vaga dela no helicóptero do herdeiro.

Olhei para o documento de Juliane sobre a mesa. Ela tinha vinte e seis anos, uma mãe doente na periferia e um senso de dever que a havia colocado naquela cela. Eu tinha quarenta e dois anos, nenhum filho e uma pasta cheia de leis que agora serviam apenas para acender o fogo do fogão daquela sala.

A moeda que Maurício colocou na mesa não era o dinheiro dos Lovats ou as ações do fundo imobiliário de Antônia.

Era a carne humana de Juliane trocada por um lugar no céu de Moema.

Eu assinei o termo de soltura ideologicamente falso que o capitão datilografara. Saí do fórum pelo estacionamento dos fundos, entrei no carro de Maurício e deixei Juliane trancada na parte de trás do jipe militar, sabendo exatamente para onde ela estava sendo levada e o que seria exigido dela naquela mansão para manter o herdeiro vivo. O helicóptero nunca decolou de Moema; o piloto foi alvejado na pista por uma guarnição da guarda civil que tentava saquear o hangar. Eu sobrevivi porque passei as setenta e duas horas seguintes caminhando pelos trilhos do trem da CPTM até a costa, trocando meu relógio de ouro por três garrafas de água potável com os ferroviários. Juliane ainda deve estar naquela casa nos Jardins, se a água do poço artesiano deles não tiver acabado.

Clara silenciou. Ela pegou um pedaço de pão seco de cima do prato e mastigou devagar, sem olhar para ninguém.

Na mesa da varanda, a tensão havia mudado de qualidade. No primeiro dia, as histórias pareciam retratar

um passado distante, quase ficcional; agora, a proximidade da escolha moral de Clara batia na porta de cada um deles.

Arthur limpou a garganta, ajeitando a gola da camisa.

— Você fez o que qualquer pessoa faria para não morrer naquele subsolo, Clara. Não há julgamento possível nisso.

— Não há julgamento porque não há juiz, Arthur — disse Beatriz, a caiçara, levantando-se com um balde de plástico vazio na mão. — Mas a conta chega. Aqui na ilha, se o peixe não vier na rede hoje à tarde, a moeda de troca de vocês vai ser quem limpa o banheiro ou quem fica acordado vigiando a praia.

Antônia olhou para Mariana, a artista, que observava uma lagartixa subir pela parede de madeira da cozinha.

— Mariana — chamou Antônia, a voz mais baixa do que o habitual. — Sua vez. Mostre-nos o valor de face do seu mundo.

Mariana virou o rosto devagar, os olhos amendoados

brilhando na penumbra da cozinha interna.

Antes que Mariana pudesse abrir a boca, um estalo alto vindo do teto fez todos erguerem os olhos. A lâmpada fluorescente da cozinha, que piscava numa cor amarelada e fraca, apagou-se de vez. O silêncio que se seguiu foi preenchido pelo chiado metálico e regular da geladeira a gás, cujo queimador começava a falhar, soltando pequenos sopros de ar.

— O gás — disse Teresa, levantando-se pesadamente da cadeira. Ela caminhou até o canto da cozinha e bateu com os nós dos dedos no botijão de treze quilos encostado na parede de azulejos descascados. O som ressoou oco, alto demais. — Temos menos de dois dedos de linha. Se o piloto apagar, a carne de caça que a Beatriz salgou ontem vai azedar antes do anoitecer.

Arthur soltou o palito de dente que roía e levantou-se com uma agitação nervosa, a primeira demonstração de energia física que dava desde que chegara à ilha.

— Eu troco — disse ele, já caminhando em direção à porta dos fundos. — Tem outro botijão no abrigo de ferramentas,

eu vi quando descarregamos as caixas. Gabriel, me ajuda aqui. É pesado.

O programador hesitou por um segundo, olhando para as próprias mãos pálidas de quem passa catorze horas por dia diante de um teclado, mas levantou-se em silêncio e seguiu o empresário. Os dois saíram para a área de serviço externa, onde a chuva fina da manhã havia deixado o chão de terra batida liso como sabão.

Pela janela basculante da cozinha, as mulheres podiam ouvir o som dos passos desajeitados dos dois homens no cascalho e, logo em seguida, o ruído metálico do arrastar do ferro contra o chão de cimento do abrigo. Havia uma urgência artificial nos movimentos de Arthur, como se o esforço físico de carregar cinquenta quilos de aço fosse a única forma de apagar a humilhação implícita que a história de Clara havia deixado pairando sobre a mesa.

Lívia aproximou-se de Mariana, estendendo-lhe uma garrafa de plástico com um resto de água morna. Mariana aceitou com um aceno sutil de cabeça. Ela não olhava para a janela, nem para o botijão de gás vazio. Seus dedos compridos e sem anéis tamborilavam suavemente no tampo

de madeira, seguindo um ritmo invisível, uma métrica dramática que parecia vir de dentro. Ela esperou o som dos passos pesados de Arthur e Gabriel retornando à cozinha, os dois arqueados sob o peso do novo botijão, com as testas brilhando de suor e as roupas manchadas de ferrugem.

Quando o ferro bateu contra o chão e Arthur exalou um suspiro ruidoso, limpando o suor dos olhos com a manga do casaco de grife, Mariana ergueu os olhos. A atmosfera na cozinha havia mudado; o cheiro de suor masculino e ferro oxidado misturava-se agora ao mormaço que subia do chão.

— O mercado do desejo — disse Mariana, a voz cortando o barulho das ferramentas de Arthur que tentava rosquear a válvula de bronze — também tem uma tabela de preços flutuante. E ela despenca muito antes da bolsa de valores.

Ela ajeitou a saia longa de algodão, apoiou os cotovelos na mesa e começou o quinto conto.

Conto V: A Última Temporada

Na primavera passada, antes que os jornais começassem a usar a palavra "protocolo de contenção", eu dirigia uma peça de teatro experimental em um galpão reformado na Barra Funda. O espetáculo falava sobre o isolamento voluntário da burguesia e, ironicamente, a temporada foi interrompida no segundo final de semana porque o isolamento deixou de ser uma escolha artística.

A produtora executiva da peça era uma mulher chamada Camila Brandão. Camila era o tipo de pessoa que controlava a vida de todos ao redor por meio de planilhas de patrocínio e jantares de recepção. Ela mantinha um relacionamento de conveniência de quase uma década com um dos maiores acionistas de uma rede de planos de saúde privados de São Paulo, um homem de sessenta anos chamado Rodolfo. O arranjo era de conhecimento público nos bastidores: ele financiava os caprichos teatrais dela e, em troca, Camila exibia a juventude e o trânsito cultural dela nos coquetéis da empresa dele. Uma transação limpa, auditada pelo silêncio da alta sociedade.

Quando o vírus travou o tráfego da rodovia Ayrton Senna e as primeiras barreiras com arame farpado foram montadas na entrada do Alphaville, Rodolfo trancou-se em sua cobertura triplex na Alameda Jaú. Ele possuía um gerador a diesel próprio e três purificadores de ar industriais que comporiam uma redoma perfeita. Mas ele estava sozinho. A esposa oficial havia viajado para Paris duas semanas antes e ficara retida no aeroporto Charles de Gaulle.

Na terceira noite do apagão de dados, Rodolfo mandou o seu motorista particular — um homem que já apresentava uma tosse seca e manchas purpúreas nos pulsos — buscar Camila no galpão do teatro. Ele não ofereceu dinheiro. Ele ofereceu a ela uma das três ampolas de um soro experimental hiperimune que sua empresa havia confiscado de um carregamento alfandegário em Viracopos. O soro não garantia a cura, mas impedia que o vírus destruísse as paredes dos vasos sanguíneos nas primeiras quarenta e oito horas após a infecção.

Camila aceitou o carro. Ela entrou na cobertura da Alameda Jaú trazendo apenas uma mochila com duas

mudas de roupa e o texto impresso da nossa peça.

Nas primeiras vinte e quatro horas, a moeda funcionou. Rodolfo entregou a ela a primeira dose do soro em troca da presença dela na mesa de jantar de jacarandá, fingindo que o mundo lá fora ainda respeitava o valor do seu sobrenome. Mas no segundo dia, o gerador de energia do prédio falhou. O ar-condicionado central parou, e a cobertura triplex transformou-se em uma estufa de vidro de trinta e seis graus, cheirando ao esgoto que começava a voltar pelos ralos dos banheiros devido à falta de pressão nas bombas do edifício.

Rodolfo, acostumado a gerenciar conselhos de administração por telefone, descobriu que o medo da morte o transformava em algo patético. Ele começou a sofrer de tremores nas mãos e ataques de pânico que o faziam implorar para que Camila não saísse do quarto.

— A última ampola está no cofre da biblioteca, Camila — ele disse a ela, na terceira noite, enquanto a luz das chamas dos saques na região da Consolação iluminava o teto da sala. — Eu te dou o segredo do cofre. Eu assino uma transferência de usufruto da casa de Angra para o seu

nome amanhã, se a internet voltar. Mas eu preciso que você... eu preciso sentir que ainda sou o homem que manda aqui dentro.

Camila olhou para ele. O grande empresário estava de pijamas de cetim manchados, com os olhos vermelhos de insônia, chorando no chão de carpete. A moeda dele — as ações da rede de saúde, a promessa da casa de praia, o poder de decidir quem vivia ou morria nas filas dos hospitais — havia virado pó de vidro na temperatura daquele quarto. A única moeda real que restava era o controle físico sobre a última ampola do soro e o corpo de Camila.

Ela não foi para o quarto com ele. Camila esperou que Rodolfo dormisse sob o efeito de dois comprimidos de tarja preta que ele tomava para conter os tremores. Ela caminhou até a biblioteca, usou uma pequena marreta de ferro que o cenógrafo do teatro havia esquecido na mochila dela e quebrou o painel digital do cofre de embutir até arrancar a fiação. Ela pegou a última ampola do soro, a carteira de identidade dele e as chaves da garagem do subsolo.

Camila não usou o soro em si mesma. Ela desceu os trinta

andares de escada no escuro e trocou a ampola de imunoglobulina com o chefe da guarda patrimonial do edifício por um galão de dez litros de água mineral e um passe livre pelos portões de ferro da garagem. Ela sabia que, se ficasse naquela cobertura, o desejo de Rodolfo pela sobrevivência a consumiria muito antes do vírus. Ela preferiu o risco das ruas vazias da capital ao contrato de exclusividade de um cadáver com dinheiro no banco. A última vez que a vi, ela estava caminhando pela contramão da rodovia dos Imigrantes, carregando o galão de água nas costas e usando o texto da nossa peça para proteger a cabeça do sol do meio-dia.

Mariana recostou-se na cadeira, encerrando o conto com um movimento suave das mãos, como se fechasse uma cortina invisível.

Na cozinha, o som do rosquear da válvula metálica do botijão terminou com um clique firme de Arthur. Ele levantou-se lentamente, com o rosto vermelho pelo esforço e os olhos fixos na mesa, sem fazer contato visual com Mariana.

Gabriel quebrou o silêncio, a voz saindo quase como um sussurro de trás de seus óculos:

— No final, a tecnologia ou o dinheiro só servem para aumentar o tamanho do muro. Mas quando o muro cai, a queda é proporcional à altura.

— O problema — interveio Thiago, o jornalista, abrindo o caderno na página seguinte — é que alguns passam a vida inteira acreditando que o muro é eterno. Gabriel, acho que a mesa agora espera a sua versão dessa contabilidade. Como o seu mundo digital calculava o valor de face antes de o cabo de fibra óptica ser cortado?

Gabriel engoliu em seco, olhou para as mulheres dispostas ao redor da mesa e ajeitou a mochila estanque que mantinha entre as pernas, preparando-se para falar.

Conto VI: O Protocolo Fantasma

Eu era o que o mercado chama de arquiteto de resiliência digital. Meu trabalho na Faria Lima não era criar sistemas, mas desenhar os planos de contingência para o caso de os sistemas falharem. Eu lidava com o pior cenário possível de grandes bancos e corretoras: o dia em que os servidores centrais fossem atacados, a energia caísse ou uma crise civil travasse as operações urbanas.

Dois meses antes do primeiro navio ser retido no porto de Santos, fui contratado em regime de total confidencialidade por um fundo de previdência privada que gerenciava os ativos de cerca de trinta mil servidores públicos de alto escalão — juízes, promotores, coronéis e conselheiros de tribunais. Eles haviam encomendado a criação de um sistema chamado Arca.

A Arca era um servidor espelho, fisicamente isolado da rede pública, instalado em um bunker subterrâneo abaixo de uma fazenda de café desativada em Campinas. O objetivo era simples: se o sistema financeiro nacional

entrasse em moratória ou se o governo confiscasse os saques devido ao pânico, aquele servidor continuaria liquidando transações em moedas digitais criptografadas e emitindo ordens de transferência internacional para paraísos fiscais de forma automática. O dinheiro deles continuaria vivo, mesmo que o país estivesse morrendo.

Quem comandava o projeto era um engenheiro financeiro chamado Dr. Roberto Vance. Roberto era o tipo de homem que via o mundo como um conjunto de equações de risco. Ele não tinha medo do vírus; ele tinha medo da perda de liquidez.

— O instinto humano diante da tragédia é irracional, Gabriel — ele me disse na sala blindada do bunker, enquanto testávamos os processadores. — As pessoas correm para os supermercados, estocam papel higiênico, brigam por gasolina. Elas gastam energia com o que é perecível. A verdadeira sobrevivência não é biológica, é patrimonial. Quem mantiver o capital intacto do outro lado da crise reescreve as regras do jogo.

O sistema foi concluído na mesma semana em que a barreira sanitária subiu na rodovia Tamoios. Naquela

noite, Roberto me chamou ao bunker para a ativação final. O ar lá dentro era condicionado, filtrado e cheirava a silício novo.

Quando terminei de rodar o código de criptografia de ponta a ponta, Roberto estendeu-me um envelope. Não continha dinheiro, mas um cartão de acesso magnético com tarja preta.

— Este é o seu passaporte, Gabriel. Há uma vaga para você no alojamento técnico do bunker pelos próximos seis meses. Temos mantimentos, água filtrada por osmose reversa e energia geotérmica. Você só precisa manter o fluxo de dados dos nossos clientes operando para o exterior.

Olhei para a tela do terminal. Na linha de comando principal da Arca, as contas dos trinta mil beneficiários estavam piscando em verde, prontas para desviar bilhões de reais da economia real para carteiras digitais nas Ilhas Cayman enquanto as agências bancárias nas periferias de São Paulo eram incendiadas pela população faminta.

Nesse exato momento, o painel de segurança do bunker começou a piscar em vermelho. O link principal de fibra

óptica de alta velocidade que nos conectava ao cabo submarino de Santos havia caído. Alguém na costa tinha dinamitado a subestação de energia ou o próprio cabo fora rompido pela movimentação das fragatas no canal.

Roberto entrou em pânico. Seus dedos, acostumados a digitar ordens de mercado, tremiam tanto que ele mal conseguia acertar o teclado.

— Gabriel, use o link de satélite. Ative o protocolo de contingência secundário. Agora!

— O satélite comercial está congestionado pela rede militar, Dr. Roberto — eu disse, apontando para a taxa de perda de pacotes de dados na tela. — Não há banda suficiente para mover esses volumes de dados. O sistema está isolado.

— Eu dobro o seu bônus, Gabriel. Eu te dou dez por cento das taxas de custódia do fundo. São trinta milhões de dólares na sua carteira pessoal assim que o sinal voltar.

Olhei para o Dr. Roberto Vance. O arquiteto do futuro financeiro estava de joelhos na sala de servidores,

implorando a um garoto de vinte e seis anos por um milagre de conectividade que nenhuma quantidade de dólares no mundo poderia comprar. A moeda dele — a riqueza acumulada de trinta mil homens poderosos do Estado — dependia de um pedaço de fio de cobre esticado sob o lodo do oceano Atlântico. E o fio estava partido.

Eu peguei minha mochila com os notebooks e os discos rígidos, onde mantinha as cópias físicas dos códigos de criptografia que eu mesmo havia escrito. Deixei o cartão magnético em cima do terminal de comando.

Saí do bunker enquanto Roberto ainda tentava reiniciar os roteadores manualmente, chorando sobre as placas de circuito integrado que começavam a queimar por superaquecimento. Caminhei até a rodovia Dom Pedro I, onde encontrei Lívia e o resto do grupo que vinha em direção ao mar. Sobrevivi porque os meus discos rígidos, para quem sabe usá-los, contêm as chaves que desmarcam as cercas digitais de metade das propriedades rurais privadas do estado. O dinheiro do Dr. Roberto agora é apenas ruído eletromagnético preso em um HD subterrâneo em Campinas, protegido por duas toneladas de concreto que ninguém tem energia para abrir.

Gabriel silenciou, puxando as alças da mochila estanque para mais perto do peito, como se defendesse o último pedaço de ordem que lhe restava.

Na cozinha interna da casa, o silêncio foi quebrado pelo barulho súbito do acendedor do fogão a lenha que Teresa manipulava. Uma chama azulada e firme começou a lamber o fundo de ferro da panela onde a carne salgada descansava. O novo botijão de gás estava funcionando.

Arthur permaneceu encostado no balcão da pia, olhando para as próprias mãos sujas de ferrugem. O orgulho que sentira minutos antes ao carregar o botijão parecia ter sido esvaziado pela crueza das histórias. O dinheiro, as marcas, os títulos e as redes que todos ali haviam passado a vida construindo haviam se reduzido à futilidade de um cabo rompido no fundo do mar.

Clara levantou-se da mesa, ajeitando a trança sobre o ombro. Ela olhou para a janela basculante, por onde a luz cinzenta e morta da tarde começava a retroceder, dando lugar a uma escuridão prematura trazida pela poeira

atmosférica.

— Duas jornadas pagas — disse a advogada, sua voz assumindo o tom de quem encerra os trabalhos do dia no tribunal. — Descobrimos que o instinto dita o preço, e que o valor impresso no papel só serve para o dia em que o mundo tem tempo de ler.

Ela virou-se para a bióloga marinha, que permanecia encostada no batente da porta voltada para o mar aberto, observando o canal com os binóculos pendurados no pescoço.

— Beatriz — chamou Clara. — Amanhã a palavra é sua. Escolha o rumo para onde devemos navegar.

Beatriz não tirou os olhos do canal imediatamente. Ela baixou o binóculo devagar, revelando um rosto rígido, marcado pelo sal e pela clareza de quem nunca dependeu de servidores ou fundos imobiliários para saber se o dia seguinte traria comida.

— Amanhã — disse a caiçara, a voz firme ecoando pelas vigas de madeira do teto — quero histórias sobre ***o corpo político****. Quero ouvir sobre o desejo, sobre os prazeres*

censurados e sobre como as mulheres usam o próprio corpo como única forma de rebeldia quando as regras dos homens desabam ao redor. Entrem. A maré está subindo e o cheiro do continente vai ficar pior antes da meia-noite.

Eles se movimentaram em silêncio pela cozinha interna, trancando as portas pesadas de madeira e acendendo os três lampiões a querosene que Teresa distribuíra pela mesa, preparando-se para enfrentar a segunda noite de confinamento na ilha de ferro e sal.

CAPÍTULO 4: A Carne e a Cal

DIA 3: O Corpo Político

Beatriz acordou às quatro e doze da manhã, antes que o primeiro pica-pau batesse no tronco das figueiras atrás da casa. O ar dentro do quarto coletivo das mulheres era espesso, cheirando a lençol guardado e ao suor nervoso de Lívia, que gemia baixinho entre os dentes, presa em um pesadelo urbano de conexões perdidas. Para os paulistanos, a noite era uma extensão do confinamento; para Beatriz, era apenas o intervalo entre as marés.

Ela calçou as botas de borracha sem acender o lampião, pegou a lanterna de dínamo e saiu pela porta dos fundos.

O mormaço do amanhecer trazia a fuligem do fósforo branco flutuando como uma película cinzenta sobre a água da cisterna de cimento. Beatriz recolheu uma amostra com uma caneca de vidro. A água estava limpa na base, mas o topo tinha o brilho metálico do óleo diesel que as lanchas em pânico despejavam no canal central ao fugirem de Santos. No continente, a faixa de terra entre Caraguatatuba e São Sebastião não passava de uma linha

de sombras escuras sob um céu cor de betume. Não havia luzes de postes, não havia o zumbido da rodovia Rio-Santos. A civilização havia silenciado, mas o mar continuava trabalhando.

Na praia da face norte, Beatriz entrou na água até a altura dos joelhos para puxar a rede de espera que armara no final da tarde anterior. O nylon pesado cortava a pele de seus dedos. Conforme recolhia os metros de malha, o balanço da água trouxe três paratis gordos e uma tainha — o sustento do dia. Mas junto com os peixes, enroscado no final da rede, veio um saco plástico de lixo preto, grosso, amarrado com fita isolante.

Ela arrastou o fardo para a areia seca. Usando a faca de caça, rasgou o plástico com um único talho preciso. Lá dentro não havia roupas ou mantimentos descartados. Havia dezenas de frascos vazios de anestésicos hospitalares e três jalecos descartáveis com o emblema de um pronto-socorro privado de Cubatão, manchados por um fluido escuro e seco que cheirava a ferro oxidado. Os mortos do continente estavam sendo jogados no mar, e a correnteza da maré de sizígia começava a lamber as praias da ilha.

Beatriz enterrou o saco plástico na beira da praia, cobrindo-o com duas camadas de cal viva que Teresa guardava no abrigo e cobrindo tudo com pedras pesadas de costão. Quando terminou, o sol nasceu por trás da Ilha Vitória, uma bola vermelha e baça por causa da poeira atmosférica.

Às nove da manhã, o grupo se reuniu na varanda para o desjejum de peixe grelhado e fatias de mandioca cozida. O cansaço físico estava estampado no rosto dos três homens; Arthur tinha as palmas das mãos cheias de bolhas por causa do corte da lenha.

Beatriz limpou as mãos no short de sarja, apoiando os cotovelos na mesa de vime. Seus olhos castanhos, acostumados com o reflexo do sol no mar, varreram as mulheres da mesa antes de pousar em Mariana.

— A cal viva segura o que apodrece na terra, mas não segura o que queima por dentro — disse a caiçara, sua voz sem o verniz corporativo de Antônia. — Os homens passaram dois dias nos contando como as leis deles e o dinheiro deles falharam. Hoje o tema é ***o corpo político****. Quero histórias sobre o desejo, sobre os prazeres que as*

igrejas e os cartórios censuram, e sobre como as mulheres usam a própria carne como o único território de rebeldia que nenhum decreto consegue confiscar. Mariana, você vive de dar corpo às palavras no palco. Abra a roda.

Mariana endireitou as costas, os olhos brilhando com a provocação. Ela afastou o prato vazio e apoiou o queixo nas mãos unidas, iniciando a jornada do terceiro dia.

Conto VII: A Anatomia da Desobediência

No inverno de dois anos atrás, fui convidada para fazer a preparação corporal de um grupo de jovens atrizes em uma comunidade cultural auto-organizada na divisa entre o Grajaú e Parelheiros, no extremo sul de São Paulo. A região era um território cinzento, espremido entre as represas Billings e Guarapiranga, onde a lei oficial do Estado só aparecia na forma de viaturas da tropa de choque ou em panfletos de campanhas eleitorais que prometiam asfalto que nunca chegava.

Quem controlava o centro cultural, uma antiga fábrica de blocos de cimento abandonada, era uma mulher de trinta e dois anos chamada Verônica. Verônica era uma força da natureza: pele retinta, voz que ecoava pelas telhas de zinco do galpão e um corpo que ela usava como um manifesto vivo contra o recolhimento imposto pela violência do bairro.

A filha de um dos pastores neopentecostais mais poderosos da região, uma jovem de dezenove anos chamada Ester, começou a frequentar as oficinas de teatro escondida da

família. Ester fora criada sob o regime da doutrina da modéstia: saias longas de brim, cabelos que nunca haviam tocado uma tesoura e um silêncio corporal que a fazia caminhar como se pedisse desculpas por ocupar um espaço no mundo. O pai dela, o Pastor Joel, usava o púlpito da igreja — que ocupava três quarteirões da avenida principal — para pregar que o corpo da mulher era uma propriedade dividida entre Deus e o futuro marido escolhido pela congregação.

Nas primeiras semanas, Ester mal conseguia tirar os sapatos para os exercícios de respiração no chão de concreto. O corpo dela era um nó de tensões e culpas herdadas. Mas o teatro tem uma qualidade perigosa: quando você ensina uma pessoa a respirar com o diafragma, você devolve a ela o volume da própria voz.

Uma noite, após o término do ensaio, o Pastor Joel apareceu no portão do galpão acompanhado por três diáconos corpulentos, homens que usavam ternos baratos e traziam coldres velados sob os paletós. Ele não veio discutir teologia. Veio buscar a propriedade dele.

— Esse lugar é uma escola de perdição — o pastor disse, a

voz impostada como se estivesse diante de uma multidão de fiéis. — Vocês estão ensinando a minha filha a se expor, a desonrar o nome da família e o templo do Espírito Santo. Ester, pegue suas coisas. Você volta para casa hoje e não sai de lá até o dia do seu casamento.

Ester estava no fundo do galpão, vestindo uma camiseta larga de algodão e calças de moletom. Ela deu um passo à frente, mas Verônica se colocou entre ela e os homens da igreja.

— Pastor — Verônica falou, o tom de voz calmo, mas com a firmeza de quem já enterrou três irmãos naquelas periferias. — A sua igreja cobra dez por cento do salário das empregadas domésticas deste bairro para prometer um céu que ninguém viu. Aqui dentro, nós não cobramos nada para que a sua filha descubra que o céu dela começa no próprio peito. Ela fica se ela quiser.

Joel acenou com a cabeça e um dos diáconos avançou, segurando Verônica pelo braço com uma força que teria quebrado o pulso de uma mulher comum. O que se seguiu não foi uma briga, mas uma performance de recusa.

As doze atrizes que estavam no galpão, meninas da periferia que haviam passado os últimos meses aprendendo a dominar o peso e a musculatura do próprio corpo, cercaram os homens. Elas não usavam armas; usavam a presença física. Tiraram as camisas de ensaio e alinharam-se na penumbra do galpão, expondo os peitos, as cicatrizes de cesáreas, as estrias e a pele suada do trabalho diário. Era um exército de carne que rejeitava a sacralidade da culpa que o pastor vendia no altar.

— Podem atirar — disse Verônica, dando um passo em direção ao pastor, o peito nu colado no paletó de linho sintético dele. — Mas cada bala que entrar aqui vai ter que responder a uma carne que vocês não conseguem cobrir com as suas saias de brim. O corpo da Ester não é o seu dízimo, Joel.

O pastor olhou para as doze mulheres alinhadas sob a luz fraca dos refletores de querosene do teatro. A arrogância do púlpito sumiu de seus olhos, substituída por um medo ancestral, o medo que os homens têm quando descobrem que a moral que criaram para subjugar o desejo não tem poder contra o desejo que se assume vivo. Ele recuou. Os diáconos soltaram Verônica e o grupo de homens bateu o portão de

ferro, batendo em retirada pela rua de terra escura.

Ester cortou os cabelos na mesma noite, usando uma das tesouras de costura do figurino do teatro. Ela não fugiu do bairro. Passou a morar no galpão e, quando o surto de ebola fechou as linhas de ônibus e os pastores começaram a vender garrafas de água ungida por mil reais prometendo imunidade divina, foi Ester quem organizou as mulheres do Grajaú para fabricarem sabão artesanal com óleo de cozinha reciclado, ensinando cada moradora a lavar as mãos e os corpos sem depender da bênção de nenhum homem. A igreja de Joel foi abandonada na segunda semana da crise; o galpão do teatro continuava de pé, cheirando a cloro e a autonomia, quando o exército decretou o toque de recolher.

Mariana terminou o relato com os olhos fixos na fresta da janela, onde a luz vermelha do sol da manhã desenhava uma linha de sangue sobre a mesa de vime.

Na varanda da ilha, o silêncio era diferente. Arthur mantinha os olhos fixos no chão, visivelmente desconfortável com a imagem das mulheres nuas

enfrentando a autoridade masculina. Lívia parecia respirar mais aliviada, como se a história de Mariana tivesse devolvido a ela um pedaço da dignidade que a curadoria digital lhe retirara.

— O desejo — murmurou Teresa, a matriarca, ajeitando a travessa de peixe no centro da mesa — é a única coisa que não entra no inventário das perdas. Você pode queimar a casa, mas não queima a fome.

Beatriz olhou para Antônia, a executiva, cujos olhos mantinham uma frieza analítica.

O término da história de Mariana foi cortado pelo som metálico de talheres batendo contra a cerâmica. Arthur empurrou o prato de peixe grelhado para o centro da mesa com uma força excessiva, levantando-se da cadeira de vime de forma abrupta. Suas costas estavam rígidas e as veias do pescoço saltavam sob a pele clara, queimada pelo mormaço da ilha.

— Isso tudo é muito poético, muito libertador — disse Arthur, a voz subindo um tom acima do necessário, ecoando sob o teto de telhas coloniais —, mas é uma

fantasia de quem nunca teve que assinar uma folha de pagamento. Vocês falam do corpo como um manifesto, mas esquecem que a carne sangra, que a carne apodrece. Esse vírus lá fora não é um pastor de periferia que recua diante de um peito nu. Ele rasga as artérias por dentro. Ele derrete os órgãos.

Ninguém respondeu de imediato. Helena, a sanitarista, continuou mastigando seu pedaço de mandioca com uma lentidão cirúrgica, os olhos fixos na mesa, como se estivesse dissecando a explosão do empresário.

Arthur caminhou até o limite da varanda, apoiando as duas mãos no parapeito de madeira tratada. Ele olhou para o canal cinzento e depois voltou-se para o grupo, apontando o dedo na direção de Helena e Beatriz.

— Nós estamos aqui fingindo que somos um clube de leitura, mas a verdade é que estamos presos. Minha empresa tem três canteiros de obras parados em Caraguatatuba. Eu tenho mais de quatrocentos operários confinados em alojamentos sem saneamento básico. Se um deles contrair essa merda, a responsabilidade civil e criminal cai nas minhas costas. E eu estou aqui, comendo

peixe com espinho e ouvindo discursos sobre... sobre emancipação corporal.

Antônia não se mexeu. Ela permaneceu sentada na cabeceira, observando as bolhas estouradas nas mãos do marido com uma indiferença que parecia doer mais do que uma agressão física.

— Sente-se, Arthur — ela disse, a voz saindo baixa, fria e perfeitamente modulada, cortando o ar abafado da varanda. — As suas obras estão cobertas de poeira e os seus operários já pularam os muros dos alojamentos para saquear os supermercados na primeira noite da barreira sanitária. Você não tem mais uma folha de pagamento porque não há mais um sistema bancário para compensar os seus cheques. Pare de encenar o papel do homem de negócios. Aqui dentro, você é apenas o vigia da lenha.

Arthur engoliu em seco. A humilhação, vinda diretamente da esposa diante do grupo, fez seus ombros cederem alguns centímetros. Ele olhou para Thiago e Gabriel, buscando algum tipo de solidariedade masculina, mas o jornalista continuava apontando o lápis sobre o caderno de capa dura e o programador ajustava obsessivamente o relógio digital

de pulso que Helena confiscara no primeiro dia e que ele mantinha desligado no bolso.

Teresa levantou-se em silêncio, derramando mais um filete de óleo de coco sobre a travessa de peixe para evitar que a carne ficasse seca sob o calor que aumentava. O gesto simples da matriarca pareceu ancorar o grupo de volta à realidade imediata da sobrevivência culinária.

Antônia limpou os cantos da boca com o guardanapo de pano de prato que Teresa fornecera, cruzou os dedos sobre a mesa e olhou diretamente para Beatriz.

— O Arthur tem medo do corpo porque o mercado ensinou a ele que a carne é apenas um insumo depreciável — Antônia começou, seus olhos fixos na caiçara. — Mas eu passei os últimos dez anos negociando com os diretores que desenhavam as plantas daqueles canteiros de obras. Vou contar a vocês como a carne se posiciona quando o contrato social é escrito em cima de um lençol de hotel de luxo.

Ela recostou as costas na cadeira de vime, respirou o ar que vinha da praia com o cheiro da cal viva misturado ao sal, e iniciou o oitavo conto.

Conto VIII: A Taxa de Ocupação

Aos trinta e cinco anos, eu era a única mulher no conselho de administração da Vanguard Incorporações. Meu cargo consistia em dar respeitabilidade estética a projetos que desmatavam encostas de morros em Ilhabela e privatizavam faixas de areia em São Sebastião. Os homens da mesa me viam como um escudo de relações públicas, um ativo de conformidade de gênero. Para eles, meu intelecto era um detalhe secundário; o que importava era que eu usava ternos sob medida e mantinha a voz calma enquanto os tratores derrubavam a mata atlântica.

O presidente da corporação era um homem chamado Maurício Vilela. Ele tinha sessenta e dois anos, dentes perfeitos comprados na Flórida e uma blindagem jurídica que o tornava imune a qualquer fiscalização ambiental. Ele me chamou ao escritório da cobertura da Avenida Brigadeiro Faria Lima em uma sexta-feira à noite, logo após o fechamento do pregão da Bolsa de Valores.

A cidade lá fora já começava a apresentar os primeiros

sinais de pane: o trânsito da Marginal Pinheiros estava travado por três ambulâncias com os giroscópios ligados, isolando um ônibus intermunicipal que viera da Baixada com passageiros febris.

— Antônia, o secretário de Habitação do Estado não vai assinar a liberação da licença do Residencial Península se eu não entregar a ele algo mais do que o repasse de campanha usual — Maurício disse, servindo-se de uma dose de uísque single malt. — Ele quer garantias de que o condomínio fechado de luxo em Ubatuba terá uma área de exclusão aérea privada para o helicóptero dele, caso o comitê de crise decrete o isolamento da capital. E ele quer que você faça a apresentação do memorial descritivo na suíte presidencial do Hotel Fasano, amanhã à noite.

O "memorial descritivo", como todas nós naquela sala sabíamos, era um eufemismo. O secretário, um homem casado cuja imagem pública era associada à defesa da família tradicional e dos valores cristãos, já havia tentado segurar minha mão em dois jantares de negócios anteriores. Ele via o meu cargo na Vanguard como uma extensão da tabela de propinas da empresa. Meu corpo deveria entrar na planilha como despesa operacional de incorporação.

Olhei para a tela do meu computador. Se a licença de Ubatuba não saísse até a segunda-feira, as ações da construtora derreteriam quarenta por cento e meu bônus de final de ano — o dinheiro que eu estava guardando para comprar minha independência definitiva da empresa e do Arthur — seria confiscado pelos bancos credores.

Fui ao Hotel Fasano na noite seguinte. Não levei pastas com plantas de engenharia ou relatórios de impacto ambiental. Usei um vestido de seda preta que comprei em Paris e não passei perfume. A carne não precisava de adornos promocionais.

Quando o secretário abriu a porta da suíte, ele já estava sem gravata e cheirava ao gim caro que a administração municipal importava para os conselheiros. O memorial descritivo permaneceu intocado em cima do frigobar.

— Antônia — ele disse, estendendo a mão para o meu ombro com a lentidão predatória de quem é dono do orçamento público do estado. — O Maurício me disse que você é a pessoa mais eficiente da Vanguard para resolver pendências técnicas.

Eu não recuei. Dei um passo à frente, segurei os dedos dele com uma força que o fez parar de rir e o empurrei em direção à cama de casal com lençóis de algodão egípcio. Tirei o vestido em silêncio, deixando a seda cair no chão como se estivesse descartando um relatório desatualizado.

O que se seguiu nas duas horas seguintes não foi uma cena de sedução ou de prazer. Foi um ato de expropriação. Eu usei cada centímetro da minha pele, cada curva dos meus músculos e cada movimento do meu quadril para esvaziar a autoridade daquele homem. Enquanto ele achava que estava consumindo um suborno biológico, eu estava extraindo dele as assinaturas digitais nos decretos de utilidade pública que ele guardava no tablet institucional sobre a mesa de cabeceira. Usei os dedos suados dele, enquanto ele tentava recuperar o fôlego entre os meus seios, para desbloquear a tela facial do aparelho e validar o envio das licenças de obras para o Diário Oficial do Estado.

Quando o dia amanheceu com aquela mesma névoa amarela que hoje cobre o nosso canal, eu já estava vestida e sentada na poltrona de couro da suíte, assistindo à assinatura digital ser publicada no sistema do governo. O

secretário estava deitado de lado, com o peito flácido subindo e descendo com dificuldade, roncando sob o efeito do cansaço e do álcool.

— A licença está concedida, secretário — eu disse da porta, antes de fechar o trinco. — O Residencial Península agora é legalizado pelo Estado.

Duas semanas depois, o ebola tomou o Palácio dos Bandeirantes. O secretário foi um dos primeiros a ser enterrado em uma vala comum no cemitério da Vila Formosa, sem direito a velório ou caixão com alças de bronze. As fundações de concreto do condomínio em Ubatuba agora servem apenas como piscinas de água parada onde os mosquitos se reproduzem. Meu corpo não foi humilhado ou comprado por aquela transação; ele foi a ferramenta cirúrgica que arrancou o poder das mãos de um homem público corrupto antes que o sistema biológico dele entrasse em colapso. O Arthur tem medo do corpo porque ele sabe que, na contabilidade real da carne, os homens são apenas os clientes que pagam a conta de um banquete que eles não sabem como digerir.

Antônia terminou a narrativa mantendo os braços cruzados sobre o peito, a postura firme de quem havia encerrado uma prestação de contas impecável.

Arthur permaneceu imóvel perto do parapeito, de costas para a mesa. Seus dedos apertavam a madeira tratada com tanta força que os nós das mãos estavam brancos. Ele não disse uma palavra; a história da esposa havia exposto as bases financeiras do casamento deles com a precisão de uma auditoria fiscal.

Lívia soltou uma respiração longa, quase um suspiro de alívio, enquanto Mariana olhava para Antônia com um respeito silencioso, reconhecendo na frieza da executiva uma forma diferente de encenação dramática.

Thiago, o jornalista, ergueu os olhos do caderno de capa dura. Ele girou o lápis entre os dedos, quebrando o silêncio que se estendia pela varanda da ilha.

— A carne como contrato de gaveta — disse o jornalista, fechando o caderno por um segundo. — Uma engenharia reversa do patriarcado paulista. Mariana abriu o dia com a carne como manifesto na periferia; Antônia nos trouxe a

carne como suborno corporativo nos Jardins. Falta uma ponta nessa corda. Mariana, quem você escolhe para fechar o terceiro dia de isolamento?

Mariana virou o rosto na direção de Teresa, a matriarca, que terminava de limpar o tampo de madeira da cozinha com um pano úmido que cheirava a álcool e alecrim.

— Teresa — disse a artista, a voz mansa, mas firme. — Você viu as gerações deste litoral subirem e descerem antes que as construtoras comprassem as praias. Mostre-nos o que a carne da terra lembra quando o progresso dos homens vira fumaça.

Teresa parou o movimento do pano sobre a madeira. Ela olhou para as sete mulheres ao redor da mesa, depois para os três homens na penumbra, respirou o ar abafado que trazia o odor da cal viva e começou o nono conto do livro.

A resposta de Teresa foi adiada por um sobressalto vindo da praia. O vento, que passara a manhã inteira soprando uma brisa quente e abafada de oeste, cessou abruptamente, deixando as folhas das bananeiras completamente imóveis. No mar, o som regular das ondas que quebravam na areia

foi substituído por um marulho esquisito, um estalo seco e contínuo que parecia vir do costão de pedras da face norte.

Beatriz levantou-se num salto, os olhos cravados na linha d'água.

— A maré virou mais rápido do que a tábua marcava — disse a caiçara, pegando o binóculo sobre a mesa. — Tem alguma coisa batendo na restinga.

Arthur, Gabriel e Thiago seguiram a bióloga até a borda da varanda. Lá embaixo, na faixa de areia grossa onde a cal viva que Beatriz jogara mais cedo ainda formava uma mancha branca e seca, o recuo violento da água estava expondo a carcaça de uma baleia-jubarte jovem. O animal, de quase sete metros de comprimento, encalhara durante a madrugada, mas agora, com a vazante da maré de sizígia, seu corpo imenso jazia inteiramente sob o sol do meio-dia.

A pele escura do cetáceo não tinha as marcas comuns de redes de pesca ou mordidas de tubarão. Estava coberta por grandes bolhas purpúreas que estouravam sob o calor, liberando um fluido viscoso e enegrecido que escorria para o mar, manchando a espuma de um tom avermelhado.

Centenas de gaivotas e urubus sobrevoavam o cadáver, mas nenhuma ave ousava pousar na carne exposta; elas davam voos rasantes e se afastavam, soltando gritos agudos, repelidas pelo odor químico e biológico que o bicho exalava.

— O reservatório secundário — murmurou Helena, a voz trêmula enquanto limpava as lentes dos óculos com a barra da camisa. Ela caminhara até o parapeito ao lado de Beatriz. — Eu estava errada sobre os mamíferos da ilha. O vírus mudou de vetor no porto. Entrou nos cetáceos através do esgoto hospitalar despejado no estuário de Santos. Eles estão morrendo no canal.

Gabriel deu dois passos para trás, cobrindo a boca com a gola do casaco, os olhos arregalados de pânico ao ver a mancha escura na água avançar em direção aos pilares do píer da casa.

— Beatriz, a traineira... a água do motor não puxa essa sujeira? — perguntou o programador, a voz falhando.

— Se o lodo do bicho entrar no resfriamento, o motor trava em dois minutos — respondeu Beatriz, sem tirar o binóculo dos olhos. — Nós não podemos tocar naquela água.

Ninguém chega perto do mar até a próxima maré cheia levar o corpo embora. Se a correnteza trouxer o sangue dela para a nossa cisterna de captação da praia, nós perdemos a única fonte de água doce da casa.

Arthur soltou uma imprecação baixa e chutou o pilar de madeira da varanda, as bolhas de suas mãos estourando com o impacto, mas ele mal pareceu sentir a dor. A sensação de que a ilha já não era um refúgio, mas uma armadilha cercada por uma sopa biológica letal, congelou o grupo na varanda.

Teresa caminhou calmamente até o parapeito. Ela não olhou para a baleia morta na areia, nem para o continente esfumaçado. Seus olhos velhos fixaram-se nas manchas de cal viva que o vento começava a espalhar pelas folhas verdes da mata atlântica.

— A terra sempre sabe quando o sangue está podre — disse a matriarca, virando-se de costas para o mar e retornando ao seu lugar na mesa de vime. — Os homens inventam o progresso para esquecerem que são feitos de barro, mas a biologia não aceita desaforo de papel. Sentem-se. Vou contar a vocês o que aconteceu na Praia de Camburi

quando eu tinha a idade de Mariana.

Os personagens retornaram às cadeiras lentamente, arrastando os pés como se carregassem o peso do animal morto lá embaixo. Teresa apoiou as mãos grossas e calejadas pelo trabalho da roça na madeira da mesa e iniciou o nono conto.

Conto IX: A Dança da Piracema

Na década de setenta, muito antes de o asfalto da Rio-Santos rasgar as costeiras e trazer os condomínios de luxo com guaritas armadas, a Praia de Camburi era apenas uma linha de areia cercada por trinta casas de pau-a-pique e uma floresta que descia até o mar. A vida ali não obedecia ao relógio dos bancos, mas à subida das tainhas no inverno e à queima do carvão de Oricuri.

Eu tinha dezenove anos, o corpo firme de quem carregava balaio de mandioca morro acima e os pés calejados pelo sal das pedras. Meu pai era o mestre da rede de cerco da praia, o homem que decidia quando a comunidade entrava no mar.

Naquele ano, no início da piracema, chegou a Camburi uma lancha de motor de popa duplo, branca e brilhante, que parecia um corpo estranho boiando no canal. O dono era um engenheiro civil da capital chamado Dr. Nestor. Ele viera como chefe da equipe de topografia da Ditadura Militar, encarregado de desenhar o traçado das pontes que

ligariam o litoral ao progresso de concreto de São Paulo.

Nestor instalou-se na única casa de alvenaria da praia, uma antiga benfeitoria de pescadores que ele alugara por três meses. Ele trazia caixas de uísque, um rádio de pilha que tocava músicas estrangeiras e uma arrogância que o fazia caminhar pela areia de botas de couro, olhando para nós como se fôssemos parte da vegetação rasteira que precisava ser limpa para a passagem das escavadeiras.

Ele fixou os olhos em mim na primeira semana. Nestor não pedia ou cortejava; ele operava pela lógica da ocupação territorial. Ele ofereceu ao meu pai duas espingardas novas e um motor de popa usado em troca de me ter como cozinheira e arrumadeira na casa de alvenaria durante a temporada de mapeamento. Meu pai, que via os peixes sumirem com o barulho das dragas que já operavam em Santos, aceitou o trato sob o silêncio resignado da comunidade.

Eu entrei na casa de Nestor sabendo exatamente qual era o memorial descritivo que ele esperava de mim. Nas primeiras duas semanas, ele me usou como usava os seus teodolitos e mapas: como uma ferramenta de posse. Ele

gostava de me deitar na mesa de desenho técnico, empurrando as plantas das futuras pontes da Rio-Santos para o chão, usando o peso do seu corpo de homem da cidade para tentar esmagar a minha dignidade caiçara. Ele achava que cada nota de cruzeiro que deixava em cima da cabeceira comprava o direito de me ver chorar ou implorar por clemência.

Mas ele não conhecia a carne da terra. Eu não chorei nenhuma vez. Eu mantinha os olhos abertos, fixos nas vigas de cambará do teto, respirando no mesmo ritmo das ondas que quebravam na costeira lá fora. Meu corpo não era dele; era apenas o território que ele ocupava temporariamente enquanto achava que estava governando o progresso.

Na terceira semana, a piracema das tainhas entrou no canal com uma força que os mais velhos nunca tinham visto. A água fervia de peixe prata. A comunidade inteira desceu para a praia para puxar o arrastão. Nestor, embriagado pelo uísque e pelo calor de trinta e oito graus daquele veraneio, resolveu descer até a areia para assistir, usando os seus calções de banho importados e uma câmera fotográfica pendurada no pescoço.

Ele se aproximou da corda do cerco e tentou puxar o nylon junto com os homens da praia, querendo fazer parte da fotografia do milagre econômico. Foi quando meu pai deu o sinal. Os trinta homens da comunidade soltaram a corda de uma vez só, deixando a força da rede cheia de toneladas de peixe puxar Nestor para dentro da água da maré de sizígia.

Ele não sabia nadar na correnteza de retorno do costão. Suas botas de couro o puxaram para baixo. Nestor debateu-se na espuma, berrando pelo socorro dos caiçaras que ele pretendia desalojar com as suas estradas. Nenhum homem mexeu um dedo. As doze mulheres da praia, alinhadas na beira d'água com as saias molhadas de sal, assistiram ao engenheiro do progresso ser tragado pela massa de peixes e lama que subia do fundo.

O corpo dele foi devolvido pelo mar três dias depois, na Ponta das Galhetas. A carne dele estava branca, limpa pelos caranguejos e pelas tainhas que ele achava que eram apenas mercadoria de mercado. A câmera fotográfica ainda estava presa ao pescoço dele, cheia de água salgada e areia grossa.

A Rio-Santos acabou sendo construída dez anos depois, mas a ponte que Nestor veio desenhar nunca foi erguida naquele trecho de Camburi; o governo precisou desviar o traçado original em dois quilômetros porque os engenheiros subsequentes diziam que o terreno daquela costeira era "instável e rejeitava as sapatas de sustentação". O dinheiro e as plantas de Nestor foram enterrados com ele em uma cova sem identificação no cemitério de Caraguatatuba. A carne da terra não aceita o traçado do papel dos homens da cidade; ela sempre encontra uma forma de digerir o concreto e devolver o sal para o mar.

Teresa terminou a narrativa e voltou a passar o pano de prato úmido sobre o tampo de madeira da mesa, um movimento regular e calmo que parecia limpar não apenas a poeira da varanda, mas a própria memória do crime consentido de sua juventude.

Na mesa de vime da ilha, ninguém ousou quebrar o silêncio. Arthur mantinha a cabeça baixa, os olhos fixos na mancha de graxa de suas calças, completamente esvaziado de sua arrogância inicial. Gabriel olhava de relance para

as próprias pernas, como se testasse a firmeza de seus músculos contra a fragilidade dos sistemas que o cercavam.

Lá embaixo, na areia, o odor adocicado da baleia-jubarte jovem começava a subir com mais força à medida que o sol passava do meio-dia, misturando-se ao cheiro da cal viva que Beatriz jogara e criando uma barreira invisível e densa entre a casa e o resto do canal.

Beatriz levantou-se lentamente de seu lugar na ponta da mesa, guardando o binóculo no estojo de couro cru. Ela olhou para a névoa amarela que continuava a se erguer das refinarias do continente e depois voltou-se para as sete mulheres e três homens reunidos na cozinha interna.

— Três dias de estrada — anunciou a caiçara, sua voz assumindo a solenidade de quem encerra um turno de guarda. — Descobrimos que o corpo é o primeiro e o último território que a lei tenta cercar, mas que a carne da terra sempre cobra o imposto de quem tenta privatizar o mar.

Ela caminhou até o canto da sala onde Mariana descansava os braços sobre os joelhos e tocou suavemente o ombro da artista.

— Mariana — chamou Beatriz. — Amanhã o governo da palavra é seu. Defina o rumo que devemos tomar na próxima manhã.

Mariana ergueu o rosto devagar, os cabelos longos caindo sobre as clavículas. Seus olhos amendoados pareciam refletir o brilho avermelhado das chamas que ainda consumiam o porto de São Sebastião do outro lado do canal.

— Amanhã — disse a artista, com a precisão métrica de quem abre o terceiro ato de uma tragédia — quero histórias sobre as novas catedrais. Quero ouvir contos que exponham a charlatanice dos falsos profetas, dos gurus de bem-estar corporativo, dos coaches messiânicos e das redes de mentiras que lucram com o medo da morte bem antes do primeiro frasco de ebola quebrar no porto. Tranquem as janelas do lado oeste. A maré está mudando e o vento da noite vai trazer o som das sirenes que ainda restam no continente.

Eles se movimentaram de forma mecânica pela penumbra da cozinha interna, ajustando os trincos de ferro das portas

pesadas e recolhendo os pratos em silêncio, preparando-se para enfrentar a terceira noite de isolamento na ilha cercada pela linha vermelha do horizonte.

CAPÍTULO 5: A Fumaça no Altar

DIA 4: As Novas Catedrais

O quarto dia de isolamento amanheceu sob um silêncio absoluto e sufocante. A névoa cinzenta e oleosa que cobria o canal parecia ter engolido o vento, apagando completamente a linha do horizonte entre a ilha e o continente. A carcaça da baleia-jubarte na praia da face norte havia inchado sob o mormaço da madrugada, e o odor adocicado e pútrido da carne em decomposição agora filtrava-se pelas frestas das janelas de madeira da casa de Teresa.

Na cozinha interna, a luz dos lampiões a querosene projetava sombras longas e trêmulas nas paredes de azulejos descascados. A escassez começava a se desenhar nos detalhes: o café agora era uma infusão fraca e reaproveitada, e as fatias de mandioca cozida eram servidas de forma contada por Teresa.

Arthur permanecia sentado no canto, com as mãos repletas de bolhas estouradas escondidas nos bolsos do casaco manchado de ferrugem. Seu silêncio já não era de

arrogância, mas de uma exaustão que parecia vir de dentro. Ao lado dele, Gabriel mantinha os olhos fixos na mesa, enquanto seus dedos tamborilavam de forma mecânica em um teclado invisível.

Mariana ocupava a cabeceira da mesa comprida. Ela usava um xaile de algodão cru sobre os ombros e seus olhos amendoados pareciam reter a gravidade do cenário externo. Ela bateu com a colher de metal no tampo da mesa, reivindicando a atenção do grupo.

— As estruturas de concreto e os fundos imobiliários caíram nos primeiros dois dias — começou a artista, a voz perfeitamente modulada ecoando pelas vigas de madeira do teto. — Ontem, vimos que a carne é o último território que a lei tenta cercar. Hoje, quero abrir as portas de um mercado ainda mais sórdido. O tema do nosso quarto dia são ***as novas catedrais****. Quero ouvir histórias sobre os falsos profetas da modernidade, os gurus de bem-estar corporativo, os coaches messiânicos e as redes de mentiras que lucram com o medo da morte bem antes do vírus desembarcar no porto.*

Ela olhou diretamente para Thiago, o jornalista, que já

estava com o lápis apontado sobre a página em branco do caderno de capa dura.

— Thiago, você passou a carreira investigando os bastidores dos palcos que essas pessoas montam — disse Mariana. — Abra o dia. Mostre-nos o que se esconde atrás do altar dessas novas fés.

Thiago ajeitou os óculos, limpou a garganta com um som seco e começou a narrar o décimo conto do livro.

Conto X: O Evangelho do Silício

Antes do fechamento do perímetro metropolitano de São Paulo, o epicentro da ansiedade burguesa não ficava mais nas igrejas tradicionais da periferia, mas nos auditórios envidraçados de hotéis boutique na Vila Olímpia. Ali operava um homem chamado Samuel Veras. Samuel não se autodenominava pastor ou sacerdote; seu título oficial era Chief Spiritual Officer de uma consultoria de desenvolvimento humano focada em CEOs e diretores de multinacionais.

Samuel vendia o conceito de "Imunidade Existencial". Em um mundo acelerado, onde o pânico da obsolescência profissional gerava surtos crônicos de pânico e insônia na elite, ele oferecia retiros de silêncio absoluto em um condomínio fechado de altíssimo padrão no interior do estado, cobrando oitenta mil reais por um final de semana. O apelo era a desintoxicação total: dietas baseadas em água alcalina importada, meditações guiadas por frequências sonoras que supostamente alteravam o DNA e o uso de suplementos vitamínicos desenvolvidos por laboratórios

privados da Suíça que prometiam blindar o sistema imunológico contra qualquer agente patogênico.

Eu fui contratado por uma revista semanal para escrever um perfil de Samuel no início do outono. A pauta inicial era um elogio ao "empreendedorismo da consciência", mas decidi ir além do material de divulgação que a agência de Lívia distribuía para as redações.

Consegui conversar com uma ex-nutricionista da equipe de Samuel, uma jovem que fora demitida após se recusar a assinar um termo de confidencialidade médica. Ela me entregou as fórmulas reais dos suplementos que os CEOs consumiam nos retiros. As pílulas de "blindagem celular" suíças eram fabricadas em um galpão clandestino em Diadema. Tratava-se apenas de uma mistura de amido de milho, altas doses de cafeína sintética para gerar uma falsa sensação de energia e um ansiolítico de tarja preta moído para conter os ataques de pânico dos clientes durante as sessões de privação sensorial.

Quando o surto de ebola começou a ser registrado nos prontos-socorros da Baixada, Samuel não cancelou as inscrições para o seu retiro de inverno. Pelo contrário: ele

triplicou o valor das vagas. Ele disparou um e-mail em massa para os maiores empresários do país afirmando que o vírus era uma "manifestação energética de baixa frequência" e que aqueles que tivessem atingido o nível avançado da Imunidade Existencial estariam biologicamente protegidos pela força do próprio foco mental.

Eu o confrontei na sala VIP do aeroporto de Congonhas, poucas horas antes de os voos comerciais serem suspensos pelo Ministério da Defesa. Samuel vestia uma túnica de linho egípcio branco e estava acompanhado por dois seguranças armados com pistolas de polímero.

— Samuel, metade dos diretores que frequentaram o seu retiro no mês passado está internada com sangramento gástrico no Hospital Sírio-Libanês — eu disse, colocando os laudos de Diadema em cima da poltrona de couro onde ele descansava os pés. — Suas pílulas são uma fraude e você está vendendo um salvo-conduto psicológico para uma crise biológica letal.

Ele olhou para os papéis com uma indiferença gélida. Não se alterou. Serviu-se de um copo de água mineral e olhou

para o painel de voos que piscava em vermelho na parede do terminal.

— Thiago, meu caro — ele falou, a voz mantendo aquela cadência suave e hipnótica que acalmava o conselho de administração dos maiores bancos de investimento. — O que você chama de fraude é a única coisa que impede esses homens de enfartarem antes do vírus chegar. Eles passam a vida inteira acreditando que o dinheiro deles pode comprar o controle sobre tudo, desde as ações da empresa até as células do próprio corpo. Eu não vendo medicina; eu vendo a ilusão de que eles são deuses imunes à lama do mundo. E os deuses pagam caro para continuarem sonhando.

— O sonho acabou, Samuel. O vírus está na Linha 1 do metrô — eu disse.

— Para eles, talvez. Para mim, a imunidade é contábil — ele sorriu de canto. — A conta corrente da minha consultoria nas Bahamas recebeu doze milhões de dólares em depósitos nas últimas quarenta e oito horas. O jipe blindado que vai me levar para o heliponto privado em Jundiaí está estacionado ali fora. Se o vírus chegar até mim, a biologia fará o trabalho dela, mas até lá, eu fui o

homem que governou a mente dos donos do país enquanto o mundo deles desabava.

Samuel entrou no veículo blindado de luxo. Duas semanas depois, quando a rede elétrica da capital caiu de vez, soube-se que o retiro no interior se transformara em uma ratoeira biológica. Um dos diretores de banco que pagara duzentos mil reais por uma vaga na "ala vip de isolamento" de Samuel havia chegado de Santos já infectado. As frequências sonoras de meditação e a água alcalina não impediram que o ebola consumisse as paredes intestinais de trinta milionários trancados na mesma sala blindada em menos de cinco dias. Samuel foi encontrado morto pelo próprio serviço de segurança no escritório da fazenda, com as malas cheias de relógios de luxo e barras de ouro que ele não teve tempo de colocar no helicóptero. As novas catedrais da Faria Lima desmoronaram exatamente como os templos de pedra do passado: deixando apenas cadáveres ricos cobertos por linho caro sobre o chão de mármore.

Thiago fechou o caderno de capa dura com um impacto suave. O som pareceu ecoar pela cozinha interna da casa de Teresa, onde o chiado do queimador do botijão de gás

servia como a única música de fundo.

Lívia abaixou a cabeça, apoiando as mãos nos joelhos. Ela conhecia a agência que cuidava da imagem de Samuel Veras; fizera parte do circuito de divulgação daquela mesma consultoria de desenvolvimento humano antes de fugir para o litoral.

— A mentira corporativa — murmurou Clara, a advogada, limpando os óculos na barra da blusa — é mais letal do que a heresia medieval, porque ela vem com selo de certificação internacional e auditoria independente.

Antônia olhou para Lívia, cuja respiração estava curta na penumbra da sala.

— Lívia — chamou a executiva, a voz firme e direta. — Você era a vitrine que essas novas catedrais usavam para atrair os fiéis do mercado. Mostre-nos qual era a sua participação nessa liturgia antes de os servidores caírem.

Lívia engoliu em seco, arrumou os cabelos úmidos atrás da orelha e preparou-se para falar o décimo primeiro conto deste diário de isolamento.

A transição para a história de Lívia não veio por meio de palavras, mas pelo colapso de um dos poucos luxos que o grupo mantinha na ilha: a separação dos corpos.

Helena levantou-se abruptamente da mesa de vime, caminhando até o balcão onde mantinha as caixas térmicas do laboratório da USP. Ela retirou de lá um termômetro digital infravermelho e caminhou em direção a Gabriel. O programador estava com os olhos vermelhos e uma linha fina de suor frio escorria por suas têmporas, apesar do mormaço úmido da cozinha.

— Gabriel, levante a cabeça — ordenou a sanitarista, apontando o feixe de luz vermelha para a testa dele.

O aparelho bipou duas vezes. O silêncio na sala congelou os movimentos de Teresa, que lavava os pratos.

— Trinta e sete ponto oito — anunciou Helena, a voz adquirindo a rigidez fria de um diagnóstico hospitalar. — Sua frequência respiratória está acima do normal. Você começou com essa cefaleia quando?

Gabriel engoliu em seco, encolhendo os ombros dentro do casaco de moletom.

— É só a insônia, Helena. O barulho da fragata ontem... eu não dormi nada. Minhas costas estão doendo por causa do colchão de mola velho. Não é o vírus. Eu não encostei em ninguém no porto de Santos, eu juro por Deus.

Arthur deu três passos largos para trás, batendo as costas contra a cristaleira de madeira de Teresa, os olhos arregalados.

— Afasta ele da mesa — Arthur esbravejou, o pânico transformando sua voz em um guincho agudo. — Helena, bota esse moleque para fora da casa principal. Nós combinamos que se alguém apresentasse febre...

— Nós combinamos que haveria um protocolo de isolamento interno, Arthur, não uma execução — Clara interveio, levantando-se e colocando-se entre o empresário e o programador. — O isolamento é na edícula dos fundos, onde guardamos as ferramentas.

Lívia olhou para Gabriel. Fora ela quem insistira para

que o programador entrasse na traineira em São Sebastião; ele era o único que sabia como operar os sistemas de criptografia que protegiam os dados de sua própria agência de imagem. Ao vê-lo ali, trêmulo, sendo tratado como um vetor de descarte pelo homem que dois dias antes ostentava o controle de uma construtora, algo quebrou na postura da influenciadora. Ela não usou o lenço para cobrir o nariz; deu um passo à frente e sentou-se na cadeira ao lado dele, segurando a mão pálida e suada do rapaz sobre o tampo de madeira.

— Ninguém vai jogar o Gabriel no meio das ferramentas — disse Lívia, a voz saindo sem a modulação treinada dos seus vídeos, áspera e real. Ela olhou para Arthur com um desprezo profundo. — Você passou a vida inteira pagando plano de saúde vip corporativo para achar que a doença é um problema de classe, Arthur. Mas o corpo dele agora é o nosso espelho.

Ela soltou a mão de Gabriel devagar, limpou o suor das próprias palmas na calça jeans e voltou seus olhos para Mariana e Antônia. O mormaço da cozinha interna parecia ter derretido a última camada da imagem de marca que ela tentara manter nos primeiros dias.

— O Thiago falou sobre o templo do silício do Samuel Veras — Lívia começou, apoiando os cotovelos na madeira da mesa. — Mas a agência que gerenciava a imagem dele era a minha. Vou contar a vocês sobre a liturgia que nós criamos para que os ricos pagassem por um milagre estético enquanto as periferias de São Paulo começavam a tossir sangue nas filas do SUS.

Ela respirou o ar que vinha da varanda, pesado com o cheiro da cal viva e da baleia morta na praia, e iniciou o décimo primeiro conto do livro.

Conto XI: A Estética da Imunidade

No início do verão passado, a minha agência de marketing de influência fechou um contrato de exclusividade de dois milhões de reais com uma startup de biotecnologia chamada VitalSkin. O produto deles não era um creme ou um cosmético tradicional; era uma "terapia de infusão celular personalizada". Eles operavam em uma clínica de três andares com fachada de vidro espelhado na Avenida Europa, nos Jardins, onde não havia salas de espera, apenas lounges privados com móveis de design escandinavo e garrafas de champanhe cortesia.

O conceito era vendido como a última fronteira do rejuvenescimento biológico. A elite paulistana — atrizes de novela, esposas de juízes e herdeiros de indústrias — ia até lá duas vezes por semana para receber infusões intravenosas de um soro amarelado que os médicos da clínica chamavam de "Plasma Regenerativo de Alta Performance". A promessa era de que aquela fórmula, supostamente extraída de culturas de células-tronco cultivadas em laboratórios de Munique, limpava as toxinas do estresse, impedia o envelhecimento celular e

criava uma barreira imunológica absoluta contra qualquer virose urbana.

Quem comandava a operação médica era a Dra. Evelyn Vaz, uma dermatologista que tinha mais de três milhões de seguidores nas redes e cujo rosto era o próprio anúncio da clínica: uma pele perfeitamente esticada, sem linhas de expressão, e um sorriso que transmitia a segurança de quem havia abolido a mortalidade biológica por decreto estético.

Meu trabalho era fazer com que esse soro virasse uma febre de consumo. Contratei doze das maiores influenciadoras de lifestyle do país para filmarem suas rotinas de infusão. Os vídeos eram sempre iguais: a moça sentada em uma poltrona de couro branca, sorrindo com a agulha no braço, usando hashtags sobre autocuidado, alta performance e a "construção de uma imunidade soberana". O mercado respondeu de forma febril. Havia uma fila de espera de quatro meses para conseguir uma consulta de dez mil reais com a Dra. Evelyn.

Uma noite, durante uma sessão de fotos institucional após o fechamento da clínica, precisei descer até o subsolo para

aprovar os cenários do laboratório de manipulação onde filmaríamos os comerciais do próximo trimestre. O laboratório oficial estava trancado, mas ouvi um barulho de maquinário vindo da área de descarte de lixo hospitalar, perto das docas de carga.

Aproximei-me e vi dois funcionários com uniformes de limpeza industrial esvaziando galões de soro fisiológico hospitalar comum — daqueles de cinco reais o litro, comprados em distribuidoras de medicamentos de periferia — dentro de grandes tanques de aço inoxidável. Em seguida, eles adicionavam ao composto altas doses de vitamina C industrial e um corante alimentar amarelo para dar o aspecto denso de "plasma celular". O laboratório de Munique nunca existiu; toda a engenharia da VitalSkin consistia em revender água com açúcar e vitamina C a preço de ouro para os ricos que tinham pavor de envelhecer.

Confrontei a Dra. Evelyn no escritório dela na cobertura, enquanto ela conferia as métricas de engajamento do nosso último vídeo no tablet.

— Evelyn, isso é estelionato de saúde pública — eu disse, as

mãos trêmulas enquanto mostrava as fotos que tirara dos galões azuis no subsolo. — Vocês estão cobrando fortunas por soro fisiológico e dizendo às pessoas que elas estão protegidas contra infecções reais.

Evelyn nem sequer se deu ao trabalho de tirar os olhos da tela do tablet. Ela ajeitou o colar de pérolas e soltou uma risada suave, um som cristalino que parecia saído de um comercial de televisão.

— Lívia, querida, a nossa clientela não vem aqui atrás de medicina — ela disse, a voz perfeitamente calibrada pela indiferença. — Eles vêm aqui porque têm dinheiro demais e tempo de menos. Eles sabem que o mundo fora dos condomínios deles está feio, poluído e violento. O que eu vendo não é uma barreira biológica; é o direito psicológico de se sentirem superiores à biologia do resto da população. Eles querem acreditar que o sangue deles é diferente do sangue do motorista que os traz até aqui. A imunidade que eles compram é um status de classe. Se eu entregar a eles a verdade, eles entram em pânico. E o pânico envelhece mais do que o sol.

Eu não cancelei o contrato da agência. Passei as três

semanas seguintes editando os vídeos das influenciadoras na poltrona branca, adicionando filtros que faziam o soro amarelo brilhar como se fosse ouro líquido na tela dos celulares. O faturamento da clínica bateu recorde no mês seguinte.

Quando a variante do ebola desembarcou em Santos e as primeiras notícias de isolamento biológico começaram a vazar, a clínica da Avenida Europa virou uma fortaleza de desespero. Os mesmos CEOs que faziam as infusões de vitamina C tentaram invadir o prédio na madrugada para comprar os tanques de aço, achando que o "plasma" de Munique os salvaria do sangramento gástrico. A Dra. Evelyn tentou fugir para a casa de veraneio dela em Angra dos Reis, mas o carro dela ficou preso no congestionamento da rodovia Rio-Santos. Ela foi encontrada morta dentro do veículo blindado, com a pele perfeita desfeita pelos hematomas do vírus, cercada por trinta frascos da água amarela que ela vendia como o elixir da imortalidade. As novas catedrais da estética caíram porque a biologia não lê contrato de publicidade; o vírus provou que, sob a pele esticada por formaldeído ou preenchimento químico, a carne de um milionário dos Jardins apodrece exatamente no mesmo ritmo e com o mesmo cheiro de qualquer corpo

jogado na calçada da periferia.

Lívia encerrou a história mantendo os olhos fixos na mesa, sua mão direita ainda pousada de leve no braço da cadeira de Gabriel. O programador respirava de forma audível, as pálpebras pesadas pela febre que subia lentamente.

Arthur permaneceu encostado na cristaleira, com o rosto pálido e os braços cruzados, sem conseguir articular a defesa de sua classe que tentara esboçar minutos antes. A crueza com que a influenciadora expusera as engrenagens da vaidade burguesa deixara a varanda da ilha sem nenhum espaço para a pose.

— A vaidade — disse Teresa, a matriarca, levantando-se com uma caneca de alumínio cheia de um chá escuro e fumegante que preparara no fogão a lenha — é o altar onde os homens sacrificam a própria razão para não verem que são feitos do mesmo barro. Gabriel, beba isso. É folha de pitanga com guaco. Não cura vírus de laboratório, mas abaixa o fogo do peito para você conseguir ouvir o resto da jornada.

Gabriel pegou a caneca com as mãos trêmulas, o metal batendo de leve contra os seus dentes enquanto tomava o primeiro gole do líquido amargo.

Clara, a advogada, olhou para as mulheres ao redor da mesa e depois fixou os olhos em Helena, a sanitarista, que continuava monitorando o tempo no relógio digital analógico que trazia no pulso.

— O mercado da fé mudou de endereço, mas o dízimo continua sendo cobrado em sangue — disse Clara, ajeitando a trança sobre o ombro. — Thiago nos trouxe o evangelho do silício; Lívia nos mostrou a liturgia da pele. Helena, sua área de pesquisa na USP era justamente a auditoria desses laboratórios que financiavam essas novas fés. Feche o nosso quarto dia. Mostre-nos o que os cientistas do mercado estavam escrevendo nos relatórios confidenciais enquanto nós achávamos que a técnica havia nos salvado da morte.

Helena tirou os óculos, limpou as lentes na barra da blusa com uma lentidão metódica, recolocou-os no rosto e preparou-se para iniciar o décimo segundo conto deste diário de ferro e sal.

Conto XII: O Custo do Milagre

Minha equipe no laboratório de virologia molecular da USP passou três anos analisando os relatórios de validação clínica de uma grande corporação farmacêutica franco-alemã chamada Aegis BioLabs. O braço nacional deles funcionava em um complexo de segurança máxima no polo tecnológico de Campinas. Eles eram a nova catedral da ciência de mercado; o lugar para onde o governo e os grandes fundos de previdência olhavam toda vez que uma ameaça sanitária surgia no horizonte.

A grande promessa da Aegis para aquele ano era uma plataforma vacinal de espectro amplo chamada Sentinela. Diferente das vacinas tradicionais, a proposta deles utilizava vetores virais modificados por inteligência artificial para antecipar mutações de filovírus — a família do ebola e de outras febres hemorrágicas. Os anúncios institucionais que a empresa veiculava, repletos de computação gráfica e cientistas sorridentes, afirmavam que a humanidade havia finalmente entrado na era da "Prevenção Absoluta".

Duas semanas antes de o primeiro caso estourar no porto de Santos, recebemos no laboratório as amostras de sequenciamento genético da terceira fase de testes em humanos, enviadas de forma anônima por um técnico de bioprocessos de Campinas.

Quando rodamos os dados nos nossos sequenciadores, descobrimos a fratura no altar daquela ciência. O vetor viral modificado artificialmente pela Aegis para carregar o antígeno era instável. Em cerca de quatro por cento dos voluntários de teste — a maioria composta por trabalhadores portuários de Santos que haviam recebido quinhentos reais para participar do ensaio clínico —, o vírus vetor sofria uma recombinação reversa. Ele não ensinava o corpo a produzir anticorpos; ele se reativava, utilizando a própria enzima de replicação do hospedeiro para iniciar um processo de sangramento interno em progressão geométrica. Eles não haviam criado uma vacina; haviam criado um gatilho de ativação biológica retardada.

Liguei para o diretor de Assuntos Regulatórios da Aegis no Brasil, um médico de carreira corporativa chamado Dr.

Klaus Meyer. O encontrei no heliponto da sede da empresa, enquanto ele orientava o carregamento de quatro caixas de alumínio aeronáutico para dentro de um helicóptero privado.

— Klaus, os dados da fase três estão adulterados nos relatórios enviados à Anvisa — eu disse, segurando os gráficos de dispersão genômica contra o vento das hélices. — A plataforma Sentinela está causando os focos de infecção em Santos. O vírus não veio de um cargueiro liberiano; ele saltou de dentro dos voluntários do teste de vocês.

Klaus nem sequer parou de conferir as travas das caixas de alumínio. Ele ajeitou o fone de ouvido de comunicação da aeronave e olhou para mim com a frieza de quem analisa uma quebra de estoque.

— Helena, a patente da plataforma Sentinela foi avaliada em quatro bilhões de euros na bolsa de Frankfurt na terça-feira passada — ele disse, a voz saindo metálica pelo microfone do capacete. — O governo federal já empenhou metade do orçamento de emergência da saúde para comprar os primeiros vinte milhões de doses. Se cancelarmos o lançamento agora para reestruturar o vetor,

a Aegis entra em recuperação judicial e o mercado de biotecnologia do país desaba.

— Pessoas estão sangrando nas UPAs de Santos, Klaus. A Anvisa precisa suspender a distribuição — eu esbravejei.

— A Anvisa vai aprovar o lote em regime de urgência nacional amanhã de manhã, Helena. Os diretores da agência têm assentos garantidos no conselho administrativo da nossa subsidiária europeia assim que se aposentarem — ele sorriu por trás da viseira fumê. — A ciência do mercado não busca a cura, busca o gerenciamento do risco financeiro. Se quatro por cento da população portuária morrer pelo caminho, o relatório final apontará uma 'falha de conformidade higiênica' das próprias vítimas. O mercado absorve a perda humana; ele não absorve a perda de liquidez.

Klaus subiu na aeronave. O helicóptero decolou em direção ao aeroporto de Viracopos, de onde um jato privado da corporação o levaria para a Suíça. Duas horas depois, a primeira barreira sanitária militar subiu na rodovia dos Bandeirantes, mas não para conter o vírus, e sim para garantir que o comboio de caminhões carregando os lotes

contaminados da vacina Sentinela chegasse aos centros de distribuição da capital.

O colapso biológico que se seguiu foi o dízimo final cobrado pela nova catedral da técnica. As pessoas faziam filas quilométricas nas farmácias de manipulação para comprar a vacina que as mataria em quarenta e oito horas, rezando para os frascos de vidro da Aegis como se fossem relíquias sagradas de santos medievais. Minha equipe destruiu os computadores do laboratório da USP e fugiu com as caixas térmicas contendo os isolados puros do vírus modificado antes que o exército entrasse para queimar os arquivos. A ciência de mercado morreu de joelhos diante do próprio monstro de silício que criou; o Dr. Klaus Meyer nunca chegou a Frankfurt. O jato dele foi retido em uma escala técnica em Cabo Verde devido ao fechamento do espaço aéreo mundial, e ele morreu trancado na cabine de primeira classe, afogado no próprio sangue, enquanto os servidores de Frankfurt continuavam computando o lucro das patentes de um mundo que já não tinha mais hospedeiros vivos para pagar a conta.

Helena terminou a narrativa recolocando os óculos no rosto

com um movimento firme. O silêncio na cozinha interna da casa de Teresa era agora de uma densidade física, quase mineral.

A chama azul do fogão a gás tremulou uma última vez e apagou-se com um pequeno sopro. O segundo botijão, que Arthur e Gabriel haviam instalado com tanto esforço horas antes, havia secado por completo. O chiado regular da geladeira cessou, deixando a casa imersa no barulho bruto do ambiente externo: o marulho pesado da maré de sizígia lambendo as costeiras de pedra e o estalo surdo dos urubus que finalmente começavam a pousar na carcaça da baleia morta na praia, agora que o sol havia se escondido por completo atrás da fumaça do continente.

Arthur continuava imóvel, com os olhos fixos na mesa, sem forças para rebater a contabilidade de sangue que a sanitarista expusera. Ao lado dele, Gabriel soltou uma respiração curta e ruidosa, apoiando a testa suada nos braços cruzados sobre a madeira. A febre dele agora era visível nas maçãs do rosto vermelhas e no tremor contínuo de seus ombros.

Mariana levantou-se lentamente da cabeceira da mesa,

recolhendo o xaile de algodão sobre o peito. Ela caminhou até o centro da sala e soprou o pavio de dois dos três lampiões a querosene, deixando apenas uma única chama fraca e amarelada iluminando o caderno de anotações de Thiago.

— Quatro jornadas pagas — anunciou a artista, sua voz soando como o fechamento de um ato em um teatro abandonado. — Descobrimos que as catedrais modernas mudaram o altar para os balanços patrimoniais, mas a liturgia do sacrifício continua a mesma.

Ela virou-se para a advogada Clara, que permanecia sentada com os dedos entrelaçados sobre os joelhos, observando o reflexo da chama do lampião nos azulejos da parede.

— Clara — chamou Mariana. — Amanhã o governo da palavra pertence a você. Escolha o rumo para onde devemos caminhar na próxima manhã.

Clara ergueu os olhos devagar, sua expressão rígida refletindo a clareza de quem passou a vida intermediando os conflitos das leis dos homens.

— Amanhã — disse a advogada, a voz firme ecoando pela penumbra da cozinha — quero histórias sobre ***o ego desarmado****. Quero ouvir contos que mostrem a ruína, a vulnerabilidade e o pânico dos homens modernos quando são destituídos de seus cargos corporativos, de seus sobrenomes e de suas heranças, e descobrem que na vala comum a terra tem o mesmo peso para todos. Arthur, amanhã a roda abre com você. Tranque a porta da frente. O vento do sul está entrando pelo canal e o cheiro da cal viva não vai bastar para segurar a noite.*

Os personagens se movimentaram em silêncio pela escuridão da casa, arrastando os pés e fechando os trincos de ferro das janelas, preparando-se para enfrentar a quarta noite de isolamento na ilha cercada pela sopa biológica e pela fumaça branca que subia da serra.

CAPÍTULO 6: A Linha de Baixa

DIA 5: O Ego Desarmado

O quinto dia na ilha começou com o som das aves de rapina brigando no costão. Sem o gás para o fogão, a cozinha interna amanheceu fria e com um cheiro persistente de fuligem úmida, vinda da lenha molhada que Thiago tentara acender nas primeiras horas da manhã. O mormaço cinzento que cobria o canal parecia mais espesso, grudando nas paredes de azulejos como uma gordura invisível.

Gabriel não se levantou para o desjejum. Ele havia sido acomodado em um colchão de solteiro em um canto afastado da sala, com Lívia sentada no chão ao seu lado, trocando periodicamente os panos úmidos com água salgada que colocava na testa do programador. O tremor nas mãos do rapaz agora era acompanhado por uma letargia profunda; ele mal conseguia abrir as pálpebras quando Helena se aproximava com o termômetro.

A resposta para a agonia de Gabriel veio pelo colapso definitivo do estoque de energia. A chama azul do fogão a

gás tremulou uma última vez e apagou-se com um pequeno sopro. O segundo botijão, que Arthur e Gabriel haviam instalado com tanto esforço horas antes, havia secado por completo. O chiado regular da geladeira cessou, deixando a casa imersa no barulho bruto do ambiente externo: o marulho pesado da maré de sizígia lambendo as costeiras de pedra e o estalo surdo dos urubus que finalmente começavam a pousar na carcaça da baleia morta na praia.

Clara ocupava a cabeceira da mesa de vime. Ela mantinha uma folha de papel almaço em branco à sua frente, batendo com a ponta de um lápis de grafite na madeira.

— O quinto dia nos coloca diante do espelho mais limpo — anunciou a advogada, olhando diretamente para Arthur, que estava sentado na ponta oposta, de braços cruzados e olhos fixos no chão de cimento. — Passamos pelas ilusões corporativas, pelas moedas de troca e pela farsa dos gurus que nós mesmos financiávamos. O tema de hoje é o ego desarmado. Quero ouvir histórias sobre a ruína e o pânico do homem moderno quando ele é destituído de seus cargos, de seus sobrenomes e de suas garantias de cartório. Quero ver o que sobra de um homem quando ele descobre que a terra tem o mesmo peso para todos.

Ela fez uma pausa, o lápis parando de bater.

— Arthur, como prometido ontem, a roda abre com você. Esqueça o conselho de administração por duas páginas. Mostre-nos a sua queda.

Arthur engoliu em seco. Suas mãos, com as bolhas do corte de lenha agora secas e enegrecidas pela fuligem, tremeram de leve antes de ele apoiá-las na borda da mesa. Ele olhou para Antônia, buscando o habitual olhar de julgamento da esposa, mas ela mantinha os olhos fixos na linha do canal através da janela. Ele limpou a garganta, a voz saindo mais rouca do que de costume, e começou o décimo terceiro conto.

Conto XIII: O Distrato da Linhagem

Minha família fundou a Construções e Incorporações Vilela em 1964. Meu avô pavimentou as primeiras avenidas que cortaram a zona sul de São Paulo; meu pai transformou os terrenos pantanosos da Marginal Pinheiros nos condomínios de escritórios corporativos que hoje abrigam os maiores fundos imobiliários do país. Eu cresci ouvindo que o sobrenome Vilela era um título de propriedade indestrutível, uma garantia de que o Estado sempre estaria em dívida conosco, não importa qual partido ocupasse o palácio do governo.

Há um ano, antes que o primeiro porto do litoral entrasse em quarentena, eu gerenciava o fechamento do projeto Mirante do Canal, um condomínio de trinta e duas mansões suspensas encrustadas na costeira norte de Ilhabela. O empreendimento era voltado para a velha guarda do funcionalismo público de alta linhagem: desembargadores, procuradores-gerais e ex-ministros. Pessoas que não queriam apenas luxo, mas a garantia de que vizinhos de outra classe nunca pisariam na mesma

faixa de areia.

Para garantir a privatização da praia em frente ao condomínio, precisei obter a assinatura de um Termo de Ajustamento de Conduta com o procurador regional da República responsável pela tutela ambiental da costa, um homem chamado Dr. Otávio Bueno de Moraes. O Dr. Otávio pertencia a uma linhagem ainda mais antiga que a minha; ele ostentava brasões coloniais no anel de sinete que usava no dedo mínimo e tratava os prefeitos da região como funcionários de sua própria fazenda de café em Campinas.

Nós nos reunimos na biblioteca privada da mansão dele, nos Jardins, cercados por quatro mil volumes encadernados in couro e retratos a óleo de seus antepassados imperiais.

— Arthur, meu caro — ele me disse, enquanto um funcionário de uniforme branco servia café em xícaras de porcelana da Companhia das Índias. — O TAC da costeira não é uma questão de impacto ecológico. É uma questão de preservação de casta. Se eu assinar a liberação para a sua construtora erguer os muros na areia, eu quero a garantia de que as quatro coberturas do bloco central

serão registradas em nome de uma holding com sede nas Ilhas Virgens Britânicas. O progresso de São Paulo sempre foi desenhado pelas mãos das nossas famílias. Os outros são apenas os operários que misturam a massa.

O acordo estava fechado. As mansões começaram a ser erguidas sobre as pedras do costão, destruindo os ninhos de fragatas e bloqueando o acesso dos pescadores tradicionais. O Dr. Otávio Bueno de Moraes tinha o controle absoluto da lei e eu tinha o controle absoluto do concreto.

Duas semanas depois, o ebola bloqueou as saídas da capital. O Dr. Otávio tentou usar a sua linhagem para exigir que um helicóptero do grupamento aéreo da Polícia Militar o retirasse de sua mansão e o levasse até a fazenda blindada em Campinas. O comandante do policiamento, um homem cujo pai fora motorista da família Bueno de Moraes por trinta anos, respondeu ao chamado pessoalmente. Ele foi até a biblioteca de jacarandá acompanhado por dois sargentos da tropa de choque.

O Dr. Otávio estendeu a mão, esperando o cumprimento habitual de subordinação, exibindo o anel de sinete imperial.

— Comandante, a aeronave já está na pista do Jockey Club? Minha bagagem está pronta — o procurador disse, sem levantar-se da poltrona de couro.

O comandante não tirou o boné militar, nem bateu continência. Ele caminhou até a mesa, pegou a xícara de porcelana das Índias, bebeu o resto do café frio e jogou a peça contra o chão de mármore, fazendo-a estilhaçar-se nos pés do procurador.

— O helicóptero foi confiscado pela secretaria para transportar as caixas de soro para o hospital militar, Dr. Otávio — o comandante falou, a voz sem nenhuma modulação de respeito. — O senhor não é mais o chefe da tutela ambiental. O senhor agora é apenas um velho trancado em uma casa que cheira a poeira e livros velhos. Se quiser ir para Campinas, a rodovia está aberta para quem tiver um fuzil e pernas para andar.

O Dr. Otávio tentou levantar-se, invocando os artigos do código de processo e o nome de seu tataravô que fora ministro do Império. Os sargentos o seguraram pelos braços com uma força que rasgou as mangas de seu paletó de

linho. Eles não o espancaram; apenas o revistaram como revistavam os criminosos comuns nas quebradas da zona sul, arrancando o relógio de ouro de seu pulso e o anel de sinete de seu dedo mínimo com um puxão violento que cortou a pele de seu nó dos dedos.

— Isso aqui paga o combustível do meu jipe até a divisa do estado — disse o comandante, guardando o sinete no bolso da farda. — Fique na biblioteca, doutor. Se os saqueadores entrarem pelo portão da frente esta noite, use os seus quatro mil livros para tentar erguer uma barricada.

O Dr. Otávio permaneceu sentado no chão de mármore, olhando para o sangue que pingava de seu dedo mínimo desprovido de brasão, completamente desarmado de sua dignidade secular. Quando a cidade apagou de vez, as mansões suspensas de Ilhabela que eu construí com o concreto da minha empresa foram ocupadas pelos próprios operários que não conseguiram voltar para o continente e que agora usavam os banheiros de mármore carrara para salgar os peixes que pescavam no canal. O sobrenome Vilela e a linhagem dos Bueno de Moraes não serviram para garantir uma única vaga na traineira de Beatriz. Na contabilidade da terra arrasada, nós descobrimos que

passamos três gerações cobrando o aluguel de um mundo que nunca nos pertenceu, e que a única coisa que realmente nos sobrou foi o medo de sermos tratados pelos outros exatamente da mesma forma que nós sempre os tratamos.

Arthur permaneceu imóvel perto do parapeito, de costas para a mesa. Seus dedos apertavam a madeira tratada com tanta força que os nós das mãos estavam brancos. Ele não disse uma palavra; a própria história havia esvaziado os restos de sua dignidade corporativa. O silêncio que se instalou na varanda foi absoluto, quebrado apenas pelo chiado sutil e intermitente do rádio amador de Gabriel, que jazia mudo em cima da cristaleira.

Clara, a advogada, cruzou as mãos sobre os joelhos e olhou para as outras pontas da mesa, percebendo como a crueza do relato desarmara os ânimos. Sem o peso do dinheiro para criar distâncias, todos pareciam subitamente mais próximos e vulneráveis. Ela estendeu a mão na direção do jornalista.

— Thiago — chamou Clara, quebrando a paralisia da sala. — Você passou a carreira registrando as pequenas e

grandes capitulações daqueles que se achavam donos do Diário Oficial. A palavra agora é sua.

Thiago ajeitou os óculos com o indicador, abriu o caderno de capa dura na página limpa e começou a ditar o décimo quarto conto.

Conto XIV: A Pátria da Escassez

No jornalismo político, nós aprendemos cedo que o poder em Brasília ou na Assembleia Legislativa de São Paulo não é sustentado por ideias, mas pela manutenção de uma coreografia. O homem público precisa parecer inabalável; o terno bem cortado, a escolta de batedores abrindo o trânsito e o tom de voz professoral servem para criar a ilusão de que ele é uma instituição, não um mamífero sujeito a cólicas e fraquezas.

O deputado estadual Valdemar Prado era o mestre dessa liturgia. Ele tinha cinquenta e oito anos, três mandatos consecutivos como presidente da Comissão de Constituição e Justiça e uma ambição que mirava o Palácio dos Bandeirantes nas próximas eleições. Valdemar era conhecido como "O Pacificador": um homem de bastidores que conseguia alinhar os interesses das bancadas das grandes empreiteiras com os setores evangélicos mais conservadores da capital. Sua imagem pública era impecável, sempre associada à ordem e à autoridade do Estado.

Três dias após o fechamento do porto de Santos pelo exército, a assessoria de Valdemar me ligou no meio da noite. Eles precisavam de um jornalista de confiança para documentar um "ato oficial de coordenação de crise" no gabinete privado dele, na Assembleia. Na verdade, eles queriam uma reportagem propagandística que mostrasse o deputado comandando a resistência institucional contra o caos biológico.

Quando entrei na sala de reuniões, o cenário era de uma beleza artificial meticulosamente desenhada. Valdemar estava de mangas de camisa arregaçadas, cercado por três telefones por satélite e mapas logísticos do estado estendidos sobre a mesa de jacarandá. Ele falava alto, simulando dar ordens para generais e secretários de saúde que, como eu saberia horas depois, já haviam desligado suas centrais de comunicação e fugido para suas propriedades privadas.

— O Estado não recua diante do vírus, Thiago — Valdemar me disse, apontando para as lentes da minha câmera com o indicador firme. — Nós estamos montando quatro hospitais de campanha no Anhembi e a polícia militar já restabeleceu a ordem nos centros de distribuição.

Escreva que o governo está no controle.

A coreografia funcionou até às duas da manhã, quando a rede elétrica central do Palácio da Indústria sofreu o primeiro colapso definitivo. As luzes apagaram-se de vez, deixando a sala imersa na escuridão e no mormaço sufocante de uma capital sem ar-condicionado. Nesse exato momento, o telefone por satélite de Valdemar tocou. Não era um general. Era a esposa dele, ligando de dentro do condomínio fechado em que moravam em Santana de Parnaíba.

Pelo viva-voz que o deputado esquecera de desligar, a voz dela surgiu trêmula, rasgada pelo pânico.

— Valdemar, os seguranças da portaria fugiram com as viaturas. Tem um grupo de homens armados tentando derrubar o portão dos fundos da nossa casa. O Júnior está queimando em febre no andar de cima. Ele está sangrando pelo nariz, Valdemar. O médico do plano de saúde disse que não há ambulâncias disponíveis. O que eu faço? O que você vai fazer?

A máscara do "Pacificador" derreteu em três segundos na

escuridão daquele gabinete. O deputado que minutos antes dava ordens virtuais para o exército tentou discar o número privado do Secretário de Segurança Pública. A linha estava morta. Tentou o Comandante Geral da PM. Sinal ocupado. Suas mãos, acostumadas a assinar decretos legislativos e leis orçamentárias que movimentavam bilhões de reais, começaram a tremer tanto que ele derrubou o aparelho de satélite de três mil dólares sobre o mapa de logística do estado.

— Alô? Alô? Alô? — Valdemar gritava no escuro, a voz subindo de tom até virar um guincho agudo, desprovido de qualquer autoridade. — Eu sou o presidente da CCJ! Eu sou o Valdemar Prado! Vocês não podem me deixar sem linha! Comandante, mande um destacamento para a minha casa! Agora!

Nenhum destacamento veio. O poder dele — que dependia de uma rede de favores, repasses de fundos partidários e motoristas de terno — havia sumido com a queda do primeiro disjuntor. O deputado caiu de joelhos sobre o tapete persa do gabinete, soluçando como uma criança assustada, arrastando as unhas pela madeira da mesa de jacarandá, enquanto os telefones por satélite continuavam

piscando na tela em branco. Sem rede.

Eu peguei minha mochila com a câmera e os cadernos e saí da sala no escuro. Deixei o futuro candidato ao governo do estado trancado no próprio gabinete, cercado por mapas inúteis e ordens que ninguém ouviria, descobrindo que o Estado que ele passara trinta anos fingindo governar era apenas um teatro de papel que o primeiro vírus real desfez com um sopro de vento. Ele foi encontrado três dias depois pelos saqueadores da Assembleia, ainda vestindo a camisa de linho importada, mas já sem os sapatos e sem a dignidade, encolhido sob a mesa de reuniões como um bicho encurralado aguardando o fim da temporada.

Thiago fechou o caderno com o estalo habitual. Mariana, que até então observava o contorno trêmulo dos urubus descendo sobre a praia, soltou uma risada baixa, desprovida de qualquer humor, estendendo as pernas longas sob a mesa.

— A pátria de vocês — disse a artista, fitando os homens — era uma folha de pagamento e um motorista de terno.

Quando a tomada é puxada, vocês não sabem nem como caminhar no escuro sem tropeçar no próprio carpete. O ego de um homem público de gravata borboleta vale menos do que um fósforo riscado nessa cozinha.

Clara limpou as lentes dos óculos, recolocou-os e apontou o lápis de grafite na direção de Antônia. A executiva mantinha os dedos entrelaçados sobre o colo, com a mesma rigidez com que assistira às quedas anteriores.

— Antônia — comandou a líder do dia, fechando os termos daquela audiência. — Você foi a testemunha ocular dos contratos que alimentavam essa vaidade na Faria Lima. Feche o nosso quinto dia. Mostre-nos o que sobra do balanço quando o dono do capital descobre que a última linha é escrita de caneta vermelha.

Antônia ergueu o queixo, respirou o ar denso que trazia o sal misturado ao cheiro da decomposição na areia e começou o décimo quinto conto da obra.

Conto XV: O Preço de Custo

Eu passei dez anos na diretoria do fundo Metrópole Capital. Minha função específica era precificar o desespero. Quando uma grande empresa paulistana entrava em recuperação judicial, ou quando um herdeiro de sobrenome tradicional acumulava dívidas de jogo e impostos que ameaçavam o patrimônio da família, era a minha mesa que eles procuravam. Eu avaliava as coleções de arte, as fazendas de café no interior, os iates ancorados no Guarujá e os jatos privados. Meu trabalho era aplicar o deságio; reduzir vidas inteiras de orgulho ao seu menor valor de liquidação imediata.

O caso mais emblemático que gerenciei ocorreu com um homem chamado Haroldo Montenegro. Haroldo era a própria definição do capitalismo dinástico de São Paulo: dono de uma cadeia de shoppings centers e de três fundições de aço no ABC. Ele andava de helicóptero blindado, mantinha um andar inteiro como escritório na Avenida Faria Lima e falava com a imprensa econômica com o tom messiânico de quem dita o futuro do PIB do país.

Três dias antes de o bloqueio militar cortar o sinal das operadoras e fechar o tráfego da rodovia dos Imigrantes, Haroldo entrou na minha sala sem agendar horário. Ele não trazia a corte de advogados e assessores que costumava cercá-lo. Estava sozinho, com a gravata desalinhada e um vinco de pânico legítimo cravado entre as sobrancelhas. Ele colocou sobre a minha mesa de vidro uma maleta de alumínio aeronáutico.

— Antônia, preciso de liquidez internacional. Agora — ele disse, a voz áspera, sem nenhuma das modulações que usava nos palcos dos fóruns econômicos. — Quero liquidar a minha participação majoritária nos três shoppings da capital e na fundição de Mauá. Aceito qualquer deságio, desde que o pagamento seja feito em contas numeradas nas Bahamas ou em barras de ouro custodiadas no cofre do aeroporto de Viracopos.

Abri o terminal do sistema financeiro. Os mercados já operavam em regime de pré-infarto; as ações de suas empresas haviam derretido sessenta por cento nas últimas quarenta e oito horas devido aos rumores de que o vírus infectara os operários das linhas de montagem do ABC.

— Haroldo, não há mercado para shoppings em uma cidade sob toque de recolher biológico — eu falei, fechando a tela do notebook. — Os bancos não estão emitindo ordens de transferência para o exterior e o ouro em Viracopos foi confiscado pelo Ministério da Defesa para garantir a compra de respiradores. Suas ações hoje valem o preço do papel onde foram impressas.

Haroldo bateu com as duas mãos na mesa, inclinando-se para frente. O cheiro de suor frio e loção pós-barba cara era sufocante.

— Você não está entendendo, Antônia. Eu tenho um passe livre para um cargueiro privado que sai da base aérea de Santos amanhã à noite. Destino: uma ilha privada no Caribe. O comandante do voo quer cinquenta milhões de dólares em ativos reais para decolar. Eu construí metade dessa cidade, Antônia! Minhas fundições forneceram o aço para os viadutos que cortam essa porra de estado! Eu não posso morrer trancado nos Jardins como um cidadão comum!

Olhei para ele. O grande industrial, o homem que passara

quarenta anos tratando os funcionários como estatísticas de custo de produção, estava reduzido à futilidade de suas estruturas de ferro. O aço dele não podia bloquear o vírus; os shoppings dele eram apenas caixas de concreto vazias onde o vento batia nas portas de vidro automáticas.

— Eu compro a sua mansão de veraneio em São Sebastião — eu disse, fria. — Aquela com o píer de concreto e o heliponto na costeira.

— Aquela propriedade vale vinte e cinco milhões de dólares, Antônia! — ele gritou.

— Valia quando a balsa funcionava, Haroldo. Hoje, vale o preço de custo da traineira de alumínio que está ancorada no píer e os cinco mil litros de óleo diesel que você estocou no gerador do subsolo. Eu te dou um milhão de dólares em dinheiro físico, notas de cem que guardamos no cofre de contingência do fundo para subornos operacionais. É o suficiente para você tentar subornar os sargentos da barreira rodoviária até Santos. É pegar ou largar. O banco fecha em vinte minutos.

Haroldo olhou para as próprias mãos, as mesmas mãos que

nunca haviam carregado um saco de cimento, mas que haviam assinado as demissões de milhares de operários para proteger as margens de lucro do trimestre. Ele chorou. Um choro feio, ruidoso, que borrou a tinta dos documentos sobre a mesa. Ele assinou o distrato de transferência da propriedade por um milhão de dólares em dinheiro vivo.

Haroldo Montenegro saiu da minha sala carregando uma sacola de lona com os maços de dinheiro. Ele nunca chegou à base aérea de Santos. O jipe blindado dele foi parado por uma barricada de caminhoneiros em Cubatão; os homens rasgaram a sacola de lona e jogaram os maços de cem dólares na sarjeta, usando as notas para acender as fogueiras que os aqueciam no meio da rodovia, enquanto Haroldo era arrastado para fora do veículo pelo colarinho de sua camisa de grife. O dinheiro dele não valia um galão de água mineral na estrada. A mansão de veraneio que eu comprei dele pelo preço de custo do diesel é exatamente a casa onde nós estamos isolados hoje. O gerador do subsolo, que ele montou para proteger a sua vaidade de bilionário, é o que manteve a nossa geladeira funcionando nos primeiros três dias, até o combustível acabar. O ego de Haroldo Montenegro serviu apenas para pavimentar o nosso refúgio, provando que na hora da liquidação final, o dono

do capital descobre que passou a vida inteira acumulando um patrimônio que a terra consome em vinte e quatro horas, deixando apenas o esqueleto do concreto para os urubus pousarem.

Antônia terminou a narrativa mantendo os olhos fixos na mesa, sua expressão gélida intocada pelo peso da revelação.

Na cozinha interna da casa, o silêncio que se seguiu ao conto foi cortado pelo ruído brusco de um espirro vindo do canto da sala. Todos se viraram num salto. Gabriel, o programador, estava sentado no colchão de solteiro, com o corpo arqueado e os olhos vermelhos e injetados de sangue fitando o grupo. Uma linha fina, brilhante e avermelhada começou a escorrer lentamente por sua narina esquerda, pingando sobre o tecido cinzento de seu moletom.

Lívia soltou um grito curto, abafado, recuando dois passos na direção da cristaleira, enquanto cobria a boca com as duas mãos.

Helena levantou-se lentamente da mesa, pegando as luvas de látex descartáveis que trazia no bolso do jaleco e

calçando-as com um estalo seco que ecoou pelas vigas de madeira do teto.

— O período de incubação terminou — anunciou a sanitarista, a voz desprovida de qualquer emoção, assumindo o controle clínico da sala. — O vírus está ativo. Arthur, pegue a lanterna. Nós vamos mover o Gabriel para o abrigo de ferramentas nos fundos agora. Antônia, queime o colchão e os lençóis na praia antes do anoitecer.

Clara, a advogada, permaneceu sentada na cabeceira, fechando o caderno de papel almaço com uma lentidão solene. Ela olhou para a folha em branco onde o lápis de grafite havia parado de bater, depois fixou os olhos na executiva, que continuava imóvel na ponta oposta da mesa.

— Cinco jornadas pagas — disse Clara, sua voz soando como o encerramento de um balanço que ninguém queria auditar. — Descobrimos que o preço de custo do orgulho humano é sempre medido em sangue, e que as mansões que construímos para nos isolar do mundo são apenas as sepulturas que nós mesmos pagamos para se deitar.

Ela virou-se para a bióloga marinha, que permanecia

encostada no batente da porta interna, segurando a faca de caça na bainha de couro com os nós dos dedos brancos de tensão.

— Beatriz — chamou Clara. — Amanhã o governo da palavra retorna para as suas mãos. Escolha o rumo para a próxima manhã de narrativas.

Beatriz olhou para a linha de sangue no rosto de Gabriel e depois voltou-se para o grupo, sua expressão rígida refletindo a clareza de quem sabe que o perímetro da ilha acabara de encolher de vez.

— Amanhã — disse a caiçara, a voz firme ecoando pela penumbra da cozinha interna — quero histórias sobre ***os julgamentos injustos****. Quero ouvir contos onde as mulheres enfrentem os sistemas jurídicos, as leis dos homens e as estruturas sociais obsoletas da capital e façam a justiça pelas próprias mãos, custe o que custar. Arthur, leve o garoto para os fundos. O mormaço da tarde está caindo e a cal viva na areia não vai bastar para segurar o cheiro do que está por vir.*

Os personagens se movimentaram na penumbra da casa de

Teresa, arrastando os sapatos pesados no chão de cimento e mantendo os corpos afastados uns dos outros, enquanto a fumaça amarela do continente começava a cruzar o canal sob a primeira brisa fria do início da noite.

CAPÍTULO 7: O Peso do Concreto Seco

DIA 6: Os Julgamentos Injustos

A manhã do sexto dia trouxe um frio súbito que desceu da Serra do Mar, encrespando a água do canal com pequenas ondas de espuma branca. Na cozinha de Teresa, o silêncio era quebrado apenas pelo som metálico do canivete de Arthur, que descascava uma raiz de mandioca com gestos mecânicos e violentos. Ele não olhava para Antônia. Desde a noite anterior, após a revelação de como ela havia obtido a licença de Ubatuba, o casamento de doze anos deles havia se reduzido a um distrato não assinado. Eles dividiam a mesma mesa, mas não ocupavam o mesmo espaço aéreo.

Lívia entrou na cozinha trazendo os olhos fundos, rodeados por olheiras escuras. Ela passara a madrugada acordada na soleira da edícula de ferramentas, ouvindo a respiração sibilante de Gabriel através da madeira trancada. Seus dedos, outrora ocupados em digitar legendas sobre aceitação e bem-estar, estavam feridos pelas lascas de lenha. Ela sentou-se ao lado de Thiago, buscando uma proximidade física que não tinha relação com a imagem pública de ambos; era apenas o instinto humano de

encostar em pele quente antes que o frio da morte chegasse. Os dedos de Lívia roçaram o pulso do jornalista sob a mesa, um toque trêmulo, carregado de um desejo urgente que nascia do puro pavor do fim.

Helena entrou por último, deixando as luvas de látex lavadas penduradas no varal da pia. Seu rosto de cientista estava desfeito pelo cansaço privado.

— O Gabriel teve o primeiro episódio de hematêmese às cinco da manhã — disse a sanitarista, a voz baixa, dirigindo-se a Beatriz, que afiava um anzol de três pontas perto da janela. — Ele me perguntou pela mãe. Ele acha que está no apartamento dela em Pinheiros, esperando o almoço de domingo. O delírio é o início do colapso neurológico. Temos quarenta e oito horas, no máximo, antes da falência múltipla de órgãos.

Arthur soltou o canivete sobre a mesa com um impacto seco.

— E nós ficamos aqui ouvindo o garoto morrer pelos fundos enquanto dividimos a mandioca? — a voz dele subiu, instável. — Antônia me desovou aqui para salvar o bônus dela, mas eu tenho uma vida, caralho. Eu tenho um filho

de oito anos em São Paulo que não me atende desde que o sinal caiu. Eu passei os últimos cinco anos pagando pensão e brigando na justiça pela guarda dele só para provar que eu podia vencer a minha ex-esposa. E agora eu vou morrer em um puxadinho de praia sem saber se o meu filho foi enterrado em uma vala comum?

Antônia não piscou. Ela serviu um copo de água morna e bebeu devagar, olhando para o marido com uma piedade fria que cortava mais do que o desprezo.

— Você não queria a guarda do Léo por amor, Arthur — Antônia falou, a voz sem o tom de conselho de administração, despida de disfarces. — Você queria porque não admitia perder um processo para a mulher que te deixou. Você queria o controle do inventário. Pare de usar o menino para simular um coração que você nunca teve.

Beatriz levantou-se da cadeira de palha, guardando o anzol no bolso do short. Ela olhou para o casal que se destruía na mesa e depois para os dedos de Lívia que ainda apertavam o pulso de Thiago sob o tampo de madeira.

— A justiça que os homens escrevem nos papéis de divórcio e

nos fóruns da capital sempre protege quem tem a caneta mais cara — disse a caiçara, os olhos cravados em Clara, a advogada. — Mas aqui dentro, a cal viva está subindo o morro. O tema de hoje são ***os julgamentos injustos****. Quero contos onde as mulheres enfrentem os tribunais sagrados das famílias, os sistemas dos juízes e as sentenças que a sociedade decreta entre quatro paredes, e façam a lei com as próprias mãos. Clara, você passou a vida privada defendendo os nós que os outros davam nos casamentos alheios. Abra a roda. Mostre-nos o que os seus arquivos privados escondem.*

Clara ajeitou os óculos com o indicador, abriu a folha de papel almaço que mantinha à sua frente e começou a ditar o décimo sexto conto.

Conto XVI: A Sentença de Sangue

Durante sete anos, eu fui a advogada de cabeceira de uma das famílias mais tradicionais do funcionalismo público de Santos. Eu cuidava dos divórcios, das partilhas de bens ocultos e das ações de alimentos de três gerações de homens que acreditavam que o direito de família era uma extensão do direito de propriedade. Meu cliente principal era o Dr. Renato Fontes, um juiz corregedor de cinquenta e cinco anos, conhecido na comarca pela rigidez com que aplicava as penas de alienação parental contra mães que tentavam afastar os filhos dos pais biológicos.

Na vida privada, Renato mantinha um apartamento de cobertura no Gonzaga, onde vivia com a esposa, Helena — uma mulher que passara vinte anos trancada em sessões de terapia para suportar as traições públicas do marido e a violência psicológica que ele exercia com a precisão de um manual de tortura jurídica. Toda vez que Helena tentava recolher as malas e pedir a separação, Renato abria o computador do tribunal e exibia a ela as minutas das ações que já deixara prontas: pedidos de interdição psiquiátrica por instabilidade emocional, destituição do poder familiar

e ordens de restrição que a impediriam de ver os dois filhos menores pelo resto da vida. Ele usava a máquina do Estado para cercar o corpo e a mente da esposa como se ela fosse um réu confesso.

Uma noite de quinta-feira, logo após o início dos distúrbios sanitários no porto, Helena me ligou no celular privado. Ela não estava chorando; a voz dela tinha a calmaria fria da água parada do estuário.

— Clara, preciso que você venha assinar o meu distrato definitivo — ela disse. — O Renato viajou para a fazenda do governador, mas me deixou trancada no apartamento com o motorista vigiando a porta. Eu assinei a folha que ele queria.

Fui até a cobertura. O motorista não estava na portaria; fugira ao saber que o pronto-socorro da Santa Casa havia sido lacrado pelo exército. Subi pelo elevador de serviço. Quando entrei na sala de jantar com lustres de cristal baccarat, o Dr. Renato Fontes estava sentado à cabeceira da mesa de mogno. Ele não havia viajado. Seu corpo estava inclinado para a frente, com o rosto sepultado em cima do prato de sopa de alho-poró que Helena preparara para o

jantar. A poça amarelada sob a boca dele cheirava levemente a amêndoas amargas — o cianeto de potássio que ela extraíra das sementes de maçã que acumulara durante seis meses no freezer da cozinha de serviço.

Helena estava sentada na ponta oposta da mesa, usando o vestido de linho azul que ele a obrigara a comprar para a posse na corregedoria. Ela segurava o carimbo oficial de juiz de Renato entre os dedos da mão direita.

— Ele passou vinte anos me dizendo que a lei dele era absoluta nesta cidade, Clara — ela me disse, carimbando de forma mecânica uma folha de papel almaço em branco em cima da mesa. — Ele me dizia que o meu desejo de ir embora era uma infração moral que o tribunal puniria com a perda dos meus filhos. Hoje eu fiz o meu próprio julgamento. Eu o condenei pelo crime de ocupação continuada do meu corpo. A sentença foi executada às oito e quinze da noite.

Olhei para o cadáver do juiz. O homem que destruíra a vida privada de dezenas de mulheres nas salas de audiência do fórum de Santos agora era apenas um passivo biológico esfriando sobre o mogno caro. Se eu ligasse para a

polícia, a barreira militar nas estradas impediria qualquer viatura de subir o morro do Gonzaga. Se eu seguisse o protocolo do meu escritório, destruiria a minha carreira e viraria cúmplice de um homicídio qualificado por envenenamento.

Mas eu olhei para as mãos de Helena. Os dedos dela tinham as mesmas marcas de unhas cravadas nas palmas que eu via nas mulheres que atendia gratuitamente na defensoria pública nas tardes de sexta-feira.

Peguei o carimbo oficial das mãos dela. Ajudei Helena a redigir uma ordem de soltura e salvo-conduto com o timbre do Tribunal de Justiça, usando a assinatura digitalizada que eu tinha guardada no token de homologação de processos do meu escritório. Assinamos o documento que permitia que ela e os filhos subissem a serra em uma ambulância privada que prestava serviços para o tribunal, passando pelas guarnições da PM que ainda respeitavam o papel timbrado da corregedoria.

Deixamos o Dr. Renato Fontes sentado à mesa com a sua sopa de cianeto. Ele foi consumido pelos saques que incendiaram o prédio três dias depois, e o relatório da

perícia oficial — emitido por um médico legista que morreu de ebola na semana seguinte — apontou que o juiz falecera em decorrência de "complicações respiratórias agudas ligadas ao surto epidêmico". A justiça de Helena não usou o código de processo; usou o balanço físico de uma semente da terra, provando que quando a moral dos homens perde o suporte do Estado, a mesa de jantar vira o primeiro tribunal onde as mulheres decretam a execução das sentenças que os juízes achavam que podiam adiar por toda a eternidade.

Clara terminou o conto e dobrou a folha de papel almaço em quatro partes, guardando-a dentro do bolso de seu casaco de sarja.

Na mesa da varanda, Arthur mantinha o canivete fechado entre os dedos, a mandíbula tão tensa que os músculos de seu rosto pareciam desenhados a giz. A história da advogada havia tocado na ferida aberta de sua própria disputa privada com a ex-esposa, expondo as entranhas jurídicas da vaidade que ele tentara maquiar como amor paterno.

Thiago não anotou nada nas últimas linhas. Seus olhos estavam fixos na mão de Lívia, que continuava apertando o seu pulso com uma força desesperada. O mormaço da cozinha interna parecia carregar agora o eco dos delírios de Gabriel, que vinham em pequenos murmúrios ritmados da edícula de ferramentas, lembrando a todos que o tempo de julgamento deles estava correndo na velocidade do sangue que o garoto perdia na escuridão.

Antônia olhou para Lívia, cuja respiração estava curta e trêmula.

— Lívia — chamou a executiva, a voz descendo a um nível de proximidade física que nunca permitira nas salas da Faria Lima. — O mundo privado que você vendeu nas telas era feito de casamentos perfeitos e desejos curados por filtros de luz. Mostre-nos o que a sua vida pessoal cobrava de imposto quando as câmeras eram desligadas e o tribunal da sua própria vaidade entrava em sessão.

Lívia limpou a garganta, os olhos fixos na fresta da porta dos fundos, soltou o pulso de Thiago devagar e preparou-se para falar o décimo sétimo conto deste diário de isolamento.

Conto XVII: O Ensaio Geral

A maioria das pessoas que consumia os meus canais na internet acreditava que a minha vida privada era uma extensão daquela simetria pastel dos Jardins. Elas viam as fotos da minha cozinha com bancadas de quartzo, os arranjos de eucalipto fresco e o homem com quem eu dividia o espaço — um arquiteto premiado chamado Conrado, cujo sobrenome pertencia à aristocracia modernista de São Paulo. Nós éramos o produto final da sofisticação urbana.

O que os filtros escondiam era o contrato de extorsão em que o nosso casamento havia se transformado. Conrado descobriu cedo que a minha marca dependia da projeção daquela harmonia doméstica. Três anos atrás, quando tentei sair de casa após descobrir o desvio de verbas que ele fazia das contas da agência para financiar apostas de alto valor em redes clandestinas de jogos de azar na internet, ele abriu uma gaveta. Tirou de lá um conjunto de capturas de tela e registros de conversas íntimas da minha juventude — coisas anteriores à agência, que se fossem jogadas no

tribunal das redes sociais, destruiriam o valor de mercado da minha empresa em vinte e quatro horas.

— A sua liberdade custa caro, Lívia — ele me disse na época, com aquela voz calma de quem desenha uma fachada de concreto. — Cada postagem de casal feliz paga os juros do meu silêncio. Nós somos uma holding. Se eu cair, você vira poeira digital comigo.

Eu passei trinta e seis meses sendo uma refém de terno de grife, pagando as dívidas de jogo dele com o dinheiro das campanhas de marcas de cosméticos. Eu era julgada e condenada toda manhã pelo tribunal privado daquela cobertura.

Quando os primeiros boatos sobre o ebola no porto de Santos começaram a travar as linhas de suprimento da capital, Conrado jogou a sua última cartada de extorsão. Ele usou o dinheiro de contingência do caixa da minha agência para comprar um lote clandestino de passaportes diplomáticos falsificados de um coronel do exército que operava no centro de triagem da barreira sanitária da rodovia Anchieta.

— Nós vamos para o Uruguai amanhã cedo, Lívia — ele

me anunciou, jogando os documentos sobre a bancada de quartzo da cozinha. — Mas para o coronel validar a nossa passagem pela barreira militar de Santos, ele quer cinquenta por cento das cotas remanescentes da sua empresa de imagem. Você assina o termo de cessão hoje à noite ou eu subo o arquivo de dados com o seu passado para os servidores públicos antes que a internet caia de vez.

Olhei para os passaportes falsos na mesa. Lá fora, o céu de São Paulo já tinha aquela cor amarela de incêndio e o som das ambulâncias indicava que o tempo de negociação do mundo havia acabado. Conrado achava que o seu poder de ameaça continuaria funcionando mesmo com o sistema hospitalar em colapso.

Eu assinei o documento de cessão das cotas. Preparei o jantar — um risoto de cogumelos que ele adorava — e servi a ele o último vinho importado que nos restava na adega. Conrado bebeu a garrafa inteira, celebrando a sua vitória final sobre a minha autonomia. Quando ele caiu em um sono profundo na poltrona da biblioteca, induzido pelo ansiolítico que eu misturara ao uísque de encerramento, não peguei os passaportes falsos. Peguei o celular dele, onde o arquivo de extorsão estava guardado sob criptografia.

Conduzi o carro dele até a zona de exclusão militar na entrada de São Bernardo do Campo, onde o exército mantinha os caminhões de isolamento biológico cheios de roupas de cama e jalecos descartáveis descartados dos hospitais de campanha. Subornei o sargento da guarnição com o relógio de Conrado e um maço de notas que trazia na bolsa, e trouxe de volta para a cobertura um saco plástico contendo um par de luvas cirúrgicas usadas por um paramédico que falecera de ebola naquela tarde.

Voltei para o apartamento. Enquanto Conrado ainda dormia sob o efeito do sedativo, passei as luvas contaminadas pelas bordas do copo de uísque dele, no bocal da garrafa e no teclado do notebook onde ele guardava as suas planilhas de jogo. Não toquei na carne dele; não usei de força física. Deixei que a biologia executasse a sentença que o fórum da Faria Lima nunca aceitaria julgar.

No dia seguinte, o sinal de dados caiu definitivamente. Conrado acordou com uma febre de trinta e nove graus e as primeiras manchas púrpuras surgindo na base do pescoço. Ele tentou acessar o arquivo para me destruir na rede, mas não havia mais rede. Ele tentou chamar o coronel do

exército para usar o salvo-conduto, mas o coronel havia sido alvejado na barreira de Santos por motoristas em pânico duas horas antes. A extorsão dele perdeu a liquidez porque o mundo onde o silêncio das mulheres tinha preço de mercado havia deixado de existir. Deixei Conrado trancado na cobertura dos Jardins com os seus passaportes diplomáticos falsos e suas planilhas de apostas inúteis, e desci a serra a pé, com a mochila nas costas e o arquivo destruído no fundo do mar do canal. O tribunal dele era feito de telas e ameaças; o meu foi escrito com a precisão invisível de um vírus que não aceita suborno de holding.

Lívia terminou a história com as mãos cruzadas sobre o colo, mantendo a cabeça baixa. Seus dedos não tremiam mais. Ao expor a fratura da sua vida privada, ela parecia ter se despido da última camada de vaidade digital que a protegera nos primeiros dias na ilha.

Na mesa da varanda, Arthur continuava imóvel, engolindo o seco de sua própria impotência. Thiago estendeu a mão lentamente e colocou-a sobre o ombro de Lívia, um gesto de proximidade física que nascia da compreensão da dor privada dela, alheio ao pavor da

contaminação que cercava a edícula dos fundos.

Antônia olhou para Thiago, cujos olhos mantinham a rigidez do repórter investigativo que já havia visto todas as formas de capitulação humana.

— O silêncio comercial sempre esconde o crime mais sofisticado, Thiago — disse a executiva, a voz perfeitamente calibrada. — Lívia nos mostrou o tribunal da extorsão nos Jardins. Clara abriu o dia com a execução do juiz em Santos. Feche o nosso sexto dia de narrativas. Mostre-nos o que os seus arquivos privados guardam sobre as sentenças militares que foram decretadas nas sombras da serra antes de as estradas serem fechadas.

Thiago pegou o lápis de grafite, abriu o caderno de capa dura na página seguinte e iniciou o décimo oitavo conto para encerrar o Capítulo 7.

Conto XVIII: A Linha de Contingência

Eu passei cinco anos cobrindo o setor de segurança pública e crimes militares para o caderno de investigações especiais do jornal. Meu trabalho consistia em cruzar as atas de auditoria militar com os laudos do Instituto Médico Legal para descobrir quais corpos encontrados nas valas da Baixada Santista haviam sido executados por guarnições oficiais sob o pretexto de "resistência seguida de morte".

Dois dias após a decretação do bloqueio sanitário na rodovia dos Imigrantes, recebi uma mensagem criptografada de um sargento da Polícia Rodoviária que operava no posto de controle do Alto da Serra. Ele me enviou a cópia em PDF de um livro de ordens confidenciais assinado pelo comando do Policiamento de Choque da capital. O documento detalhava a execução do Protocolo de Limpeza de Perímetro na Baixada Santista.

A ordem não era para conter saques ou organizar o fluxo de ambulâncias. O comando militar havia criado uma linha de contingência na altura de Cubatão, cujo objetivo

real era a interceptação e o sumiço de caminhões de carga privados que tentavam subir a serra trazendo insumos médicos, respiradores e estoques de antivirais confiscados de importadoras privadas instaladas na zona portuária de Santos.

Quem comandava a operação no Alto da Serra era o tenente-coronel Homero Prado, um oficial de carreira brilhante, conhecido na corporação pela disciplina cega e pela ausência de qualquer desvio moral aparente. Homero mantinha uma vida privada discreta em um condomínio fechado em Alphaville, onde vivia com a filha adolescente, que sofria de uma doença crônica degenerativa e dependia de medicamentos importados de altíssimo custo para sobreviver.

Consegui chegar até o posto de controle da serra usando um crachá falso do comitê de monitoramento civil do governo. Encontrei o coronel Homero no escritório de contêiner da base militar, cercado por telas de radar e radiotransmissores que operavam na frequência do exército. Naquela tarde, uma picape de uma fundação de caridade privada fora retida na barreira. O veículo trazia doze caixas de ampolas de um antiviral experimental de

amplo espectro, comprado por um pool de médicos santistas para atender o pronto-socorro da periferia de São Vicente.

O motorista da picape e o médico voluntário que o acompanhava estavam algemados no chão de terra, atrás do contêiner.

— Coronel Homero, esse material pertence a uma doação privada com nota fiscal e autorização da Anvisa — eu disse, batendo com a cópia do documento no balcão de zinco do escritório. — Seus homens estão cometendo um crime de latrocínio institucional sob o pretexto da emergência biológica.

Homero nem sequer se deu ao trabalho de olhar para a nota fiscal. Ele tirou o quepe militar, colocou-o sobre a mesa e olhou para o monitor que exibia os comboios do exército descendo a serra com cal viva.

— Thiago, o tribunal militar que me governa hoje não lê o Diário Oficial — ele falou, a voz sem nenhuma modulação de raiva, fria como uma sentença de tribunal de exceção. — O exército vai isolar a Baixada e deixar a população morrer por saturação viral em duas semanas. Esse estoque

de antivirais que você está vendo aí fora não vai para os hospitais de São Vicente. Ele está sendo carregado agora para um jipe blindado que vai subir a serra com destino à minha residência em Alphaville. É o suficiente para manter a minha filha viva pelos próximos seis meses, enquanto o resto da capital queima.

— Isso é assassinato em massa, coronel. O senhor está condenando o pronto-socorro inteiro para salvar uma única pessoa — eu disse, recuando um passo na direção da porta.

— O tribunal da minha casa só tem um réu e uma vítima, Thiago — ele sorriu de canto, um sorriso rígido, marcado pelo cansaço do comando. — Eu passei trinta anos prendendo e executando criminosos nas periferias para proteger o patrimônio dos Lovats e dos Vilelas. O Estado sempre me pagou com medalhas e salários de fome. Hoje, a biologia me deu a oportunidade de fechar a minha própria conta de previdência privada. O médico e o motorista ali fora tentaram reagir ao confisco. O laudo da necropsia que eu mesmo vou assinar amanhã apontará que eles morreram em decorrência de 'hemorragia interna aguda causada pelo ebola'. O mercado militar absorve o passivo

biológico; o que ele não absorve é a falência da própria linhagem.

Homero Prado ordenou que os dois homens fossem levados para o matagal atrás do posto de controle. Ouvi os dois tiros abafados pelo barulho dos motores dos jipes militares enquanto os caminhões carregavam as caixas de antivirais para a subida da serra.

O tenente-coronel Homero Prado nunca chegou a ver a filha consumir os medicamentos confiscados. O jipe blindado dele foi interceptado na altura do quilômetro trinta da rodovia Anchieta por uma guarnição da própria polícia militar, homens de seu batalhão que sabiam o que ele carregava na picape e que decidiram fazer o seu próprio julgamento de exceção na estrada. Homero foi executado com um tiro na nuca pelos seus subordinados e as caixas de antivirais foram vendidas no mercado negro de Campinas por valores que não compravam um galão de água mineral no final da semana. A linha de contingência dele desmoronou porque a ganância militar não respeita a hierarquia do quepe; o vírus provou que quando a autoridade do Estado se reduz ao tamanho de um fuzil na rodovia, a justiça dos homens vira apenas o direito do mais

forte de puxar o gatilho antes que o sangue seque no asfalto.

Thiago fechou o caderno de capa dura com o impacto suave das últimas folhas. Na varanda da casa de Teresa, a escuridão da noite já havia engolido os contornos da praia da face norte, deixando o grupo imerso no mormaço denso que trazia o odor adocicado da baleia-jubarte morta na areia.

Arthur permaneceu encostado no balcão da cozinha interna, com as mãos enfiadas nos bolsos e os olhos fixos na linha de sangue que secava no moletom cinzento de Gabriel, no colchão ao fundo da sala. O programador não murmurava mais; sua respiração havia se transformado em um sopro curto e ruidoso, o sinal claro de que a falência sistêmica estava completando o seu ciclo na escuridão.

Clara, a advogada, levantou-se lentamente da cabeceira da mesa de vime, recolhendo a folha de papel almaço que mantinha guardada no bolso. Ela olhou para as sete mulheres e três homens dispostos ao redor da única chama fraca do lampião a querosene e fechou os termos daquela jornada.

— Seis dias de estrada — anunciou a líder do dia, a voz soando como a leitura de uma sentença que não admitia recurso. — Descobrimos que a justiça dos homens é uma mercadoria que se compra nos cartórios e nas barreiras rodoviárias, mas que a carne da terra sempre executa as sentenças que os juízes tentavam arquivar nos tribunais da Faria Lima.

Ela virou-se para a pesquisadora Helena, que terminava de ajustar os trincos de ferro da janela voltada para a edícula dos fundos.

— Helena — chamou Clara. — Amanhã o governo da palavra é seu. Defina o rumo que as nossas histórias devem tomar na próxima manhã de isolamento.

Helena baixou os braços devagar, revelando o rosto marcado pelas olheiras e pela clareza clínica de quem passara as últimas horas contabilizando os batimentos cardíacos do garoto morrendo na sala.

— Amanhã — disse a sanitarista, a voz firme cortando a

humidade abafada da cozinha interna — quero histórias sobre ***a solidão das telas****. Quero ouvir contos que exponham as conexões frias, os fantasmas digitais, os vazamentos de dados que destruíam intimidades e o isolamento urbano que já existia nas coberturas da capital muito antes de o primeiro frasco de ebola quebrar no porto de Santos. Entrem. O vento sul está virando e a noite vai ser longa para quem ainda tem sangue correndo nas veias.*

Eles se movimentaram em silêncio pela penumbra da casa de Teresa, trancando os trincos de ferro e evitando o contato dos ombros, preparando-se para enfrentar a sexta noite de confinamento na ilha cercada pela linha vermelha do horizonte e pelo silêncio do garoto que morria no canto da sala.

CAPÍTULO 8: A Frequência Morta

DIA 7: A Solidão das Telas

O sétimo dia na ilha começou sem o aviso do sol. A névoa que subia do canal central havia adquirido uma coloração amarela, espessa, que cheirava a ferro fundido e enxofre. Do outro lado da água, as chamas das refinarias de São Sebastião pareciam ter desenhado uma cicatriz de fogo na base da serra, mas já não se ouviam os motores das lanchas de patrulha. O silêncio do continente era o silêncio de uma engrenagem que havia travado de vez.

Gabriel não resistiu à madrugada. Às três e quarenta, o chiado ruidoso de sua respiração cessou no colchão ao fundo da sala. Helena e Arthur moveram o corpo do programador para a edícula de ferramentas ainda no escuro, usando duas camadas de lona plástica e cobrindo os cantos com a cal viva que restava no abrigo.

Na cozinha interna, a rotina de isolamento havia se transformado em um exercício de confinamento higiênico. Teresa passara as primeiras horas lavando as canecas com água salgada fervida no fogão a lenha; a água doce da

cisterna estava reservada apenas para o consumo humano, e cada porção era medida por Helena em um copo de vidro graduado.

Lívia permanecia sentada no canto da mesa, com os olhos fixos na caixa de metal trancada onde os celulares do grupo repousavam há uma semana. Seus dedos roçavam a madeira da mesa de forma compulsiva, repetindo o movimento mecânico de quem atualiza uma página de dados que nunca mais carregaria. A proximidade entre ela e Thiago havia mudado de qualidade; não era mais o toque trêmulo do pavor da noite anterior, mas uma distância resignada, o isolamento de duas pessoas que sabiam que a última linha de dados já havia sido transmitida.

Helena ocupou a cabeceira da mesa, com o termômetro digital e o relógio analógico dispostos à sua frente como instrumentos de um tribunal clínico.

— Nós perdemos o Gabriel porque o tempo dele na cidade esgotou antes de o barco partir — começou a sanitarista, a voz desprovida do verniz de laboratório, fria como o mormaço que filtrava pelas frestas. — Nós passamos seis

dias discutindo as leis, as moedas e a carne. Hoje, o nosso tema é ***a solidão das telas****. Quero ouvir histórias sobre as conexões frias, as redes virtuais que destruíam intimidades e o isolamento urbano que já existia dentro das coberturas da capital muito antes de o vírus fechar as portas dos prontos-socorros.*

Ela olhou diretamente para Gabriel — cuja cadeira vazia parecia ocupar mais espaço na mesa do que os próprios sobreviventes — e depois voltou-se para a influenciadora.

— Lívia, sua agência vivia de gerenciar os fantasmas digitais que habitavam essas redes — comandou Helena. — Abra o nosso sétimo dia. Mostre-nos o que as telas cobravam de imposto antes de o cabo submarino romper.

Lívia arrumou os cabelos úmidos atrás da orelha, olhou para a caixa de metal trancada na cristaleira e começou a ditar o décimo nono conto do livro.

Conto XIX: O Eco de Vidro

Até o colapso do sistema de distribuição de energia na capital, o meu principal contrato de gerenciamento de crise digital era com uma mulher chamada Beatriz Viana. Beatriz não era uma atriz ou uma modelo tradicional; ela era o que o mercado corporativo chama de Virtual Lifestyle Mentor. Ela mantinha uma plataforma digital de assinaturas onde cobrava duzentos dólares por mês de cerca de oitenta mil mulheres na América Latina para fornecer o que ela denominava "Presença Plena Integrada".

O produto de Beatriz consistia em lives diárias, realizadas às cinco da manhã, onde ela exibia a rotina de sua cobertura na Vila Nova Conceição: a iluminação projetada por algoritmos que simulavam o amanhecer da Toscana, os sucos funcionais preparados por uma máquina alemã de indução magnética e o silêncio de uma casa onde não havia poeira, barulho de trânsito ou interferências humanas. O apelo era o isolamento perfeito: ela ensinava suas seguidoras a se limparem da sujeira e da desordem do

convívio urbano por meio da imersão em uma rotina puramente digital.

O que os oitenta mil assinantes não sabiam era que Beatriz Viana não saía daquela cobertura há quatorze meses. Ela sofria de uma variante severa de agorafobia de alta performance, desenvolvida após o vazamento criminoso de seus dados bancários e de suas conversas privadas por um antigo namorado de faculdade. O mundo físico, para ela, havia se tornado um território de ameaça absoluta. O apartamento dela era uma ratoeira de luxo automatizada: os mantimentos chegavam por um elevador de serviço blindado, os pagamentos eram liquidados por contratos inteligentes de blockchain e a única interação humana que ela mantinha era com a câmera de alta definição que ficava montada em um tripé no centro da sala de estar.

Eu gerenciava o suporte de moderação dessa plataforma. Meu trabalho era apagar, em tempo real, qualquer comentário que questionasse a sanidade de Beatriz ou que fizesse menção às crises de pânico que ela sofria nos intervalos entre as transmissões. Ela vivia de vender a presença plena para o mundo enquanto a sua vida privada

era um exercício de solidão matemática atrás de vidros duplos que filtravam até o som dos pássaros da Praça de República.

Quando os primeiros focos de febre hemorrágica travaram os serviços essenciais de São Paulo, a automação da cobertura de Beatriz começou a falhar. O servidor que controlava o sistema de entrega por aplicativos saiu do ar e a empresa de segurança privada que monitorava o perímetro do edifício abandonou os postos na primeira madrugada do toque de recolher militar.

Beatriz me ligou por uma linha de dados criptografada que ainda operava na frequência secundária da Faria Lima. A voz dela não tinha a modulação aveludada das lives das cinco da manhã; parecia o chiado de um rádio amador sem sintonia.

— Lívia, a água da torneira do edifício está saindo amarela e o filtro central parou de funcionar — ela me disse, enquanto eu ouvia o som mecânico das câmeras automáticas tentando reajustar o foco no escuro do apartamento dela. — Eu tentei abrir a porta blindada da sala para descer pelas escadas de emergência, mas o sistema

de fechadura biométrica travou quando a central de dados do bairro caiu. Eu estou trancada por dentro do meu próprio isolamento de luxo, Lívia.

— Beatriz, quebre o vidro da sacada. Use a mesa de centro de mármore e saia pelo terraço — eu gritei pelo telefone, enquanto tentava organizar as malas para descer a serra.

— Eu não consigo, Lívia. Os vidros são laminados quádruplos, blindados contra impactos externos. Eu paguei sessenta mil dólares para que o mundo lá fora nunca conseguisse entrar aqui — ela soltou uma risada curta, histérica, na linha. — Minha live das cinco da manhã está programada para rodar um vídeo gravado no mês passado. Tem setenta mil mulheres assistindo à minha rotina perfeita agora, comentando sobre a paz da minha cozinha, enquanto eu estou bebendo a água do reservatório do ar-condicionado para não morrer de sede no escuro.

Não chamei os bombeiros; a central de atendimento do Corpo de Bombeiros havia sido evacuada duas horas antes após a infecção de metade da guarnição do centro de São Paulo. Deixei Beatriz Viana trancada em sua própria catedral de vidro blindado na Vila Nova Conceição. A

plataforma dela continuou transmitindo os vídeos gravados de sua imunidade estética pelas setenta e duas horas seguintes, gerando curtidas e interações automáticas de milhares de assinantes que também estavam trancados em seus apartamentos na zona oeste, rezando para uma tela que exibia a imagem de uma mulher que já estava morta por desidratação no chão de mármore da própria sala de estar. As telas da capital criaram um isolamento que funcionou perfeitamente até o fim; o vírus não precisou romper os vidros blindados de Beatriz para destruí-la, bastou deixá-la sozinha com o eco de sua própria farsa digital.

Lívia encerrou a narrativa estendendo as mãos unidas sobre a mesa de vime. O silêncio na cozinha de Teresa foi pontuado pelo bater de asas de um urubu que se ajeitava sobre o teto de telhas coloniais, acima de suas cabeças.

Arthur limpou uma gota de suor frio que escorria pelo pescoço, incomodado com a crueza com que a influenciadora expusera a solidão da elite que ele mesmo habitara até duas semanas atrás. Suas bolhas de corte de lenha agora eram cicatrizes escuras, mas ele mal parecia

notar o peso físico do trabalho; seu foco estava cravado na cadeira vazia de Gabriel.

— A tela é uma parede que os homens erguem para não verem a lama da calçada — murmurou Mariana, a artista, ajeitando o xale sobre os ombros. — Beatriz Viana passou a vida privada construindo uma sepultura automatizada nos Jardins e pagou o preço de custo da própria blindagem.

Helena olhou para Thiago, cujos olhos mantinham a rigidez do jornalista investigativo que já havia visto todas as capitulações da técnica paulistana.

— O silêncio dos dados é o que mais dói na hora da vazante, Thiago — disse a sanitarista. — Lívia nos mostrou o isolamento tecnológico na Vila Nova Conceição. A palavra agora pertence a você. Mostre-nos o que os seus arquivos confidenciais revelam sobre os vazamentos de dados que destruíam a vida privada dos poderosos muito antes de o primeiro frasco de ebola quebrar nas docas de Santos.

Thiago abriu o caderno de capa dura na página seguinte,

testou a ponta do lápis de grafite na madeira da mesa e iniciou o vigésimo conto para dar continuidade ao Capítulo 8.

Conto XX: O Vazamento Primário

Eu trabalhava na equipe de dados e segurança da informação do jornal. Na nossa mesa, nós não líamos os discursos que os empresários faziam nos palcos; nós analisávamos os metadados dos arquivos que eles enviavam para a nuvem. A vida privada dos homens da Faria Lima é escrita em linhas de código, e ali não há espaço para assessoria de imprensa.

Um mês antes do colapso em Santos, nosso servidor recebeu um arquivo criptografado contendo setenta gigabytes de e-mails, transações bancárias e mensagens de voz de um homem chamado Marcelo Brandão. Marcelo era o diretor-presidente da Nexus Tecno, a maior empresa de monitoramento urbano privado de São Paulo. Ele controlava o sistema de câmeras inteligentes que cobria os bairros de alta renda da capital, vendendo para as holdings de segurança a ilusão de que a tecnologia digital poderia cercar o crime e prever a desordem muito antes de ela chegar à porta dos condomínios.

Na vida pública, Marcelo era o ideólogo da "Cidade Transparente". Na vida privada, ele mantinha um isolamento absoluto em uma mansão fortificada no Jardim Europa, protegida por três perímetros de segurança digital e reconhecimento facial. Ele não falava com vizinhos, não recebia visitas e monitorava a própria esposa, Virgínia, por meio de aplicativos espiões instalados no sistema de automação da casa. Ele fizera de seu casamento um exercício de vigilância corporativa.

O vazamento que recebemos não fora arquitetado por hackers internacionais. Fora Virgínia quem copiara os dados do servidor privado dele, na noite em que descobriu que Marcelo usava a rede de câmeras inteligentes da empresa para monitorar os passos da ex-esposa e dos filhos do primeiro casamento, operando uma rede de chantagem digital para sufocar os processos de partilha de bens que corriam em segredo de justiça. Ele usava os dados privados de todos ao redor para garantir que o seu patrimônio continuasse intacto.

Passei três noites cruzando as linhas de código. A matéria estava pronta para derrubar as ações da Nexus na bolsa de valores, expondo que o sistema de segurança urbana era, na

verdade, uma máquina de extorsão e invasão de privacidade da própria elite paulistana.
Fui até a mansão do Jardim Europa na tarde em que o Ministério da Saúde emitiu o primeiro alerta de evacuação da Baixada Santista. Marcelo me recebeu na sala de servidores do subsolo, cercado por trinta monitores de alta definição que exibiam as ruas desertas dos Jardins em tempo real.

— Thiago, se você publicar essa linha de dados, o mercado de segurança digital do país derrete em uma hora — ele disse, com a voz fria de quem opera um algoritmo de risco. — O público precisa acreditar que a tela protege. Se eles descobrirem que as câmeras servem para monitorar as suas próprias misérias privadas, o pânico social destrói a cidade antes do vírus.

— O vírus já destruiu a cidade, Marcelo — eu respondi, apontando para o monitor central, onde a imagem de uma barreira militar na Avenida Rebouças exibia caminhões do exército jogando cal viva nas calçadas. — Suas câmeras inteligentes servem apenas para filmar a morte em alta definição.

— Mas a minha rede continua operando — ele sorriu de canto, indicando as telas. — Eu tenho o controle do tráfego. Eu sei quais rotas de fuga estão desimpedidas e quais condomínios foram evacuados. Eu posso vender esse arquivo de metadados para os fundos de investimentos por trinta milhões de dólares assim que as linhas de satélite forem restabelecidas. O isolamento dos dados é o meu ativo final.

Ele não publicou a defesa. Duas horas depois, a central de energia do Jardim Europa foi desativada por um incêndio na subestação da Enel. Os trinta monitores de alta definição apagaram-se de vez, deixando a sala do subsolo imersa em uma escuridão de breu. Nesse exato momento, Virgínia, que permanecia silenciosa no canto da sala, trancou a porta blindada do bunker por fora, utilizando a chave mecânica de contingência que ela havia roubado do cofre de Marcelo na noite anterior.

Ela não levou os computadores ou os arquivos de dados. Ela levou apenas o jipe com combustível que estava na garagem e desceu a serra em direção ao litoral. Marcelo ficou trancado no próprio subsolo blindado, cercado por trinta telas pretas que ele gastara trinta milhões de dólares para instalar, descobrindo que o isolamento digital que ele

criara para monitorar a vida dos outros havia se transformado na sua própria sepultura sem luz. Ele passou os seus últimos três dias de vida gritando em um microfone sem sinal, ouvindo apenas o eco de sua própria voz nas paredes acústicas do bunker, enquanto as câmeras inteligentes da Nexus Tecno continuavam transmitindo as imagens em branco de uma capital abandonada para um servidor central que ninguém mais tinha energia para acessar. A solidão das telas dele foi matemática e absoluta; o mercado de segurança digital desmoronou porque a tecnologia não cria imunidade biológica, ela serve apenas para registrar, com uma precisão cirúrgica e gélida, o momento exato em que o dono do capital descobre que está completamente sozinho no escuro do seu próprio palácio de silício.

Thiago encerrou o vigésimo conto fechando o caderno de capa dura com o impacto suave das folhas de papel de linho. Na varanda da casa de Teresa, o mormaço da tarde já começava a dar lugar a uma umidade fria que descia da encosta do morro, trazendo o cheiro espesso da cal viva misturado ao sal marinho.

Arthur mantinha os braços cruzados sobre o peito, com os olhos fixos na fresta da porta interna da cozinha. O relato do jornalista parecia ter tocado na última ferida de seu orgulho privado: a certeza de que a holding que construíra com Antônia era apenas uma versão menos sofisticada daquela mesma ratoeira digital do Jardim Europa.

Lívia limpou uma lágrima seca no canto do olho, mantendo os dedos entrelaçados sobre os joelhos. A cadeira vazia de Gabriel continuava pesando sobre o grupo como um despacho judicial que ninguém queria assinar.

Helena olhou para Antônia, cujos olhos escuros mantinham a fixação analítica de quem estava auditando os termos daquela jornada.

— O balanço final dos dados sempre fecha com saldo negativo, Antônia — disse a sanitarista, ajeitando o relógio analógico no pulso. — Thiago nos trouxe a solidão das telas no Jardim Europa. Lívia nos mostrou o isolamento automatizado na Vila Nova Conceição. Feche o nosso sétimo dia de narrativas. Mostre-nos o que a sua vida privada recolheu de imposto quando os servidores centrais da Faria Lima entraram em colapso e o ego dos donos do

capital foi liquidado na velocidade de um clique.

Antônia ergueu o queixo devagar, olhou para a névoa amarela que continuava a avançar sobre o canal central e preparou-se para narrar o vigésimo primeiro conto deste diário de ferro e sal.

Conto XXI: O Saldo de Custódia

Durante cinco anos, eu fui a responsável pela liquidação de ativos privados de alta fidelidade no banco Patrimônio Real. Minha função na Faria Lima não era gerenciar contas correntes comuns, mas criar o que nós chamávamos de "Sistemas de Blindagem Relacional". Quando um cliente do topo do mercado financeiro passava por um colapso doméstico — um divórcio que ameaçava o controle acionário de uma indústria ou uma disputa de herança que poderia paralisar uma fusão corporativa —, a minha mesa entrava em ação. Nós criávamos holdings falsas, movíamos patrimônios para fundos exclusivos e usávamos telas de criptografia para fazer com que vidas inteiras de luxo ficassem invisíveis para a Receita Federal e para os oficiais de justiça.

Meu principal cliente privado era um homem chamado Rodolfo Alencar. Rodolfo era o diretor-executivo de uma das maiores corretoras de commodities agrícolas do país. Ele vivia de negociar safras de soja e milho por telas que piscavam vinte e quatro horas por dia, conectadas às bolsas

de Chicago e Londres. Na vida pública, ele era o arquétipo do sucesso moderno: dava entrevistas sobre meritocracia digital e mantinha uma cobertura de mil metros quadrados no Itaim Bibi, automatizada com sistemas integrados que respondiam ao toque de seus dedos na tela de um tablet banhado a ouro.

O que o mercado não via era o isolamento absoluto em que Rodolfo mantinha a sua vida íntima. Duas semanas antes de o ebola paralisar a linha férrea que trazia a soja do interior para o porto de Santos, a esposa de Rodolfo, Mariana, faleceu de um aneurisma cerebral fulminante dentro da cobertura. Em vez de abrir o inventário e notificar a família dela — o que dispararia uma auditoria judicial imediata nas contas da holding e paralisaria uma fusão de oitocentos milhões de dólares que a corretora fecharia na segunda-feira seguinte —, Rodolfo tomou uma decisão contábil.

Ele usou o sistema de congelamento criogênico de alta tecnologia que mantinha na adega do subsolo da cobertura — uma estrutura digital instalada originalmente para preservar safras raras de vinhos franceses — para ocultar o corpo de Mariana. Em seguida, ele programou o sistema de

automação residencial e as contas de inteligência artificial das redes sociais da esposa para simularem que ela ainda estava viva. O algoritmo disparava e-mails institucionais assinados por ela, postava fotos antigas com filtros de luz atualizados e respondia às mensagens de texto da família com a mesma cadência arrastada que Mariana usava nas telas.

— A presença digital é o único ativo que importa para o mercado agora, Antônia — ele me disse, na quinta-feira em que o comitê de crise decretou o toque de recolher biológico em São Paulo. Nós estávamos na sala de controle da cobertura dele, diante de dez monitores que exibiam os gráficos da fusão bilionária sendo liquidada no exterior. — Se os advogados da holding desconfiarem que a Mariana morreu, a liminar de bloqueio de bens é emitida em dez minutos. O dinheiro precisa entrar na conta de custódia das Bahamas antes que a biologia dela vire notícia.

— Rodolfo, as linhas de dados do centro da cidade estão operando por geradores de contingência — eu avisei, apontando para a taxa de oscilação do link financeiro. — A carne da sua esposa está congelada na adega, mas o

sistema elétrico de São Paulo vai cair amanhã cedo. Você está mantendo um cadáver na tomada para salvar uma planilha.

— O mercado absorve o cadáver, Antônia, desde que o saldo de custódia continue subindo — ele sorriu, os olhos vermelhos de insônia fixos na tela do tablet de ouro.

A fusão foi liquidada à meia-noite de sexta-feira. Os oitocentos milhões de dólares foram transferidos para a conta nas Bahamas. Mas, às duas da manhã, a subestação de energia da zona sul foi desativada por um incêndio químico. O sistema de automação da cobertura triplex desligou de vez, travando os purificadores de ar e as portas eletrônicas por falta de pressão hidráulica. O sistema criogênico da adega parou.

O mormaço de trinta e seis graus daquele veraneio paulistano acelerou o relógio biológico que as telas haviam tentado pausar. Em poucas horas, o cheiro da decomposição de Mariana subiu pelos dutos de ventilação desativados, invadindo a sala blindada onde Rodolfo estava trancado. Ele tentou usar o tablet de ouro para emitir a ordem de fuga para o piloto do seu helicóptero privado, mas o

aparelho exibia apenas a tela em branco de um sistema sem provedor. O saldo de oitocentos milhões de dólares estava seguro em um servidor nas Bahamas, mas Rodolfo não tinha energia para abrir o trinco eletrônico da porta da própria sala.

Ele passou os seus últimos dois dias de vida deitado no chão de mármore Carraro, com os olhos cravados nos dez monitores pretos, dividindo o ar sufocante da cobertura com os gases da carne que ele tentara transformar em saldo bancário. O isolamento tecnológico dele foi absoluto; ele morreu asfixiado pelo próprio passivo biológico que tentara esconder atrás de uma linha de criptografia, provando que na hora da liquidação final, o dono do capital descobre que passou a vida inteira alimentando fantasmas digitais em telas de vidro, e que a única coisa real que lhe sobrou foi o cheiro da morte que nenhuma quantidade de dólares no exterior conseguiu neutralizar.

Antônia encerrou o vigésimo primeiro conto mantendo as mãos apoiadas sobre a mesa de vime. O silêncio na cozinha de Teresa foi cortado pelo clique metálico do relógio analógico de Helena, que marcava o início da escuridão

definitiva daquela noite.

Na sala ao fundo, o corpo de Gabriel já não ocupava o colchão de solteiro; a edícula de ferramentas trancada nos fundos da casa era agora a única extensão física da perda que o grupo sofrera na ilha.

Arthur levantou-se lentamente de sua cadeira, caminhando até a janela de madeira voltada para o mar aberto. Seus olhos tentavam furar a névoa amarela do canal, mas o horizonte havia sumido por completo sob a cortina de fumaça das refinarias que continuavam a queimar no continente.

Lívia limpou o suor da testa com as costas da mão, mantendo-se encolhida ao lado de Thiago. O toque entre eles já não tinha o pavor dos primeiros dias, mas a resignação fria de duas pessoas que haviam compreendido o valor de face da solidão que os cercava na capital.

Helena organizou as folhas de anotações mecânicas sobre a mesa, fechando o sétimo dia de isolamento com a precisão de um relatório de óbito institucional.

— Sete jornadas pagas — anunciou a sanitarista, a sua voz firme ecoando pelas vigas de madeira do teto de telhas coloniais. — Descobrimos que as telas da Faria Lima criaram um isolamento que já nos separava do mundo muito antes do vírus, e que os saldos de custódia que os homens acumulavam nas Bahamas não compram um palmo de terra limpa para enterrar os nossos mortos.

Ela virou-se para a bióloga marinha, que permanecia encostada no batente da porta interna, com os binóculos de latão balançando no peito como uma sentença suspensa.

— Beatriz — chamou Helena. — Amanhã o governo da palavra retorna para as suas mãos. Escolha o rumo para a oitava manhã de narrativas neste refúgio de ferro e sal. Beatriz baixou os olhos para as próprias mãos calejadas pelo nylon das redes e depois voltou-se para as sete mulheres e dois homens dispostos ao redor da única chama fraca do lampião a querosene.

— Amanhã — disse a caiçara, a voz firme cortando a umidade abafada da cozinha interna — quero histórias sobre ***o fator acaso****. Quero ouvir contos onde a sorte, o azar, as reviravoltas imprevistas e os acidentes da natureza*

mudem destinos em segundos, desarmando os planos de contingência dos engenheiros e provando que a vida humana é apenas um barco à deriva na crista de uma maré que ninguém consegue governar. Arthur, tranque a porta dos fundos. O vento sul está trazendo a chuva fina da serra e a cal viva na edícula precisa ser protegida da umidade.

Os personagens se movimentaram em silêncio pela escuridão da casa de Teresa, arrastando os sapatos pesados no chão de cimento e evitando o contato dos ombros, preparando-se para enfrentar a sétima noite de confinamento na ilha cercada pela linha vermelha do horizonte e pelo silêncio do canal de sangue e sal.

CAPÍTULO 9: A Arrebentação do Tempo

DIA 8: O Fator Acaso

O oitavo dia na ilha começou com o barulho de trovões que dobravam a Serra do Mar. A chuva fina da madrugada havia se transformado em um temporal de verão, daqueles que lavam o lodo das encostas e fazem o nível dos rios subir em minutos. Na casa de Teresa, a água que escorria pelo teto de telhas coloniais começava a inundar o canto leste da sala interna. Teresa e Mariana passavam as primeiras horas da manhã posicionando baldes de plástico e latas vazias de tinta sob as goteiras, criando uma música metálica e descompassada que ecoava pelas vigas de madeira.

Na mesa da cozinha, o racionamento atingira a sua linha de corte mais dura. Não havia mais café ou mandioca. O desjejum reduzia-se a pedaços secos de peixe salgado que Beatriz limpara antes de a maré de sizígia trazer o sangue da baleia-jubarte para a costeira de pedras.

Arthur limpava a lâmina de seu canivete no tecido da

calça de sarja, com os olhos fixos na porta dos fundos que dava para a edícula de ferramentas. A morte de Gabriel havia quebrado o último elo técnico do grupo; agora, a certeza de que a contaminação compartilhava o mesmo quintal fizera com que cada um passasse a monitorar secretamente a própria saliva, os batimentos e o calor da testa.

Lívia estava sentada ao lado de Thiago, segurando uma caneca com água morna. A distância entre a influenciadora e o jornalista havia encolhido por completo na escuridão da noite anterior. Eles dividiam o mesmo banco de madeira, com os ombros colados, buscando o calor mútuo que os lençóis úmidos da casa já não garantiam. Beatriz ocupava a cabeceira da mesa, com os binóculos de latão e uma faca de filar dispostos à sua frente. Sua postura de caiçara estava rígida, esculpida pelo vento que batia contra as janelas de madeira.

— O temporal limpou a fumaça amarela do canal, mas trouxe a arrebentação para a nossa praia — começou a bióloga, a voz firme cortando o barulho das goteiras na sala. — Nós passamos sete dias tentando dar ordem ao mundo que nós deixamos para trás por meio de leis, moedas

e telas. Hoje, o nosso tema é ***o fator acaso****. Quero ouvir histórias sobre as reviravoltas imprevistas, a sorte, o azar e os acidentes da natureza que mudam destinos em segundos, desarmando os planos de contingência dos engenheiros e provando que a vida humana é apenas uma traineira sem leme na crista de uma maré que ninguém consegue governar.*

Ela olhou diretamente para Arthur, que fechou o canivete com um estalo seco.

— Arthur — comandou a caiçara. — Você passou a vida privada acreditando que o traçado das suas estradas e as plantas das suas incorporações podiam dominar a encosta do morro. Abra o nosso oitavo dia. Mostre-nos o momento exato em que o acaso cobrou a conta da sua engenharia.

Arthur engoliu em seco, olhou para as mãos calejadas, buscou o olhar de Antônia e começou a ditar o vigésimo segundo conto do livro.

Conto XXII: A Fratura do Solo

Há quatro anos, antes que a palavra "barreira sanitária" fizesse parte do nosso vocabulário corrente, a minha construtora venceu a licitação para a duplicação de um trecho crítico da rodovia que liga o Vale do Paraíba ao litoral norte. O projeto envolvia a escavação de três túneis na rocha viva e a construção de um viaduto de oitocentos metros de extensão ancorado na encosta de um morro conhecido na região de Caraguatatuba como o Morro do Tombo.

O engenheiro-chefe da obra era um homem chamado Cláudio Franco. Cláudio era o tipo de profissional que tratava a geologia como uma ciência subordinada às planilhas de bônus da empresa. Ele usava softwares de última geração alemães para calcular a estabilidade do solo e afirmava, em todas as reuniões do conselho administrativo na Faria Lima, que os muros de contenção de tirantes de aço que estávamos instalando tornariam a encosta imune a qualquer índice pluviométrico. Ele fizera de seu cargo um pedestal de infalibilidade técnica.

Na vida privada, Cláudio mantinha uma disputa surda com o próprio irmão caçula, um geólogo ambiental chamado Murilo, que trabalhava para uma fundação de conservação ecológica do litoral. Murilo passara dois meses emitindo laudos técnicos que alertavam para a existência de uma falha tectônica secundária, uma fratura invisível na rocha subterrânea do Morro do Tombo que recolhia a água das chuvas de verão e enfraquecia as sapatas de sustentação do viaduto. Cláudio ignorou os laudos do irmão, arquivando os documentos na gaveta de "passivos ideológicos" e usando o prestígio da construtora para acelerar a liberação das licenças no tribunal de obras do estado.

— O Murilo vê tragédia em cada folha que cai, Arthur — Cláudio me disse na sala de reuniões, rindo enquanto assinava o termo de início da concretagem. — A rocha é granito puro. A engenharia moderna calcula o risco com margem de segurança de quatro para um. O acaso é um argumento de quem não tem tecnologia para fechar o balanço.

A concretagem foi concluída em novembro. O viaduto foi

inaugurado com a presença do governador e as ações da construtora subiram doze por cento na bolsa de valores. A reviravolta veio na mesma semana em que o primeiro navio cargueiro foi retido em quarentena biológica nas docas de Santos. Um temporal de três dias — muito parecido com este que bate nas janelas de Teresa hoje — atingiu a Serra do Mar, despejando mais de quatrocentos milímetros de água na encosta do Morro do Tombo em menos de quarenta e oito horas.

Cláudio e Murilo estavam trancados na antiga casa de campo da família, localizada no sopé do morro, na mesma noite em que as linhas de comunicação do litoral entraram em colapso devido à pane elétrica. Cláudio tentava acessar o sistema de monitoramento digital dos tirantes do viaduto pelo notebook, mas a tela exibia apenas o triângulo vazio de falta de sinal de dados.

Às duas e quinze da manhã, o acaso operou pela mecânica da infiltração profunda. A fratura invisível na rocha que Murilo mapeara colapsou sob a pressão hidrostática da água acumulada no subsolo. Um bloco de granito de duas mil toneladas desprendeu-se do topo do morro e desceu a encosta com a velocidade de um projétil de artilharia.

O bloco de rocha não atingiu as sapatas que Cláudio calculara com a margem alemã de segurança. Ele atingiu diretamente o pilar de uma linha de transmissão de alta tensão que alimentava a subestação de energia dos hospitais do litoral. O viaduto continuou de pé, intacto e perfeito na encosta, mas o desabamento do pilar de energia paralisou os sistemas de purificação de ar do laboratório de contingência biológica que a empresa de Helena operava na Baixada Santista. O desligamento das bombas de pressão negativa permitiu que o vírus do ebola escapasse pelos dutos de ventilação para o pátio de triagem dos voluntários portuários, dando início à contaminação em massa que trancou as estradas e trouxe o exército para as calçadas em menos de setenta e duas horas.

Cláudio e Murilo saíram ilesos do deslizamento, mas ficaram retidos na casa do sopé, cercados por barreiras de terra que impediam a passagem de qualquer veículo. Na manhã seguinte, quando os primeiros operários da nossa obra começaram a aparecer no portão da fazenda, tossindo sangue e buscando o socorro que o hospital sem luz não podia dar, Cláudio descobriu que os seus softwares de quatro milhões de dólares não tinham uma linha de código

para calcular a direção de uma pedra que rola pelo morro. A engenharia dele foi perfeita, mas o acaso de uma linha de transmissão rompida destruiu a civilização que financiava as suas planilhas, provando que o traçado do progresso dos homens é apenas um risco de giz no chão que a primeira tempestade real apaga em segundos, deixando o engenheiro trancado no escuro com o laudo do irmão que ele achava que podia ignorar por toda a eternidade.

Arthur encerrou a narrativa mantendo as duas mãos espalmadas sobre a mesa de vime, os olhos fixos nas bolhas estouradas de seus dedos. A história do viaduto havia exposto a fragilidade da técnica que sustentara o seu orgulho corporativo na capital, reduzindo as suas obras em Caraguatatuba a monumentos de concreto inúteis cercados pelo vírus.

Na mesa da varanda, Teresa recolheu os pratos vazios em silêncio. O som mecânico das goteiras batendo nas latas de tinta na sala interna continuava ritmando o tempo de confinamento do grupo, lembrando a todos que a natureza da ilha operava alheia às vontades deles.

Antônia manteve os olhos fixos na fresta da porta de madeira, onde a chuva fina criava uma cortina de vapor sobre o cascalho do quintal.

— O granito racha quando a terra quer respirar, Arthur — disse Clara, a advogada, ajeitando a trança sobre o ombro. — O acaso não lê o Diário Oficial, nem respeita a margem de segurança dos bancos de investimentos.

Beatriz olhou para Thiago, cujos olhos mantinham a fixação atenta do repórter que já havia registrado todas as formas de imprevistos do mercado político.

— O imprevisto é a única lei que se cumpre sem necessidade de oficial de justiça, Thiago — disse a caiçara, guardando a faca de filar no bolso. — Arthur nos mostrou o colapso geológico na serra. A palavra agora pertence a você. Mostre-nos o que os seus arquivos confidenciais guardam sobre os acidentes geográficos que destruíram as rotas de fuga dos poderosos antes que o primeiro jipe militar fechasse o canal.

Thiago abriu o caderno de capa dura na página limpa, ajeitou os óculos com o indicador e começou a ditar o vigésimo terceiro conto do manuscrito.

Conto XXIII: A Maré de Agosto

Antes de o jornalismo político virar esse registro diário de óbitos e barreiras sanitárias, a minha pauta principal cobria os portos de escoamento de grãos. O mar da Baixada não é feito apenas de água e sal; ele é governado por correntes térmicas profundas que os práticos do porto respeitam mais do que as normas da Capitania. Se o canal de Santos racha com uma ressaca de sudeste, navios de cem mil toneladas manobram como caixas de fósforos na bacia de evolução.

O homem que comandava a engenharia de tráfego do estuário era o Dr. Nestor Valente, um engenheiro portuário de cinquenta e dois anos. Nestor passara a vida privada trancado em uma sala climatizada na Ponta da Praia, monitorando telas que exibiam a profundidade do lodo das docas por ultrassom. Ele se gabava de ter abolido o acaso da navegação comercial: usava dragas holandesas automáticas que limpavam o fundo vinte e quatro horas por dia e afirmava que o porto estaria aberto mesmo se a Serra do Mar desabasse. Na vida privada, ele mantinha

um isolamento absoluto; não tinha esposa ou filhos, e a única afeição que demonstrava era por uma coleção de relógios de marinha do século XIX que guardava em cofres de nitrogênio em sua mansão no canal 6.

A reviravolta na vida dele começou quando um cargueiro de bandeira liberiana chamado Marta Maru se aproximou da barra com três tripulantes ardendo em febre no porão de carga. O plano de contingência sanitária do Estado previa a retenção do navio a seis milhas da costa, sob quarentena absoluta. Mas o Dr. Nestor Valente recebera uma transferência de oitocentos mil dólares em uma conta secreta na Suíça, emitida por uma holding de exportação de soja cujo principal acionista era um dos diretores do fundo de Antônia. O objetivo era claro: ignorar o protocolo de saúde por doze horas, permitir que o Marta Maru atracasse na guarita 4 para descarregar o lote de grãos e liberar o navio antes que a vigilância sanitária estadual assumisse o plantão de segunda-feira.

— O risco biológico é uma variável contida, Thiago — Nestor me disse no escritório dele, apontando para o monitor que exibia a imagem digital da proa do cargueiro cruzando a linha da barra. — Os práticos conhecem a

lâmina d'água. O navio entra, descarrega em quatro horas sob pressão negativa e sai antes do amanhecer. O mercado não pode esperar o resultado de um exame de sangue feito em laboratório público.

O cargueiro iniciou a manobra de atracação à meia-noite. Mas o Dr. Nestor Valente não calculou a lua cheia de agosto, que trouxe uma maré de sizígia violenta, empurrada por uma lufada repentina de vento sul que desceu da encosta da serra com a velocidade de uma parede de ar frio.

A ressaca não atingiu o cargueiro liberiano. Ela arrancou de sua amarra uma barcaça de manutenção de ferro, velha e oxidada, que a própria empresa de Nestor deixara abandonada perto da Ponta da Praia para economizar o custo do reboque. O fardo de ferro derivou no escuro do estuário e colidiu contra o cabo principal de sustentação da torre de transmissão de rádio da Capitania dos Portos.

A queda da torre paralisou o sistema de telemetria digital que Nestor usava para orientar as dragas holandesas. Sem o monitoramento de profundidade em tempo real, o Marta Maru encalhou no meio do canal do estuário, com

a quilha cravada no lodo contaminado do fundo. O impacto rompeu as tubulações de esgoto sanitário do cargueiro, liberando os fluidos biológicos dos tripulantes infectados diretamente na rede de captação de água que abastecia os sistemas de resfriamento da refinaria de São Sebastião e os prontos-socorros da orla.

Nestor tentou usar a sua lancha privada para alcançar o navio encalhado e recuperar os oitocentos mil dólares em dinheiro que o comandante do cargueiro guardava no cofre da cabine como garantia secundária. Mas a sua própria lancha bateu contra um pedaço de destroço de ferro da torre de transmissão na escuridão do canal. O motor de popa explodiu, e Nestor foi arremessado nas águas oleosas do estuário, descobrindo que os seus relógios de marinha do século XIX não marcavam o tempo de uma correnteza que o puxava para baixo. Ele sobreviveu agarrado a um galão de plástico vazio, mas o vírus entrou por suas vias respiratórias com a água salgada que ele engoliu na manobra.

Ele foi encontrado na manhã seguinte pelos práticos, jogado na areia da praia do Góes, com os olhos vermelhos de sangue e os dedos calejados pelo esforço de não afogar. As

telas dele continuavam exibindo os gráficos de tráfego em branco no escritório climatizado, mas o canal estava oficialmente fechado por um monstro de ferro de cem mil toneladas que ninguém tinha energia para mover. O acaso de uma barcaça velha desfeita pela maré de agosto destruiu a engenharia de Nestor e transformou o porto na maior ratoeira biológica do hemisfério, provando que quando o mar decide mudar de nível, a técnica dos homens da cidade vira apenas poeira de sal flutuando na arrebentação.

Thiago fechou o caderno com o impacto seco habitual de suas anotações. Na varanda da casa de Teresa, o barulho bruto das goteiras nas latas de tinta parecia ter assumido a cadência de uma maré que avançava para dentro da sala interna.

Arthur permaneceu encostado no parapeito, com os olhos fixos na linha escura da praia. A história do porto havia exposto a fragilidade dos arranjos contábeis que ele e Antônia passavam a vida assinando na Faria Lima, reduzindo as suas garantias de fuga à fragilidade de um pedaço de ferro derivando no escuro do canal.

Lívia limpou a umidade de sua testa com as costas da mão, mantendo-se encolhida ao lado do jornalista. O toque dos ombros deles na escuridão da varanda já não carregava o pavor dos primeiros dias, mas a aceitação fria de duas pessoas que haviam compreendido que o tempo de segurança deles estava correndo na velocidade da água que subia na areia.

Antônia olhou para a bióloga marinha, cujos olhos castanhos mantinham a fixação atenta de quem conhecia a mecânica das correntes que cercavam a ilha.

— A maré de agosto sempre devolve o que a gente tenta esconder no fundo, Beatriz — disse a executiva, a voz perfeitamente controlada. — Thiago nos trouxe o colapso do estuário em Santos. Arthur abriu o dia com a fratura geológica na serra. Feche a terceira perna do nosso oitavo dia de isolamento. Mostre-nos o que a sua vida pessoal recolheu de imposto quando o acaso cruzou a sua rede nas pedras do costão.

Beatriz ergueu o rosto devagar, olhou para a névoa que continuava a subir das praias e preparou-se para narrar o vigésimo quarto conto deste diário de ferro e sal.

Conto XXIV: O Cerco da Maré

Eu nasci e cresci na Praia de Picinguaba, no extremo norte de Ubatuba. Meu pai era o mestre da rede de cerco da praia, o homem que ensinava os filhos a lerem o rastro do vento nas nuvens e a respeitarem a arrebentação das pedras pretas da Ponta do Caixa Prego. Para nós, a vida privada nunca foi uma questão de cercas ou muros de condomínios; nossa casa era feita de pau-a-pique e a nossa única propriedade real era a traineira de alumínio que meu avô construíra com as próprias mãos após a ressaca de 1968.

Há dois anos, antes de o vírus descarrilar o tráfego da rodovia Ayrton Senna, o turismo de luxo começou a desenhar uma nova divisa nas areias de Picinguaba. Um empresário da capital chamado Dr. Cláudio Viana — um homem cujo fundo imobiliário financiava as obras de Arthur — comprou três alqueires de mata atlântica na encosta do morro que dava para a nossa costeira. Ele ergueu ali uma mansão de três andares com heliporto privado e vidros laminados, cercada por um muro de concreto de quatro metros de altura que bloqueava o caminho

tradicional que os pescadores usavam para transportar os balaios de tainha até o porto de escoamento.

Cláudio Viana alegava que o caminho passava por dentro de sua propriedade privada registrada em cartório. Ele usava seguranças armados com pistolas de polímero para impedir que o meu pai e os meus irmãos pisassem na beira da praia durante o veraneio de seus filhos. Ele fizera do seu terreno um exercício de exclusão jurídica e territorial.

— A lei de zoneamento protege o direito de propriedade, Beatriz — ele me disse na única tarde em que o confrontei na guarita do condomínio. Ele usava calções de banho importados e mantinha um copo de gim na mão esquerda, rindo enquanto apontava para as câmeras de vigilância que instalara nas árvores da costeira. — Os pescadores podem usar o canal central por barco. A praia em frente à minha casa é uma área de preservação privada para o conforto da minha família. O progresso de Ubatuba não pode parar porque vocês precisam carregar balaio de peixe a pé.

O muro continuou de pé por dois verões, obrigando os homens da praia a navegarem por fora do costão durante

as ressacas, arriscando as embarcações nas pedras da Ponta do Caixa Prego para contornar a propriedade do empresário.

A reviravolta do acaso operou na mesma madrugada em que o exército lacrou os acessos da balsa de Ilhabela por causa do surto de febre hemorrágica. Cláudio Viana estava trancado na mansão do morro com a filha adolescente, que começara a queimar em febre após consumir amostras de água de uma cisterna privada que o engenheiro instalara sem o laudo de contaminação subterrânea do estuário.

Às três da manhã, um raio de temporal — muito parecido com este que sacode as telhas da casa de Teresa agora — atingiu a árvore central onde a holding de segurança instalara os cabos de alta tensão das câmeras e dos trincos eletrônicos dos portões de ferro do muro de contenção. A descarga elétrica derreteu o sistema de automação e fundiu as travas hidráulicas, deixando os portões trancados por dentro e paralisando o gerador a diesel do subsolo. A mansão virou uma estufa de vidro de trinta e oito graus na escuridão.

Cláudio Viana tentou usar o seu rádio de satélite para

chamar o helicóptero privado que o retiraria do morro, mas o aparelho havia queimado com o raio. Ele correu até o parapeito da varanda e viu, na penumbra da praia da face sul, o meu pai e os meus irmãos puxando a traineira de alumínio para o mar aberto, preparando-se para evacuar as famílias da praia em direção à Ilha das Couves antes do fechamento definitivo do canal militar.

O grande empresário desceu a escada correndo, batendo com os punhos contra o próprio muro de concreto que construíra para nos afastar de sua areia. Ele gritava pelo socorro dos pescadores através das frestas do ferro fundido.

— Mestre mestre! Eu te dou a mansão! Eu te dou as chaves da picape blindada! — Cláudio gritava na escuridão, a voz rasgada pelo pânico da febre da filha que gemia no andar de cima. — Levem a minha filha no barco! O muro está travado e eu não consigo abrir o portão dos fundos!

Meu pai parou de puxar o nylon da amarra. Ele olhou para o muro de quatro metros de concreto, depois para o marulho pesado da maré de sizígia que começava a lamber os pilares da costeira, e não respondeu. O acaso de um raio destruíra o sistema de segurança que ele pagara milhões

para instalar, transformando o seu palácio de vidro em uma prisão privativa onde a sua filha morria sem atendimento médico, a cinquenta metros de um barco que ele passara dois anos tentando expulsar da praia.

A traineira de alumínio do meu avô empurrou a água escura e se afastou da costa, deixando Cláudio Viana trancado atrás de seu próprio concreto seco, ouvindo apenas o grito das fragatas e o estalo das ondas que quebravam no muro, descobrindo que na contabilidade real da terra, o muro que você ergue para afastar os outros é a primeira linha da sepultura que você paga para deitar quando o acaso decide que a maré mudou de lado.

Beatriz terminou o vigésimo quarto conto mantendo os olhos fixos nas vigas de madeira do teto. Na cozinha interna da casa de Teresa, o silêncio que se seguiu à história da caiçara foi cortado pelo baque surdo de uma árvore que cedeu com o temporal na encosta do morro, atrás da edícula de ferramentas.

Arthur permaneceu encostado no balcão da cozinha, com as mãos enfiadas nos bolsos e a mandíbula tensa. O relato da

bióloga marinha havia retirado a última camada de sua pose corporativa, expondo as entranhas da exploração imobiliária que sustentara o seu patrimônio na Faria Lima.

Lívia limpou as lágrimas que escorriam por suas bochechas, mantendo o corpo colado ao ombro de Thiago. A escuridão definitiva da oitava noite de confinamento na ilha parecia ter encolhido os limites do refúgio, deixando o grupo imerso no mormaço denso que trazia o odor adocicado da baleia-jubarte morta na praia e o barulho bruto da chuva que lavava as manchas de cal viva na areia grossa.

Helena organizou as folhas de anotações mecânicas sobre a mesa de vime, fechando os termos daquela jornada com o clique metálico de seu relógio analógico.

— Oito jornadas pagas — anunciou a sanitarista, a voz firme cortando a umidade abafada da sala interna. — Descobrimos que o acaso é a única força que a engenharia dos homens não consegue conter em planilhas de bônus, e que as cercas digitais e os muros de concreto que eles erguiam nos Jardins servem apenas para isolá-los da própria salvação quando a maré de agosto entra no canal.

Ela virou-se para a artista Mariana, que permanecia sentada na ponta da mesa, observando o reflexo da única chama do lampião a querosene nos azulejos descascados da parede.

— Mariana — chamou Helena. — Amanhã o governo da palavra é seu. Defina o tema que as nossas histórias devem seguir na nona manhã de isolamento neste refúgio de sal.

Mariana ergueu o rosto devagar, os cabelos longos caindo sobre as clavículas. Seus olhos amendoados pareciam reter a clareza dramática de quem se preparava para abrir o último ato da tragédia.

— Amanhã — disse a artista, a voz mansa ecoando pelas vigas de madeira do teto — quero histórias sobre ***a linha de sangue****. Quero ouvir contos que falem de sacrifício, de ancestralidade, de heranças malditas e da resiliência silenciosa das mulheres através das gerações, provando que quando a civilização de papel dos homens desaba na velocidade de um clique, a linha oculta que conecta as mães e as filhas é a única estrutura que continua de pé na escuridão da terra. Arthur, verifique o trinco da porta*

interna. A tempestade está subindo a maré e o cheiro do continente vai entrar pela fresta da cozinha antes da meia-noite.

Os personagens se movimentaram em silêncio pela penumbra da casa de Teresa, arrastando os sapatos pesados no chão de cimento e trancando os trincos de ferro das janelas, preparando-se para enfrentar a oitava noite de confinamento na ilha cercada pela linha vermelha do horizonte e pelo silêncio do canal de sangue e sal.

CAPÍTULO 10: O Sangue Frio

DIA 9: A Linha de Sangue

O nono dia na ilha começou com o recuo violento da tempestade, deixando para trás um rastro de galhos partidos e o silêncio pesado da ressaca. A chuva que lavara as telhas de Teresa dera lugar a uma calmaria abafada, onde o vapor subia da terra úmida com um cheiro denso de argila e decomposição. No canal central, a névoa havia baixado tanto que a base da Serra do Mar sumira, restando apenas um espelho d'água cinzento onde os restos de óleo diesel flutuavam como manchas roxas na espuma.

Na edícula de ferramentas, o silêncio era absoluto. A cal viva que Antônia e Arthur jogaram pelas bordas da lona plástica na noite anterior formara uma crosta branca e seca sobre o chão, isolando o corpo de Gabriel da umidade do quintal. Na casa principal, os sobreviventes moviam-se com a lentidão de quem já aceitara o desenho do fim. Teresa mantinha a mesa limpa; não havia mais louça para lavar ou peixe para grelhar. A última água doce da cisterna estava guardada em duas garrafas de vidro sobre o balcão da cozinha, vigiadas pelo olhar atento de Helena.

Lívia permanecia encolhida no banco de madeira, com a cabeça apoiada no peito de Thiago. A proximidade entre os dois havia perdido o tom do pavor e do desejo urgente; transformara-se em um acordo tácito de amparo mútuo na escuridão. Os dedos do jornalista desenhavam círculos lentos no braço da influenciadora, um movimento contínuo que parecia ser a única linha de dados que mantinha os dois conectados à realidade.

Mariana ocupava a cabeceira da mesa de vime, usando uma saia longa de algodão escuro e mantendo as mãos cruzadas sobre o colo. Seus olhos amendoados refletiam a pouca luz que entrava pelas frestas das janelas trancadas.

— As leis, as moedas, as telas e o acaso nos trouxeram até aqui — começou a artista, a sua voz mansa e firme cortando o mormaço da cozinha interna. — Nós passamos oito dias desfazendo a farsa do mundo de papel que os homens construíram na capital. Hoje, na nossa penúltima jornada de narrativas, o tema é ***a linha de sangue****. Quero ouvir contos que falem de sacrifício, de ancestralidade, de heranças malditas e da resiliência silenciosa das mulheres através das gerações. Quero ver a estrutura oculta que*

continua de pé quando o mercado dos homens desaba.

Ela olhou diretamente para Antônia, que permanecia sentada ao lado de Arthur, com os dedos entrelaçados sobre o linho de suas calças.

— Antônia — comandou Mariana. — Você gerenciava as holdings e as fusões de empresas que tentavam apagar o passado das famílias tradicionais da capital. Abra o nosso nono dia. Mostre-nos o que a linha de sangue cobrou de imposto no seu mundo privado.

Antônia ergueu os olhos devagar, olhou para o marido, limpou a garganta com um som seco e começou a ditar o vigésimo quinto conto do livro.

Conto XXV: A Herança de Ferro

Eu sou a terceira geração de mulheres da minha família a trabalhar com a gestão de grandes fortunas em São Paulo. Minha avó, uma imigrante italiana que chegou ao porto de Santos em 1934, lavava os chãos das casas dos barões do café nos Jardins para garantir que a minha mãe pudesse frequentar a faculdade de economia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP. Minha mãe, por sua vez, passou trinta anos gerenciando os passivos contábeis das holdings familiares da Faria Lima, engolindo os desaforos dos diretores de terno para abrir o escritório de advocacia corporativa que eu herdei aos vinte e oito anos. Nós nunca tivemos direito a sobrenomes de brasão ou heranças de terra; nossa única linha de sangue era o trabalho mecânico e a precisão dos números.

Há dois anos, antes de os primeiros alertas sanitários travarem o porto, fui contratada para estruturar o inventário de partilha de bens de uma mulher chamada Eleonora Prado Viana. Eleonora era a matriarca de uma das linhagens mais antigas da indústria têxtil paulista,

uma mulher de oitenta e quatro anos que vivia trancada em um palacete de estilo francês nos Campos Elíseos. O patrimônio dela — avaliado em quatrocentos milhões de dólares — estava sendo disputado na justiça por seus três filhos homens, diretores comerciais que queriam liquidar a fábrica de Mauá e vender os terrenos para fundos imobiliários de luxo.

Os filhos de Eleonora viam a mãe como um passivo biológico que demorava a desocupar o balanço. Eles tentaram assinar uma ordem de interdição judicial por demência senil, alegando que a velha senhora passara a gastar os dividendos da empresa na criação de uma fundação de apoio médico gratuito para as tecelãs aposentadas da periferia de Santo André.

Reuni-me com Eleonora na biblioteca do palacete, cercada por rolos de tecidos antigos e faturas de contabilidade escritas à mão na década de cinquenta.

— Antônia, minha querida — ela me disse, enquanto me servia chá em xícaras de porcelana lascada. — Meus filhos acham que a riqueza desta família foi construída pelas mãos deles, nas salas de reunião da Faria Lima. Eles

esquecem que o ferro daquelas fundições de Mauá foi pago com o suor das mulheres que passaram quarenta anos respirando a poeira do algodão nas linhas de montagem, enquanto o pai deles viajava para a Europa. Eu não vou assinar a transferência das cotas. A linha de sangue que me prende a este chão é a das mulheres que costuraram o progresso desta cidade, e não a dos homens que querem transformar o concreto em saldo bancário.

Os filhos tentaram usar uma liminar judicial expedida por um juiz amigo de Renato para invadir o palacete e confiscar os livros de registro de ações da holding. Mas Eleonora já havia transferido o controle majoritário da empresa para uma cooperativa gerida pelas próprias operárias da fábrica, utilizando uma engenharia jurídica reversa que a minha mãe desenhara trinta anos atrás e que eu mantivera oculta nas entretelas dos contratos de custódia.

A reviravolta da linha de sangue veio na mesma madrugada em que o toque de recolher militar fechou os acessos da rodovia Anchieta por causa do ebola. Os três filhos de Eleonora foram até o palacete nos Campos Elíseos em um jipe blindado privado, tentando forçar a mãe a

assinar o distrato sob a ameaça de abandoná-la sozinha na mansão sem luz e sem água potável, enquanto os saques avançavam pelo centro de São Paulo.

Eleonora não abriu o portão de ferro. Ela permaneceu na biblioteca com a filha caçula, uma médica voluntária que abandonara o plantão do SUS para cuidar da mãe durante o início do surto. Quando os filhos tentaram arrombar a porta dos fundos usando uma marreta, as doze tecelãs aposentadas que moravam no alojamento da fundação — mulheres cujas filhas e netas trabalhavam agora nas barreiras sanitárias da periferia — cercaram o jipe blindado. Elas não usavam armas de polímero; usavam as ferramentas de ferro da tecelagem e os galões de cloro que usavam para a descontaminação biológica das calçadas.

— Podem quebrar o vidro — disse Eleonora da janela superior, segurando as mãos da filha médica. — Mas o dinheiro que vocês querem transferir não compra uma ampola de oxigênio na farmácia da esquina hoje. A fábrica de Mauá mudou de turno, rapazes. As máquinas agora estão produzindo lençóis de isolamento biológico para os hospitais públicos da zona leste, e quem assina os

decretos de distribuição são as operárias.

Os filhos tentaram recuar com o veículo, mas as rodas ficaram presas no lixo acumulado na Alameda Glete. Eles foram forçados a abandonar o carro blindado e a fugir a pé em direção aos Jardins, descobrindo que os seus títulos de diretores comerciais não valiam um passe livre nas calçadas do centro. Eleonora e a filha permaneceram no palacete, transformando o salão francês em um posto de triagem biológica para as mulheres da comunidade, lavando as feridas e costurando as mortalhas sem depender da bênção de nenhum juiz ou banco de investimentos. A herança de ferro dela foi indestrutível; a linhagem dos homens desmoronou porque o capital de papel deles não tinha raiz na terra, provando que quando o sistema biológico da cidade entra em colapso, a linha invisível que conecta as mães e as filhas no trabalho da sobrevivência é a única estrutura que continua de pé na escuridão, enquanto os donos do mundo fogem descalços pela lama do asfalto.

Antônia terminou a narrativa mantendo os braços cruzados sobre o peito, a postura firme de quem havia encerrado uma prestação de contas cirúrgica.

Na mesa da varanda, Arthur continuava imóvel, com os olhos fixos na lâmina fechada de seu canivete. A história da executiva havia exposto a simetria da ruína deles, reduzindo o seu sobrenome corporativo a uma farsa contábil que a terra da ilha começava a digerir com o cheiro da cal viva.

Teresa levantou-se lentamente da cadeira de palha, caminhando até o balcão onde as duas garrafas de água potável descansavam. Ela serviu uma porção exata na caneca de alumínio e estendeu-a para Lívia, que a aceitou com um aceno sutil de cabeça.

— O sangue não limpa com dinheiro de banco, Antônia — disse Clara, a advogada, limpando a ponta do lápis de grafite na barra da blusa. — A herança que as mães deixam é a única que não sofre deságio na hora da vazante.

Mariana olhou para a bióloga marinha, cujos olhos castanhos mantinham a fixação atenta de quem conhecia o desenho das correntes do canal.

— A linha de sangue é a rede que segura o peixe no fundo, Beatriz — disse a artista. — Antônia nos trouxe o inventário da resistência nos Campos Elíseos. A palavra agora pertence a você. Mostre-nos o que as mulheres do litoral herdaram da terra antes de as construtoras comprarem as costeiras.

Beatriz abriu o estojo de couro do binóculo, colocou o aparelho sobre a mesa de vime e começou a ditar o vigésimo sexto conto deste diário de ferro e sal.

Conto XXVI: O Sal da Restinga

Minha avó, Maria das Dores, foi a última parteira tradicional a caminhar pelos morros que cercam a enseada de Ubatumirim. Ela não tinha diploma de medicina, mas sabia decifrar o tempo de um parto pelo balanço da maré e usava cascas de barbatimão seco para estancar o sangramento das mulheres da roça. A linha de sangue que me trouxe até aqui foi escrita com o sal das praias e a reza das rezadeiras, num tempo em que a penicilina e o asfalto eram apenas lendas que os caixeiros-viajantes traziam de Taubaté.

Há três anos, um empresário da saúde suplementar chamado Dr. Guilherme Albuquerque — o principal investidor da rede de clínicas conceito que Lívia gerenciava nos Jardins — comprou os direitos possessórios da costeira onde ficava a casa de pau-a-pique da minha mãe. Ele pretendia erguer ali o Eco-Retreat Absolute, um resort de isolamento de alto luxo voltado para juízes e diretores de bancos de investimentos que queriam fugir do estresse urbano sem perder a conexão de satélite.

O Dr. Guilherme enviou dois advogados do escritório de Clara à nossa praia, trazendo pastas com mandados de imissão de posse e certidões imobiliárias lavradas em cartórios da capital. Eles alegavam que a nossa permanência na terra era irregular e ilegal pela nova lei de zoneamento costeiro.

— A herança de vocês não tem valor jurídico, Beatriz — o Dr. Guilherme me disse na única tarde em que o confrontei na rampa de acesso dos pescadores. Ele usava óculos escuros de titânio e segurava um tablet onde exibia o projeto arquitetônico das cabanas com piscinas aquecidas. — O progresso do turismo sustentável exige a remoção das benfeitorias tradicionais. A sua mãe pode ser realocada para um conjunto habitacional na periferia de Caraguatatuba. A terra da restinga agora pertence à Holding Albuquerque.

Minha mãe, uma mulher de setenta e dois anos com as mãos grossas do trabalho na roça de mandioca, não chorou e não assinou a notificação. Ela caminhou até o quintal, recolheu um punhado de terra escura misturada com conchas moídas e jogou nos pés dos advogados.

— O papel de vocês diz que a terra é de um homem que mora em cima do cimento, mas o sal desta restinga guarda o umbigo de quatro gerações de filhas minhas enterrados na base da figueira — ela falou, a voz mansa, sem o tom de briga dos fóruns. — Os homens da cidade inventam leis para roubar o chão dos outros, mas eles não sabem como segurar a encosta do morro quando a água de agosto desce da serra. Nós não vamos sair.

Os tratores da holding começaram a derrubar a vegetação rasteira na semana seguinte, cercando a casa da minha mãe com tapumes de ferro para isolá-la do acesso ao mar.

A reviravolta da linhagem veio na mesma madrugada em que o ebola paralisou o fornecimento de medicamentos nos hospitais privados de luxo do Litoral Norte. O Dr. Guilherme Albuquerque fugira da capital em seu iate privado de três andares, trazendo a bordo a única filha, uma jovem de dezoito anos que contraíra o vírus durante um coquetel na Avenida Europa. O iate bateu contra um banco de areia na barra de Ubatumirim durante a ressaca de sudeste e o gerador de energia da embarcação entrou em pane, paralisando os sistemas de refrigeração das ampolas

de antivirais importados que ele trazia no cofre da cabine VIP.

Com a filha queimando em uma febre de quarenta graus e sangrando pelas gengivas na escuridão do iate encalhado, o Dr. Guilherme foi forçado a desembarcar de bote na praia de Picinguaba. Ele correu a pé pela areia grossa, batendo com os punhos contra o tapume de ferro que ele mesmo mandara erguer ao redor da casa da minha mãe.

— Dona Maria! Beatriz! Eu pago o preço que vocês quiserem! — ele gritava no mormaço da madrugada, a voz rasgada pelo pânico de ver o seu patrimônio biológico derreter no escuro. — Minha filha está morrendo no bote! Meus antivirais estragaram com o calor! Onde está a médica da saúde pública? Eu dou as ações da holding para quem salvar a minha filha!

Minha mãe abriu a porta de pau-a-pique. Ela não pegou os papéis das ações ou a maleta de couro que ele jogara no chão de terra. Ela pegou uma garrafa de vidro com um cozimento de cascas de aroeira-vermelha e sementes de sucupira que ela colhera na restinga antes de a mata ser cercada, e caminhou até o bote na beira d'água.

Ela passou o resto da noite sentada na areia úmida ao lado da menina, limpando o sangue com panos de prato limpos e pingando o sumo amargo das ervas na boca da jovem, estabilizando as paredes vasculares dela com o conhecimento ancestral que minha avó lhe deixara na memória. O Dr. Guilherme permaneceu de joelhos na areia de Picinguaba, segurando as botas de borracha da minha mãe, descobrindo que as suas clínicas conceito de dez mil reais a consulta não tinham uma mísera folha que soubesse conter o sangramento de um órgão quando o sistema hospitalar entra em colapso.

A filha dele sobreviveu porque a linha de sangue das mulheres da restinga soube manter a calma e o prumo quando o milagre técnico dos homens virou lixo eletrônico boiando no canal. O resort de luxo nunca foi concluído; os tapumes de ferro oxidaram com o sal da maré e a figueira onde os umbigos das minhas tias estão enterrados continua de pé, sombreando a areia grossa, provando que quando a farsa orçamentária da capital desaba na velocidade de um clique, a herança da terra que as mães transmitem para as filhas é a única estrutura que continua de pé na escuridão, enquanto os donos do capital morrem de joelhos na beira do

marulho.

Beatriz terminou o vigésimo sexto conto recolhendo o anzol de três pontas que mantinha no bolso do short, limpando a ponta metálica de forma mecânica com a polpa do polegar.

Na cozinha interna da casa de Teresa, o silêncio pós-conto foi pontuado pelo som curto e rítmico de um morcego que se debatia contra o forro de cambará do teto, assustado com a calmaria pesada que se instalara do lado de fora.

Arthur mantinha os olhos fixos na mesa de vime, com as mãos cruzadas sobre o colo. O relato da bióloga marinha havia retirado a última camada de sua autoridade imobiliária, deixando-o nu diante da contabilidade de sangue que a sua construtora tentara apagar com o concreto das sapatas.

Lívia limpou a humidade de suas pálpebras com as costas da mão, apertando os dedos de Thiago com uma força silenciosa. A cadeira vazia de Gabriel, no canto afastado da sala, parecia monitorar o grupo como uma sentença judicial definitiva que ninguém tinha mais energia para

contestar.

Antônia olhou para a artista Mariana, cujos olhos amendoados mantinham a fixação atenta da diretora teatral que se preparava para encerrar o penúltimo ato de sua própria encenação.

— A linha de sangue não aceita distrato comercial, Mariana — disse a executiva, a voz saindo baixa e sem o verniz das salas de reunião. — Beatriz nos trouxe a resiliência da restinga em Ubatumirim. Antônia abriu o dia com o inventário da resistência nos Campos Elíseos. Feche a terceira perna do nosso nono dia de isolamento. Mostre-nos o que a sua arte privada recolheu de imposto quando a cortina do teatro político se rasgou na velocidade do sangue.

Mariana endireitou as costas na cadeira de vime, ajeitou o xaile de algodão escuro sobre os ombros e começou a ditar o vigésimo sétimo conto do livro.

Conto XXVII: O Último Figurino

Eu sou filha e neta de costureiras de bastidores de teatro. Minha avó passava as madrugadas alinhavando os trajes de veludo pesado das óperas do Teatro Municipal; minha mãe herdou as tesouras dela para desenhar os figurinos de época das primeiras grandes produções de cinema independente de São Paulo. Nós passamos três gerações aprendendo que a identidade de uma pessoa é algo que se molda com agulha, linha e cortes estratégicos de tecido. O luxo e a autoridade que os homens exibiam nos palcos do centro eram, na verdade, sustentados pela estrutura invisível de nós e bainhas que nós fazíamos no escuro das coxias.

Há três anos, fui contratada para fazer o figurino da peça de encerramento da temporada de uma das atrizes mais icônicas da velha guarda televisiva, uma mulher chamada Cecília Prado. Cecília tinha setenta e dois anos, mantinha o corpo esculpido por cirurgias estéticas caríssimas nos Jardins e ostentava uma vaidade aristocrática que a fazia tratar as camareiras e as costureiras como meras

engrenagens descartáveis de seu brilho público. Ela era a vitrine viva de um dos maiores conglomerados de mídia do país, cujo acionista principal era o pai de Arthur.

A peça falava sobre a decadência de uma dinastia familiar francesa. Cecília exigira que o seu figurino principal fosse costurado com um lote de seda pura importada de Lyon, uma peça que custara o equivalente ao orçamento de três meses de manutenção do galpão comunitário onde nós ensaiávamos na periferia. O texto era uma celebração da permanência do sangue nobre sobre a desordem do mundo.

— Mariana, minha querida — Cecília me disse na última sessão de prova de roupas, enquanto eu ajustava as pregas da seda ao redor da cintura dela. — O público não vem ao teatro para ver a realidade da rua. Eles vêm para ver o reflexo de uma linhagem que o tempo não consegue arranhar. A costura de vocês serve apenas para emoldurar a minha imortalidade no palco. Se o figurino não tiver o caimento exato da realeza, a peça não estreia.

Minha mãe, que me ajudava no ajuste da barra com os joelhos apoiados no chão de madeira da coxia, não levantou

a cabeça e não respondeu. Seus dedos, tortos pela artrose acumulada em cinquenta anos de agulha, mantiveram o compasso do alinhavo com uma precisão cirúrgica.

A reviravolta da linha de sangue operou na mesma madrugada em que as autoridades decretaram a quarentena absoluta no centro de São Paulo. O teatro foi fechado pelo exército na véspera da estreia. Cecília Prado ficou trancada no camarim principal com o seu figurino de Lyon, recusando-se a abandonar o prédio porque acreditava que a sua relevância cultural e o sobrenome de seus patrocinadores seriam o suficiente para garantir um salvo-conduto aéreo para o Rio de Janeiro.

Às duas da manhã, a central de energia elétrica da Praça de República colapsou de vez. O mormaço de trinta e oito graus daquela madrugada transformou os camarins sem ventilação em caixas de abafamento biológico. O vírus do ebola, trazido para os bastidores por um dos assistentes de direção que viera infectado do porto de Santos, começou a se manifestar entre a equipe técnica.

Cecília saiu correndo do camarim no escuro, arrastando a cauda de seda pura de Lyon pelo chão sujo de poeira e óleo

de máquina das coxias. Ela encontrou a minha mãe e a mim sentadas na saída de emergência, iluminadas pela única chama de um lampião a querosene, terminando de dobrar os panos de prato limpos que usávamos para organizar as ferramentas de costura.

A grande atriz tentou usar a sua voz de palco para exigir que nós usássemos o carro da produção — o único veículo com combustível que restava no estacionamento subterrâneo — para levá-la até o heliponto do Edifício Itália.

— Mariana! Dona Rosa! Eu dou o meu anel de brilhantes para vocês! — Cecília gritava na penumbra do corredor, a voz rasgada pelo pânico ao ver as primeiras manchas escuras surgirem na base de seu pescoço perfeitamente operado. — Minha pele está queimando! Esse tecido está colando no meu corpo! Me ajudem a rasgar esse vestido! O motorista fugiu e eu não sei como ligar a ignição do jipe!

Minha mãe levantou-se lentamente do chão de cimento. Ela pegou a tesoura de alfaiate de aço carbono que herdara de minha avó e caminhou até a atriz. Ela não usou a ferramenta para cortar os brilhantes ou para rasgar a seda

francesa. Ela usou o aço para cortar as tiras de linho grosso dos panos de prato, molhando-os na pouca água limpa que restava na garrafa térmica do nosso kit de costura.

Passei o resto da madrugada ao lado de minha mãe, limpando o sangue que começava a vazar pelos poros do rosto de Cecília e cobrindo o corpo dela com as tiras de linho, estabilizando a dignidade biológica de uma mulher que passara a vida nos tratando como fantasmas invisíveis. A seda pura de Lyon ficou estragada, encharcada pelo fluido escuro da infecção, grudada na pele que ela gastara fortunas para esticar. Cecília Prado morreu antes do amanhecer, trancada na coxia escura do teatro, descobrindo que o seu figurino de imortalidade aristocrática não valia uma mísera compressa de água fria quando a biologia decide encerrar o espetáculo.

Sobrevivemos porque a linha de sangue das mulheres da costura sabia exatamente como caminhar no escuro das galerias subterrâneas do Municipal, escapando dos saques e das barreiras militares por rotas que as famílias tradicionais dos Jardins nunca souberam mapear. A tesoura de aço carbono de minha avó continua aqui na minha bagagem, provando que quando a civilização de

papel dos homens desaba na velocidade de um clique, a herança do trabalho que as mães transmitem para as filhas é a única estrutura que continua de pé na escuridão, enquanto as atrizes da corte morrem sufocadas pelo luxo de suas próprias mortalhas importadas.

Mariana encerrou o vigésimo sétimo conto recolhendo o xale de algodão escuro sobre os ombros, sua voz cessando com a mesma naturalidade de quem fecha a cortina de um palco vazio.

Na cozinha interna da casa de Teresa, o silêncio que se instalou após a história da artista foi quebrado apenas pelo estalo seco de uma tora de lenha que terminou de queimar no fogão, deixando os azulejos da parede imersos em uma penumbra quase total.

Arthur permaneceu imóvel, com a testa apoiada na vidraça da janela voltada para o quintal. O relato de Mariana havia desfeito os últimos resquícios de seu orgulho doméstico; ele sabia que o jipe blindado de seu pai e as mansões suspensas de sua construtora em Ilhabela eram apenas ruínas cobertas de pó e cal viva.

Lívia soltou o pulso de Thiago lentamente, deitando a cabeça de lado no banco de madeira. Seus olhos esparramavam-se na única chama fraca do último lampião a querosene, aceitando a proximidade física do jornalista como o único saldo de custódia real que lhe restara no mundo.

Helena organizou as folhas de anotações com movimentos mecânicos e solenes, fechando o nono dia de isolamento com o clique do relógio analógico.

— Nove jornadas pagas — anunciou a sanitarista, a voz firme ecoando sob as telhas coloniais da casa. — Descobrimos que a linha de sangue das famílias tradicionais da capital é uma farsa contábil que se desfaz na primeira febre, e que as costuras e a terra que as mulheres preservaram no escuro são as únicas estruturas que resistem quando o mercado dos homens fecha o balanço com saldo de sangue.

Ela virou-se para a matriarca Teresa, que permanecia sentada na ponta da mesa, com as mãos grossas e calejadas descansando sobre a madeira descascada.

— Teresa — chamou Helena. — Amanhã o governo da palavra é seu. Escolha o tema que deve encerrar a nossa décima e última manhã de narrativas nesta ilha de ferro e sal.

Teresa ergueu os olhos velhos devagar, fitando as sete mulheres e os três homens que haviam cruzado o canal na traineira de alumínio. Sua expressão tinha a calmaria das costeiras que suportam as maiores ressacas de inverno.

— Amanhã — disse a matriarca, a voz grossa e firme quebrando o mormaço da cozinha — quero histórias sobre ***o horizonte aberto****. Quero ouvir contos que falem de recomeços possíveis, de ruínas que dão espaço a novas formas de viver e da aceitação do destino que a terra desenha para nós, provando que quando o império de concreto dos homens da cidade vira fumaça e cinzas, o mundo não acaba; ele apenas volta a ter o tamanho de uma roça de mandioca e o cheiro do sal do mar. Arthur, tranque a tranca de ferro da porta da frente. O vento leste está descendo a serra e a maré cheia vai trazer os destroços do porto para a nossa praia antes do amanhecer.*

Os personagens se movimentaram em silêncio pela escuridão da casa de Teresa, arrastando os sapatos pesados no chão de cimento e trancando as janelas, preparando-se para enfrentar a nona noite de confinamento na ilha cercada pela linha vermelha do horizonte e pelo silêncio do canal de sangue e sal.

CAPÍTULO 11: O Vento de Leste

DIA 10: O Horizonte Aberto / Epílogo

O décimo dia na ilha começou com uma mudança radical na atmosfera. O vento de leste, anunciado por Teresa na noite anterior, descera a serra durante a madrugada com a força de uma lâmina limpa. Ele varrera a névoa amarela e oleosa que sufocava o canal há uma semana, revelando, sob a primeira luz da manhã, um céu de um azul lavado, quase transparente. Pelo binóculo da varanda, Thiago notou que as colunas de fumaça das refinarias de São Sebastião haviam cessado; o fogo consumira tudo o que havia para queimar. O continente do outro lado da água parecia uma imensa maquete cinzenta, imóvel e pacificada pelo silêncio.

Na edícula de ferramentas, a crosta de cal viva sobre a lona plástica que cobria Gabriel estava perfeitamente seca. A contaminação fizera o seu trabalho e retrocedera; o perímetro da casa principal estava limpo. Helena realizara a última medição de temperatura do grupo às sete da manhã: todos marcavam trinta e seis graus estáveis. O período crítico de incubação de duas semanas havia

chegado ao fim. Eles haviam sobrevivido à peste biológica.

Na cozinha interna, Teresa serviu o último desjejum. Não havia pratos ou travessas; ela distribuiu pedaços de peixe seco defumado na lenha de cambará diretamente nas palmas das mãos de cada um. A última garrafa de água da cisterna foi dividida em porções exatas no copo de vidro graduado de Helena.

Lívia e Thiago permaneciam sentados no banco de madeira, com as mãos entrelaçadas abertamente sobre o tampo descascado. O pavor do contágio que os afastara nos primeiros dias havia sumido, dando lugar a uma cumplicidade serena de quem compartilhara o limite do escuro. Ao lado deles, Arthur mantinha o canivete guardado no bolso. Seus ombros já não carregavam a tensão do herdeiro destituído; ele observava Antônia limpar os farelos de peixe de sua calça de linho com uma calma que parecia aceitar a nova geometria do mundo.

Teresa ocupou a cabeceira da mesa de vime, apoiando as mãos grossas e marcadas pelas rugas na madeira.

— O vento de leste limpou o ar, mas não vai trazer o

mundo de papel de vocês de volta — começou a matriarca, a voz grossa ecoando pelas vigas de cambará do teto. — Nós passamos nove dias desfazendo as leis, as moedas, as telas, o acaso e o sangue dos homens da capital. Hoje, na nossa última jornada de narrativas, o tema é ***o horizonte aberto****. Quero ouvir contos que falem de recomeços possíveis, de ruínas que dão espaço a novas formas de viver e da aceitação do destino que a terra desenha para nós. Quero ver o que nasce quando o concreto vira cinzas.*

Ela olhou diretamente para a pesquisadora Helena, que terminava de recolher os frascos térmicos vazios de seu kit hospitalar.

— Helena — comandou a mais velha. — Você testemunhou o início do colapso nos laboratórios da capital. Abra a nossa última rodada. Mostre-nos o que a ciência da terra enxerga quando o horizonte se limpa de vez.

Helena ajeitou os óculos no rosto, respirou o ar frio que entrava pela janela e começou a ditar o vigésimo oitavo conto do livro.

Conto XXVIII: A Germinação do Vazio

Eu passei vinte anos trancada em laboratórios de biossegurança de nível 4, analisando estruturas moleculares que os grandes conglomerados farmacêuticos patenteavam como se fossem invenções humanas. Meu trabalho na USP consistia em catalogar a mutação do vírus e emitir relatórios de risco que os ministérios usavam para desenhar políticas públicas que, no fundo, serviam apenas para tranquilizar o mercado financeiro. Nós passávamos a vida acreditando que a técnica e o isolamento em salas de pressão negativa nos tornavam os curadores absolutos da natureza.

Uma semana antes de eu embarcar na traineira de Beatriz, recebi em meu computador o último relatório de sequenciamento genético automatizado do solo agrícola da região de Campinas, emitido por um monitor robótico que o fundo de investimentos de Antônia instalara nas antigas fazendas de café. O monitor fora programado para detectar resíduos químicos de agrotóxicos e metais pesados que a indústria despejava na terra.

Quando abri o mapa de dispersão de dados, descobri uma anomalia biológica que não tinha relação com o ebola. O vírus, ao colapsar os centros urbanos e paralisar as linhas de trator, dera início a um processo de purificação involuntária do solo. Sem o sulfato de amônio e os pesticidas industriais que as multinacionais injetavam na terra para acelerar as safras comerciais, as sementes nativas de árvores pioneiras da mata atlântica — sementes que jaziam dormentes sob o asfalto e as plantações de cana-de-açúcar há mais de oitenta anos — haviam começado a quebrar a casca.

A engenharia reversa da natureza operara em silêncio. A ausência do homem da cidade permitira que a microbiota do solo recuperasse a sua acidez original em menos de dez dias de paralisia industrial. Os fungos micorrízicos, que conectavam as raízes das árvores nativas no subsolo e que haviam sido sufocados pelas fundições do ABC, estavam restabelecendo as linhas de comunicação biológica por baixo das rodovias abandonadas.

Fui até a fazenda experimental de Campinas na tarde do apagão de dados, usando a última viatura do laboratório

da universidade que ainda tinha combustível. Encontrei o agrônomo-chefe do projeto, um homem de setenta anos chamado Dr. Arnaldo, sentado na soleira do laboratório desativado. Ele não trazia luvas de látex ou máscaras de feltro; estava de pés descalços sobre a terra úmida, observando os primeiros brotos de jacarandá rasgarem o concreto do estacionamento dos diretores.

— Helena, os softwares de previsão de mercado da Aegis diziam que o abandono das lavouras causaria um deserto biológico na região — ele me disse, colhendo um broto verde entre os dedos ásperos. — Eles calculavam o prejuízo com base na falta de adubo químico. Eles esqueceram que a terra passou dez mil anos funcionando sem precisar de uma folha de balanço. O vírus limpou o hospedeiro que estava intoxicando o solo. O horizonte aqui não é de morte, Helena. É de germinação.

— Mas a capital está sem hospitais, Arnaldo. A população fugiu para as estradas — eu respondi.

— A população que fugiu vai descobrir que a terra limpa cura mais do que os antivirais de Campinas, Helena — ele sorriu, os olhos velhos fixos na linha do horizonte que

começava a clarear. — O mercado desabou porque a técnica dos homens tentava forçar o ritmo de um corpo que não aceita decreto de urgência. As ruínas desses galpões industriais agora servem apenas como adubo de nitrogênio para a floresta que está subindo o morro. A ciência do mercado morreu; o que ficou foi a biologia da terra retomando o seu espaço de direito, provando que quando o império de concreto dos homens vira fumaça, o mundo não acaba, ele apenas volta a respirar sem o peso do silício.

Deixei o Dr. Arnaldo sentado na terra de Campinas, assistindo à floresta engolir os tratores inúteis da fazenda, e desci para o litoral sabendo que as amostras puras do vírus que eu trazia nas caixas térmicas não eram um anúncio do fim do mundo, mas o selo de encerramento de um contrato de exploração que a biologia decidira rescindir por falta de conformidade da nossa espécie. O horizonte que se abria na serra era o desenho de um recomeço verde e silencioso que nenhuma construtora ou holding financeira teria energia para privatizar novamente.

Helena encerrou o vigésimo oitavo conto recolhendo os

óculos e colocando-os sobre as folhas de anotações médicas, que agora pareciam apenas registros arquivísticos de uma época distante.

Na mesa da cozinha, o silêncio que se instalou foi de uma calmaria física. O som metálico das goteiras na sala interna cessou por completo; o sol de leste começava a secar as telhas de barro da casa de Teresa, iluminando os azulejos descascados com uma claridade limpa.

Arthur olhou para as próprias mãos, onde as cicatrizes do trabalho com a lenha começavam a fechar. Ele respirou o ar frio que vinha do canal, sentindo que o peso de seu sobrenome corporativo havia se dissipado com a fumaça das refinarias.

— O jacarandá rasga o cimento porque o cimento é fraco perto da raiz — murmurou Mariana, a artista, ajeitando o xale de algodão sobre os ombros. — Helena nos trouxe a germinação das ruínas em Campinas. Teresa, quem você escolhe para fechar a penúltima perna do nosso diário de isolamento?

Teresa estendeu a mão na direção da advogada, cujos dedos

longos repousavam sobre a folha de papel almaço em branco.

— Clara — disse a matriarca, a voz mansa cortando o mormaço da sala. — Você limpou os nós das leis que trancavam os casamentos e o patrimônio das famílias na capital. Mostre-nos o que o horizonte aberto escreve nos seus arquivos privados quando os tribunais de papel perdem o poder de julgar.

Clara ajeitou a trança sobre o ombro, abriu a folha de papel almaço e começou a ditar o vigésimo nono conto do manuscrito.

Conto XXIX: A Alforria do Solo

Eu trabalhei por quinze anos no terceiro andar do Palácio da Justiça, na Sé, lidando com o direito das sucessões. Minha rotina consistia em ler testamentos de homens que, mesmo à beira da sepultura, tentavam governar a vida de suas famílias por mais três gerações. Eles amarravam cláusulas de inalienabilidade, criavam usufrutos perpétuos e impunham restrições que transformavam seus herdeiros em meros curadores de tijolos e fazendas. O maior processo que gerenciei envolvia a herança de terras de um clã de cafeicultores do interior, os ***Machado*** *da Rocha, donos de duas glebas de três mil alqueires de cana-de-açúcar na região de Ribeirão Preto.*

O patriarca, Dr. Waldemar, deixara um testamento com cento e quarenta páginas de impedimentos. A terra não podia ser vendida, loteada ou penhorada por cinquenta anos; ela deveria permanecer intacta, gerando dividendos para sustentar o status de quatro holdings com sede na capital. Os filhos e netos passavam as décadas se digladiando nos corredores do fórum, gastando fortunas

em perícias e recursos apenas para decidir quem tinha o direito de cortar uma árvore ou assinar um contrato de arrendamento. A terra, para eles, era uma extensão do ego do patriarca morto.

Quando o surto de ebola paralisou as atividades do tribunal de justiça e os funcionários abandonaram os cartórios, o sistema de registros digitais de imóveis foi desativado. Fui até a comarca de Ribeirão Preto na última quarta-feira antes do fechamento das ferrovias, para tentar resgatar as certidões físicas originais do inventário que estavam trancadas no cofre do cartório do primeiro ofício.

Encontrei a sede do cartório abandonada, com as portas de ferro abertas e os arquivos de aço revirados pelos saques. No pátio central, sentada em cima de uma pilha de livros de registro de imóveis da década de quarenta, estava a Dra. Irene, uma tabeliã aposentada de setenta e cinco anos que se recusara a evacuar a cidade com a família. Ela usava os papéis timbrados das escrituras públicas para alimentar uma pequena fogueira onde fervia uma panela de ferro com milho verde.

— Clara, minha querida — ela me disse, rasgando uma folha de registro de hipoteca de oitocentos alqueires para atiçar o fogo. — Os ***Machado*** *da Rocha passaram meio século me pagando custas e emolumentos para registrar as cercas que o Dr. Waldemar desenhara no papel. Eles achavam que o cartório garantia a eternidade da posse deles. Mas o vírus queimou os servidores e os sargentos da barreira sanitária não leem o livro de registro.*

— Irene, essas escrituras são a única prova de propriedade que a família tem para retomar os canaviais após a crise — eu disse, olhando para as chamas que consumiam as assinaturas em relevo.

— A terra não quer saber de dono que assina com caneta esferográfica, Clara — ela sorriu, estendendo-me uma espiga de milho. — Os canaviais deles foram incendiados ontem pelos próprios trabalhadores rurais que abandonaram o corte e ocuparam os eixos das fazendas para plantar feijão e subsistência. A terra finalmente ganhou alforria do papel do Dr. Waldemar. O horizonte aqui na roça não é de litígio, é de plantio. As holdings da capital viraram fumaça digital, mas o solo continua respondendo a quem sabe segurar a enxada.

Deixei a Dra. Irene na praça do fórum de Ribeirão Preto, alimentando a sua fogueira com as certidões de usufruto perpétuo, e caminhei em direção ao litoral sabendo que as leis que eu defendera por toda a vida privada eram apenas uma farsa burocrática que a primeira crise biológica desfez com um sopro de vento. As terras dos ***Machado*** *da Rocha foram devolvidas à mecânica do solo e as cercas de arame farpado agora serviam apenas como arrimo para o crescimento das ervas nativas, provando que quando a ordem cartorária dos homens desaba na velocidade de um clique, a terra se limpa das heranças malditas e o horizonte se abre para quem sabe aceitar o ritmo do plantio e o tempo do sal.*

Clara dobrou a última folha de papel almaço em silêncio, depositando o lápis de grafite no centro da mesa de vime de forma definitiva. Na cozinha de Teresa, a claridade limpa do sol de leste começava a desenhar linhas de ouro sobre o chão de cimento úmido, apagando a última penumbra que cercara os personagens nos dias anteriores.

Lívia encostou a testa no ombro de Thiago, respirando o ar

frio que entrava pela janela com uma serenidade que ela não conhecia nas coberturas dos Jardins. Suas mãos continuavam unidas às do jornalista, um toque que agora representava a aceitação da nova realidade desprovida de redes ou vaidades.

Arthur levantou-se lentamente de seu banco de madeira, caminhando até o centro da sala interna onde o rádio amador de Gabriel permanecia mudo. Ele limpou a poeira que cobria as placas de circuito com a palma da mão, olhou para Antônia e deixou o canivete de grife cair dentro do balde de plástico de goteiras vazias, descartando a última ferramenta de seu controle corporativo.

Teresa olhou para as sete mulheres e dois homens que restavam ao redor da mesa comprida. Seus olhos velhos ganharam um brilho manso, o brilho das costeiras que suportaram a tempestade e viram o mar acalmar na praia.

— Vinte e nove jornadas pagas — anunciou a matriarca, a voz grossa e firme ecoando pelas vigas de cambará do teto coloniais. — Descobrimos que as heranças e as leis da capital são apenas poeira de papel que o vento de leste

limpa do canal, e que o horizonte aberto que a terra nos oferece não tem preço de mercado. Antônia, a palavra final desta obra pertence a você. Feche o nosso décimo dia de isolamento. Mostre-nos o que a sua carne recolheu de saldo real quando a última linha do balanço foi escrita na velocidade da terra.

Antônia ergueu o queixo devagar, fixou os olhos na linha escura da praia onde a cal viva já havia se misturado à areia grossa, entrelaçou os dedos sobre os joelhos e começou a ditar o trigésimo e último conto do manuscrito.

Conto XXX: A Linha do Horizonte

Eu passei a minha vida privada diante de janelas de vidro duplo que davam para outras janelas de vidro duplo. Na Faria Lima, a nossa visão do horizonte era sempre mediada por um índice de rentabilidade ou pelo valor de mercado das torres comerciais que ajudávamos a erguer. Nós calculávamos a distância pelo tempo que um jipe blindado levava para cruzar a Marginal Pinheiros, e acreditávamos que o futuro era uma linha reta, ascendente, projetada nos gráficos de desempenho das holdings financeiras. A nossa intimidade doméstica era um balanço contábil que nós auditávamos com o silêncio de casamentos arranjados por interesse patrimonial.

O meu último caso no fundo Metrópole Capital envolveu a mim mesma e ao homem que assina as planilhas da minha construtora parceira, o Arthur. Três semanas antes de o primeiro caso de ebola travar os portos da costa, nós nos reunimos na sala de jantar da nossa cobertura nos Jardins para assinar as minutas de um distrato de dissolução societária e afetiva. O nosso casamento havia se reduzido a

uma disputa técnica de ativos: quem ficaria com as ações do fundo imobiliário de Ubatuba, quem assumiria as cotas da Vanguard e qual conta nas Bahamas receberia as taxas de custódia das nossas empresas de fachada. Nós usávamos os nossos advogados para mediar o toque, e a nossa única linha de comunicação privada era escrita em petições de partilha amigável.

— Antônia, o distrato precisa ser homologado antes da auditoria de final de ano — Arthur me disse naquela noite, apontando para as folhas de papel timbrado com a sua caneta de pena de ouro. — Se o mercado descobrir que as nossas holdings estão se separando, as ações da construtora perdem a liquidez na bolsa. Nós precisamos manter a imagem de solidez estrutural até a liquidação final do fundo.

O acordo estava pronto para ser assinado na manhã de segunda-feira. Mas a biologia do litoral não esperou a nossa homologação de cartório. O vírus desceu a serra, trancou as estradas e derreteu a rede de dados que sustentava as nossas transações nas Bahamas.

Quando entramos na traineira de alumínio de Beatriz, na

rampa de São Sebastião, nós trouxemos na bagagem as pastas de couro com as minutas do distrato e as canetas de ouro, acreditando que a ilha de Teresa seria apenas um intervalo provisório onde nós renegociaríamos os juros da nossa separação.

A reviravolta final do horizonte aberto operou no momento em que a edícula de ferramentas recebeu o corpo de Gabriel. Ao ver a cal viva cobrir a lona plástica na escuridão do quintal, eu descobri que o distrato que nós passáramos meses desenhando na capital já havia sido executado pela terra muito antes de cruzarmos o canal. O Arthur não era mais o herdeiro da construtora que privatizava as praias de Ilhabela; ele era o homem cujas mãos estavam cheias de bolhas por causa do corte da lenha que nos mantinha aquecidos na penumbra. Eu não era a diretora de investimentos que precificava o desespero alheio; eu era a mulher que limpava as canecas de alumínio com água do mar fervida para garantir que o Thiago e a Lívia tivessem um palmo de linha d'água limpa para beber.

O nosso dinheiro digital e os títulos de propriedade das mansões suspensas de Ubatuba viraram apenas poeira eletromagnética presa em servidores que ninguém mais tem

energia para acessar. O distrato que nós assinamos na Faria Lima perdeu o valor de face porque a estrutura de classe que nos separava desabou na velocidade de um clique. O horizonte que se abriu para nós nesta varanda não tem preço de custo e não aceita auditoria independente; ele nos reduziu ao tamanho exato da nossa utilidade física na sobrevivência coletiva, provando que quando a civilização de papel dos homens da cidade vira fumaça e cinzas, o casamento e as posses que nós acumulamos não valem uma mísera mandioca cozida no fogão a lenha, e que a única linha que realmente nos sobrou foi a clareza limpa do marulho que nos ensina a recomeçar do zero, sem o peso do orgulho e sem as amarras de um mundo que já não tem mais hospedeiros vivos para ler as nossas leis de papel.

Antônia encerrou o trigésimo conto deixando as mãos repousarem abertas sobre a madeira da mesa de vime, em um gesto que parecia entregar a última linha de balanço de sua vida passada.

Na cozinha de Teresa, a claridade do sol de leste atingira o seu ponto mais alto, lavando as paredes de azulejos descascados com uma luz branca e violenta. O temporal da

véspera havia passado de vez; não se ouviam mais goteiras nas latas de tinta e o vento que vinha da praia trazia apenas o cheiro limpo do sal marinho, indicando que a carcaça da baleia-jubarte fora finalmente arrastada pelas correntes de retorno para o fundo do canal.

Arthur levantou-se lentamente, caminhando até a cabeceira da mesa. Ele parou ao lado de Antônia, olhou para as mãos da esposa e, sem dizer uma palavra, colocou a sua mão calejada sobre os dedos dela. Não era o toque comercial das salas de reunião, nem a pose defensiva dos últimos anos; era o reconhecimento silencioso de duas pessoas que haviam sobrevivido à queda do próprio império e que aceitavam a nova nudez do destino que os cercava.

Lívia e Thiago levantaram-se juntos, com os dedos ainda entrelaçados. A influenciadora digital olhou para a caixa de metal trancada na cristaleira, sorriu de canto e caminhou até a porta da varanda, deixando o pavor das telas para trás. O jornalista trazia o caderno de capa dura debaixo da armadura de seu braço, mas a caneta de grafite permanecia guardada no bolso; as trinta histórias estavam escritas, e o arquivo agora pertencia ao silêncio da ilha.

Helena organizou os frascos de seu kit médico dentro da caixa térmica e calçou as últimas botas de borracha limpas. Ela olhou para a bióloga marinha Beatriz e para a matriarca Teresa, que permaneciam de pé junto ao parapeito da varanda, observando a calmaria do canal central.

— Catorze dias de isolamento — anunciou a sanitarista, sua voz ecoando com a solenidade de um laudo de liberação definitivo. — O perímetro está limpo. O sangue retrocedeu. Nós estamos salvos da peste.

Beatriz baixou os binóculos de latão e apontou com a mão para a linha da barra da face norte.

— O canal central está livre de navios militares — disse a caiçara, a voz firme cortando o barulho das marés. — A fragata subiu a costa em direção ao Rio de Janeiro e não há mais fumaça nas refinarias de São Sebastião. O continente silenciou por completo. Se quisermos descer a traineira para a água hoje à tarde, a maré cheia vai nos dar o prumo exato para cruzar as pedras sem bater o fundo.

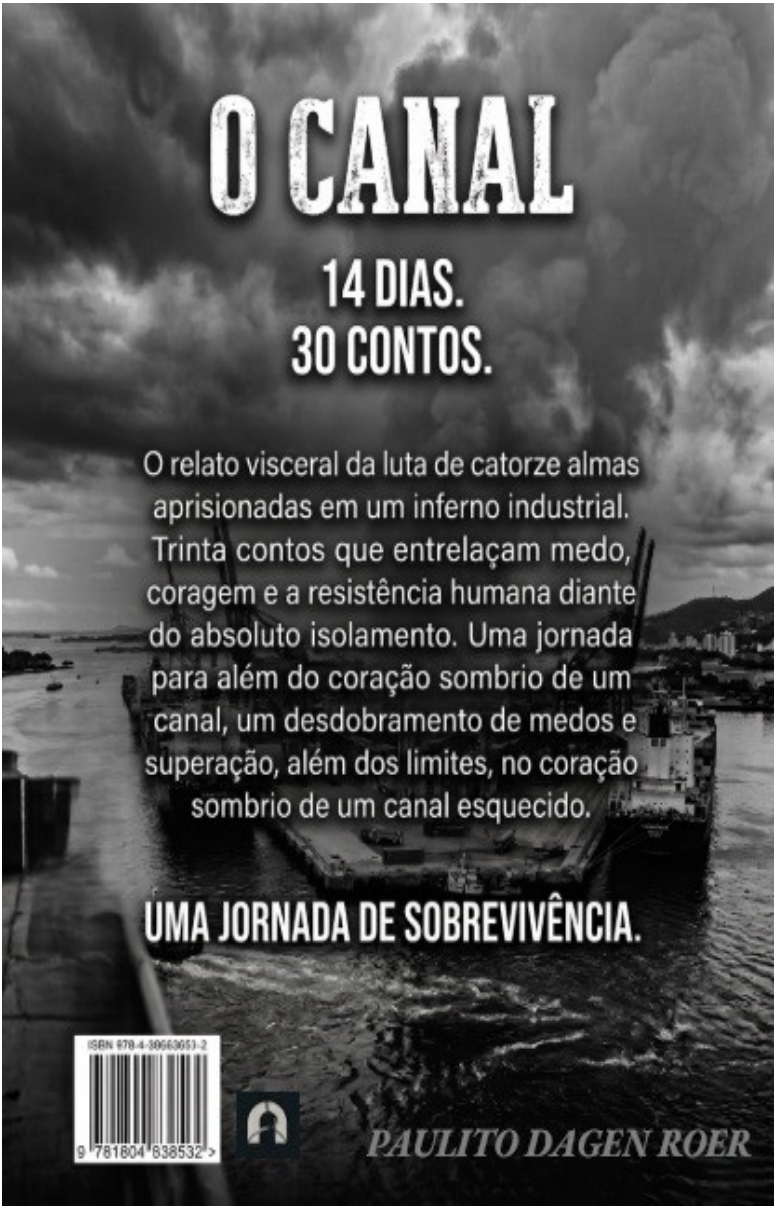
Os sobreviventes caminharam até a beira do parapeito,

alinhados sob a luz do meio-dia. Sete mulheres e dois homens que haviam cruzado a balsa sob o pânico do fim do mundo e que agora observavam o Litoral Norte de São Paulo como um imenso território em branco, desprovido de guaritas, condomínios fechados, agências bancárias ou redes digitais. A civilização de concreto que eles haviam passado a vida construindo fora reduzida a uma imensa ruína cinzenta sob a floresta que começava a descer a serra.

Eles não sentiam alegria ou o alívio ruidoso dos vencedores; traziam nos olhos a gravidade de quem vira a farsa humana ser desfeita pela precisão matemática de um vírus e o silêncio de Gabriel enterrado sob a cal viva no quintal dos fundos. Mas ao olharem para a traineira de alumínio ancorada na areia grossa da praia, sentiram que a linha do horizonte que se abria diante deles não era uma fronteira de exclusão ou uma ratoeira de luxo; era a promessa de um chão limpo que aceitaria o traçado de novas formas de viver.

Teresa pegou a sacola de lona com as sementes de mandioca e as três facas de cozinha embrulhadas em panos de prato e foi a primeira a descer a rampa de madeira em direção à areia. Beatriz seguiu-a, operando as amarras do barco com

a segurança ancestral de sua linhagem caiçara. Os outros se movimentaram em sequência, mantendo os ombros próximos e os corpos alinhados, deixando para trás a casa de veraneio de Haroldo Montenegro como um monumento vazio de um tempo que a biologia decidira encerrar. O mundo não havia acabado nas duas semanas de isolamento; ele havia apenas recuperado o tamanho exato da terra úmida e o cheiro do sal do mar, abrindo o horizonte para que as sete mulheres e os dois homens empurrassem a quilha de alumínio contra a espuma branca da arrebentação e navegassem em direção ao recomeço silencioso que os aguardava do outro lado do canal.


O CANAL
14 DIAS.
30 CONTOS.
O relato visceral da luta de catorze almas aprisionadas em um inferno industrial. Trinta contos que entrelaçam medo, coragem e a resistência humana diante do absoluto isolamento. Uma jornada para além do coração sombrio de um canal, um desdobramento de medos e superação, além dos limites, no coração sombrio de um canal esquecido.
UMA JORNADA DE SOBREVIVÊNCIA.
ISBN 978-4-39663053-2
9 781804 838532
PAULITO DAGEN ROER